

Paulo Eduardo de Andrade Baltar

DIFERENÇAS DE SALÁRIO E PRODUTIVIDADE NA ESTRUTURA
INDUSTRIAL BRASILEIRA (1970)

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Estadual de
Campinas, sob a orientação da Pro-
fessora Doutora Maria da Conceição
Tavares.

Campinas, setembro de 1977

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

A meu pai

Para Eugenia, Valéria e Alfredo

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não teria sido possível, sem o estímulo constante que recebi dos amigos e colegas da Universidade, desde as conversas informais até o acompanhamento próximo, formas abertas e fraternais de convívio, típicas do Departamento de Economia da UNICAMP.

A todos o meu muito obrigado.

De Maria da Conceição Tavares recebi o auxílio constante e a crítica positiva desde o momento da definição do tema e equacionamento dos problemas até a elaboração dos resultados. Mas é sobretudo ao carinho e à dedicação com que o fez que agradeço profundamente.

Com seu rigor teórico e sua ampla e fecunda imaginação, muito me auxiliaram João Manuel Cardoso de Mello, Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo, Luciano Coutinho e Wilson Cano.

Inestimável foi também o trabalho de discussão e revisão que comigo fizeram meus amigos Carlos Eduardo do Nascimento Gonçalves, Liana Aureliano da Silva, Maria Hermínia Tavares de Almeida, Mário Possas e Sônia M. Draibe.

Candida, Neide, Nilton, Tião e seu pessoal constituíram a equipe indispensável para que este trabalho pudesse vir a público.

Finalmente, este trabalho contou com o suporte material oferecido pelo Convênio IPEA/INPES/UNICAMP, do qual esta pesquisa faz parte e a cujos coordenadores e executores dirijo meus agradecimentos.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é o de estudar a diferenciação de salários no interior da estrutura industrial brasileira. Em vez de me fixar na dinâmica do processo de industrialização, verificando a forma em que evoluiu a estrutura de salários, dedico-me a analisar as diferenças de salários na estrutura industrial de um momento determinado.

Escolhi o ano de 1970 tendo em vista a disponibilidade de informação contida no Censo Industrial deste ano e tratei de proceder a uma abertura estatística da estrutura industrial numa classificação de quatro dígitos, objetivando melhor aproximação do conceito de mercado.

Embora não trate explicitamente da dinâmica do processo de industrialização, nem da formação histórica da organização da classe assalariada e do mercado de trabalho, pretendo destacar as evoluções assimétricas das organizações do mercado de trabalho e da indústria, que acompanham o processo de desenvolvimento capitalista no Brasil.

A grande amplitude das categorias trabalhistas contribui para a uniformização do padrão salarial, diminuindo o nível dos salários de empresas e de ramos de in

dústrias de elevada produtividade do trabalho e possivelmente aumentando o nível de salários dos que têm menores produtividades.

O efeito da "uniformização de salários" sobre a participação da massa de salários no produto industrial é então contraditório, pois ao mesmo tempo que reduz esta participação nos ramos de indústrias de maior produtividade, contribui para a elevação da mesma nos ramos de produtividade mais baixa. O resultado final da "uniformização" depende das modificações na composição do produto industrial, ou seja, das mudanças em sua distribuição entre ramos de altos e de baixos níveis de produtividade do trabalho.

Num processo de industrialização acelerado e diversificado, com implantação de novos ramos de indústrias em curto período de tempo, aqueles de maiores níveis de produtividade, provavelmente os mais novos, tendem a elevar bruscamente suas participações no produto total. Se os trabalhadores desses novos ramos estão na mesma categoria trabalhista que outros de ramos com menores níveis de produtividade, a participação de seus salários no produto será menor que no caso em que pertençam a distintas categorias de trabalho.

O fato dos ramos de maior produtividade aumentarem suas participações no produto total não implica necessariamente uma queda efetiva da participação global da massa de salários no produto industrial. Há uma grande

diversidade nos processos de produção de distintos ramos de indústrias e aqueles de alta produtividade, podem ser ao mesmo tempo de intenso uso de trabalho, de modo que neste caso a participação da massa de salários em seus produtos não cai de maneira pronunciada.

Nossa hipótese é de que, sem levar em conta as características dos processos de produção dos distintos ramos, a participação da massa de salários no produto total poderia ser maior, caso o mercado de trabalho estivesse organizado de tal forma que considerasse explicitamente as distintas condições dos ramos industriais.

No entanto, para a compreensão correta do problema a ser tratado, torna-se necessário recorrer a uma digressão sobre o caráter geral do desenvolvimento do capitalismo nos aspectos que mais interessam para o estudo das modificações da natureza do trabalho e seus efeitos sobre a composição e diferenciação da classe trabalhadora.

1. Desenvolvimento Capitalista e Diferenciação Salarial na Estrutura Industrial - Considerações Gerais

Um dos aspectos principais na estruturação da classe trabalhadora é a diferenciação de salários que se observa no interior da indústria. O enfoque mais frequente deste problema dá ênfase à falta de mobilidade do trabalho entre indústrias e funções. Explica-se o caráter permanente das diferenças de salários, através de proposições tautológicas, onde as diferenças de salários refletiriam a

existência de grupos não concorrenciais de assalariados. A referência à falta de transitividade da força de trabalho é superficial, pois apenas registra uma situação evidente na própria diferenciação de salários, nada agregando à sua compreensão.

Na verdade, a segmentação do mercado de trabalho resulta de um complexo de fatores refletindo, todos eles, aspectos econômicos e socio-políticos do desenvolvimento do capitalismo. Na minha análise buscarei deter-me naqueles aspectos ligados à evolução da tecnologia, à crescente monopolização da economia, à evolução da estrutura sindical e à intervenção do Estado no mercado de trabalho.

A segmentação é um sintoma em primeira instância, de um fato eminentemente técnico. Ela acompanha as dinâmicas tecnológicas diferenciadas dos processos de produção existentes na indústria, tornando-se mais visíveis à medida em que avança o capitalismo. Isto se torna claro na etapa monopolista quando se configura uma estrutura industrial tendente a heterogeneidade marcante.

O dinamismo tecnológico do capitalismo tende em geral a prescindir da força de trabalho diretamente produtiva, como consequência do crescimento da produtividade do trabalho (1). Entretanto, este não é um processo li-

(1) Breverman, H.- Trabalho e capital monopolista, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1977.

near que se verifique uniformemente em todos os ramos industriais. Podemos identificar distintos processos de produção que implicam diferentes formas de trabalho, onde o progresso técnico tem efeitos diversos sobre a natureza do trabalho, sobre a diferenciação de funções e sobre as exigências de especialização do trabalhador (por exemplo: podemos distinguir as indústrias de processos contínuos, das de linha de montagem, as indústrias que usam máquinas de produção individualizadas, das que usam sistemas de máquinas automatizadas, etc.).

Cada tipo de indústria tem uma particular intensidade no uso do trabalho e uma determinada estrutura de funções que requerem maior ou menor grau de especialização da força de trabalho.

As exigências de especialização não significam apenas requisitos de capacitação formal. Tanto ou mais importante é, em geral, o aprendizado dentro do próprio processo de trabalho, que torne a mão-de-obra adequada ao desempenho e evolução das funções, segundo a dinâmica tecnológica das indústrias. Quer dizer, a capacitação formal da mão-de-obra em escolas técnico-profissionais não anula a necessidade do aprendizado na própria fábrica e os requisitos de experiência na profissão. Mais ainda, dado o ritmo de desenvolvimento tecnológico, a especialização formal do trabalhador, tem muitas vezes resultado em obstáculos à sua adaptação às condições de trabalho, permanentemente em processo de mudança. Aliás, a literatura específica tem se debatido

entre a conveniência de uma formação geral, versus a especialização para a melhor preparação da força de trabalho, tendo em vista os requisitos da indústria moderna.

O desenvolvimento do capitalismo e sua dinâmica técnica específica estão recriando constantemente novas necessidades de especialização, de modo que não se trata de aprender formalmente o desempenho de funções pré-estabelecidas. Nessas condições, mais importante que o aprendizado formal das características das funções é a experiência profissional no seu desempenho cotidiano, onde a força de trabalho aprende a se adaptar à própria evolução das distintas funções produtivas.

Os requerimentos de especialização no capitalismo não se derivam de necessidades de "qualificação técnica" ditadas pelos processos de produção. Eles estão estreitamente vinculados às mudanças da estrutura produtiva e concomitantes transformações nos processos de trabalho. Assim sendo, na perspectiva de sua evolução, o problema do capitalismo não é o de "qualificar" mão-de-obra para processos produtivos presentes, se não, que deriva-se da constante ruptura de uma estrutura de "qualificação" dada, que só pode ser realizada no âmbito do próprio processo de trabalho e que portanto, minimiza as funções da educação formal como mecanismo de especialização profissional.

O desenvolvimento do capitalismo não apenas transforma continuamente os processos de produção no interior das empresas e as suas estruturas de funções, mas tam-

bém modifica constantemente a estrutura do emprego por ramos de indústrias. Os aumentos de produtividade do trabalho não são uniformes em todos os ramos, nem em suas distintas empresas e há contínuas mudanças na composição da produção e do emprego de cada ramo e por empresas de distintos níveis de produtividade (2). A necessária adaptação da classe operária às modificações das condições gerais de produção, resulta pois numa estrutura ocupacional em contínuo modificação.

É preciso levar em conta uma segunda ordem de fatores, aqueles que dizem respeito à crescente monopolização da economia e à implantação e consolidação das diversas estruturas oligopólicas de mercado (3). Das novas características da organização industrial surgem diferenciações ao nível do poder de que dispõem distintas frações do capital frente a outras, e em especial, frente ao trabalho. O tamanho das empresas, como veremos, refletindo a intensidade de capital e a concentração da produção, responde em parte por tal diferenciação.

O tamanho das empresas tem uma dupla significação. De um lado, quando medido pelo capital, desconta-

(2) Serra, J.- A reconcentração da renda: justificações, explicações, dúvidas. In Tulipan, R. e Tinelli, A. - A controvérsia sobre distribuição de renda e desenvolvimento. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1975.

(3) Tavares, M.da C.- Acumulação de capital e industrialização no Brasil. Rio de Janeiro, 1975. Tese de Livre-Docência.

das as diferenças implícitas nos distintos processos tecnológicos (característicos dos distintos ramos de indústria), reflete uma política empresarial que busca elevar a rentabilidade do capital, mediante sua intensificação, onde o lucro por pessoa ocupada cresce numa proporção maior que o capital por pessoa ocupada, devido à elevada taxa de crescimento da produtividade do trabalho.

De outro lado, o tamanho, quando medido pelo valor de produção, pode refletir o elevado poder da empresa no mercado, que com uma alta participação na produção do ramo, tem condições de impor elevada margem de lucro, que não seria viável em outras circunstâncias.

Portanto, seja pela intensidade de capital ou pelo poder de mercado, pode-se esperar que as diferenças de salários médios das empresas de grande tamanho, em relação às pequenas, sejam menos que proporcionais às de suas respectivas produtividades. Então, mesmo que as grandes empresas paguem salários maiores que as pequenas, a participação da massa de salários no produto daquelas deve ser menor que nas pequenas. Vale dizer, a presença de grandes diferenças de tamanho no interior de um ramo industrial pode induzir a uma considerável diferenciação dos níveis salariais, embora a sua dispersão tenda a ser menor que a da produtividade.

Além do grau de concentração da produção em um ramo, outro aspecto estrutural importante para explicar as dispersões de salário e de produtividade do trabalho é o

grau de "homogeneidade" dos tamanhos das empresas. Consideremos, por exemplo, um ramo em que haja uma elevada concentração da produção nas empresas de grande tamanho mas onde também existe um grande número de pequenas empresas, havendo significativas diferenças de produtividade entre elas. Embora a participação das pequenas empresas na produção do ramo possa ser pequena, é importante a sua participação no emprego total. Supondo alta mobilidade do trabalho entre empresas de distintos portes, é provável que os salários das grandes não sejam tão elevados como os que se verificariam, caso os tamanhos das empresas fossem mais homogêneos ou não fosse suficientemente grande a importância do emprego nas de pequeno porte. Se há transitividade da força de trabalho entre as distintas empresas de um ramo, os salários pagos por elas não podem ser fixados separadamente. A estrutura industrial impõe certa relação entre os salários pagos pelas empresas, destacando-se a influência das condições médias de produção.

A existência de um grande número de pequenas empresas com importante participação no emprego do ramo e que não podem pagar salários tão elevados (por sua baixa produtividade da mão-de-obra ou insignificante poder de mercado), contribui para deprimir os salários nas grandes empresas.

É necessário ainda levar em conta outras características da estrutura industrial no que diz respeito às formas de propriedade predominantes entre as grandes em-

presas que lideram os principais setores ou mercados. O caráter público ou privado, nacional ou estrangeiro das empresas dominantes pode afetar os níveis prevalecentes de salários, se esse caráter incidir sobre a transitividade da força de trabalho. Neste caso, a presença de empresas estrangeiras e principalmente de empresas públicas, pode romper a "unidade do mercado de trabalho". Isto é, pode desvincular-se a fixação de salários da mão-de-obra neste tipo de empresas, das condições médias imperantes no ramo, na medida em que essas empresas desfrutem de condições excepcionais no que se refere à produtividade do trabalho e ao controle do mercado de seus produtos.

Os argumentos anteriores revelam que numa estrutura industrial heterogênea, própria do capitalismo monopolista, tende a prevalecer uma grande diferenciação de salários e de produtividade (4). Entretanto, como disse, é importante entender de que modo a evolução da estrutura sindical e a intervenção do Estado no mercado de trabalho, regulam a diferenciação de salários, permitindo ao mesmo tempo o estabelecimento de um salário de base, para a operação conjunta da estrutura global da indústria (5).

(4) Pinto, A.- Concentración del progreso técnico e de sus frutos en desarrollo latinoamericano. Trimestre Económico, 125. México, 1965.

(5) Dobb, M.- Salários. México, Fondo de Cultura Económica, 1965.

Em tese, a estrutura sindical tende a conformar-se à estrutura industrial. O desenvolvimento do capitalismo e de sua forma específica de produção, a grande indústria, provoca como vimos, uma dinâmica diferenciada de progresso tecnológico. Esta tende a exigir da mão-de-obra uma crescente flexibilidade, para que possa transitar de uma a outra função no interior de um determinado ramo de indústrias, com processos de produção e de trabalho relativamente semelhantes. Ademais, como aquela dinâmica é distinta nos ramos de diferentes processos de produção e de trabalho, tende a tornar menos fácil o trânsito da força de trabalho de um ramo a outro.

Na grande indústria surgem as condições para uma forma de organização sindical que abarca a totalidade de cada ramo de produção e seu poder de barganha reside agora na própria negociação coletiva de salários. Esta forma de organização permite congregiar grandes segmentos da classe operária e por isto tem um grande impacto político. Ademais, seu desenvolvimento requer a legalização dos sindicatos e o reconhecimento do direito de greve, o que exige dos trabalhadores um mínimo de poder político, resultado de um longo processo de luta sindical e política, típico dos países capitalistas mais avançados.

Assim, no capitalismo monopolista tende a prevalecer uma grande diferenciação de salários. Entretanto, a estrutura organizacional da classe operária, particularmente sua adaptação à heterogeneidade e diversificação da

estrutura industrial, pode acentuar ou diluir esta tendência.

Na negociação de salários no capitalismo monopolista, é fundamental a participação do Estado como agente regulador. Isto porque agora já não é mais possível deter-se no exame da taxa geral de salário, sem referir-se explicitamente à sua diferenciação nas distintas esferas da produção capitalista (6). Sua determinação depende agora, mais do que em qualquer outro momento do capitalismo, da forma em que se organiza a classe operária e da negociação política do salário.

Na fase do capitalismo monopolista a estruturação da classe operária é contraditoriamente determinada. De uma parte, é então que se completa a formação de um sistema econômico e de uma classe operária de nível nacional. Exatamente é esta a razão de que as organizações sindicais e os partidos trabalhistas se firmem nessa etapa. Por outro lado, a heterogeneidade da estrutura industrial significa em primeira instância uma desagregação da classe operária.

As diferentes soluções históricas dadas a este problema condicionam os resultados obtidos pela classe assalariada no que se refere à sua participação nos frutos do progresso econômico do capitalismo.

(6) Marx, K.- El capital. México, Fondo de Cultura Económica, 2a. ed., reimpressão, tomo I, seção sétima, capítulo XXIII.

Nas condições do capitalismo monopolista e em particular quanto maior for a sua heterogeneidade estrutural, a negociação do salário de base tende a ser necessariamente política, envolvendo direta ou indiretamente o Estado. Se os trabalhadores pretendem influir sobre o salário-base, têm de dispor de uma organização a nível nacional. Ademais, é necessário que esta negociação não impeça a realização de outras a nível de ramos de indústrias e de empresas, pois esta é uma condição dinâmica fundamental para a permanência e unidade das organizações nacionais dos trabalhadores. Repito, a negociação do salário-base não pode implicar o desconhecimento do caráter heterogêneo da estrutura econômica do capitalismo monopolista e deve permitir posteriores negociações de salários que contemplem as condições específicas de ramos e de empresas.

Vale dizer, a possibilidade da classe trabalhadora influir na negociação do salário-base requer sua unidade, manifesta em organizações sindicais de âmbito nacional. Esta unidade, entretanto, é necessariamente uma síntese da heterogeneidade da classe operária, reflexo das características estruturais do capitalismo monopolista.

Esquemáticamente poderíamos afirmar que nos países onde o movimento operário logra formar organizações sindicais de âmbito nacional, impõem-se dois níveis de negociação de salários: em primeiro lugar, a negociação do salário-base pelas organizações nacionais dos trabalhadores. Em segundo lugar, a negociação de salários nos ramos,

entre os sindicatos e as empresas. A primeira fixa o nível mínimo de salários e a segunda conforma a escala de salários no interior da estrutura do capitalismo monopolista.

A renegociação de salários vincula estreitamente a remuneração do trabalhador às condições específicas de desempenho das empresas. Se infere importantes consequências: acentua-se a dispersão de salários de trabalhadores de empresas e de ramos distintos (caracterizados por estruturas de mercados diferentes), reduzindo ainda mais a importância relativa da qualificação do trabalhador, na medida em que eleva a importância das características organizacionais da estrutura industrial.

Por conseguinte, é na própria configuração estrutural do capitalismo monopolista e na forma de organização sindical que tende a corresponder-lhe que se há de encontrar as condições necessárias - porém não suficientes - para o surgimento de uma aristocracia operária. Penso que este problema foi mal enfocado pelos autores que o relacionaram diretamente com o imperialismo, numa tentativa espúria de construção de uma teoria da "exploração internacional", subjacente à análise do chamado intercâmbio desigual (7).

Quando a classe operária está segmentada em categorias trabalhistas homólogas à organização técnico-eco

(7) Ver, por exemplo, Emmanuel, A. - L'Échange inégal. Paris, François Maspero, 1972.

nômica da indústria, nos setores oligopólicos mais avançados, os salários tenderão a crescer em maior proporção que nos demais. Isto não significa que os salários nesses setores possam acompanhar *pari passu* os incrementos de produtividade, o que só poderia ocorrer em condições especiais (8).

Se, pelo contrário, a classe operária está organizada em categorias amplas, que não correspondem à organização técnico-econômica da indústria, resultará que os salários dos trabalhadores de ramos e de empresas melhor situados na estrutura industrial, ficarão muito aquém do ritmo de crescimento de sua produtividade. As participações dos salários no produto dos ramos e empresas melhor colocados serão *en* tão bem menores que nos ramos e empresas pior situados na estrutura *in* dustrial. Assim, a "uniformização" de salários provocada pela grande *am* plitude das categorias de trabalho tende a elevar a participação de salários no produto de empresas de baixa produtividade, rebaixando ao mesmo tempo aquela participação em empresas de alta *produtivi* dade.

Finalmente, o resultado global é condicionado por circunstâncias políticas nas quais se desenvolve o movimento operário, principalmente aquelas que dizem respeito à plena vigência dos direitos de associação e greve. Em condições políticas desfavoráveis, se acentuará a tendência à queda da participação da massa de salários no produto industrial, basicamente às custas dos segmentos do mercado de trabalho de mais alta produtividade, vale dizer, dos segmentos mais favorecidos em termos salariais.

(8) Esta situação corresponderia aproximadamente a uma etapa de oligopolização madura com baixa taxa de acumulação de capital e uma estrutura de mercado do tipo oligopólico "puro" ou "concentrado", tal como o descrito e analisado por Steindl, J.- Maturity and Stagnation in American Capitalism. Oxford, Basil Blackwell, 1952.

2. Diferenciação Salarial na Industrialização Brasileira

Não tratamos, nesta tese, de modo explícito, da dinâmica do processo de industrialização nem da formação histórica da organização da classe assalariada e do mercado de trabalho no Brasil (10). Entretanto, a análise da evolu-

-
- (10) Para a compreensão histórica do processo de industrialização brasileira, apoiamos-nos nos trabalhos clássicos de FURTADO, C. - Formação Econômica do Brasil, Ed.Nacional, S.Paulo, 1967; RANGEL, I. - A inflação brasileira, Rio, Tempo Brasileiro, 1963; OLIVEIRA, F. - "A crítica da razão dualista", in Estudos CEBRAP, nº 2, outubro, 1972; BAER, W. - A industrialização e o desenvolvimento econômico do Brasil, Rio, FGV, 1966; TAVARES, M.C. - Da substituição de Importações do Capitalismo Financeiro; Rio, Zahar Ed., 1972; e FISHLOW, A. - Origens e consequências da substituição de importações no Brasil, Estudos Econômicos, IPE/USP, S.Paulo, 1972.

Nos trabalhos recentes de

TAVARES, M.C. - Acumulação de capital e industrialização no Brasil, Rio, mimeo., 1975; SILVA, S.S. - Le café et l'industrialization au Brésil, mimeo., Paris, 1973; CANO, W. - Raízes da concentração industrial em São Paulo, S.Paulo, DIFEL, 1977; CARDOSO DE MELLO, J.M. - O capitalismo tardio, mimeo., Campinas, 1975; AURELIANO DA SILVA, L.M. - No limiar da industrialização: estado e acumulação de capital - 1919/1937, Campinas, mimeo., 1976.

E no conjunto de pesquisas do IPEA, notadamente:

CANDALL, A. - A industrialização brasileira: diagnóstico e perspectivas, Brasília, Minist.de Plan. e Coord.Geral, 1969; BACHA, E.L. e MATA, M.de - "Emprego e salários na indústria de transformação, 1949/1969", in Pesquisa e Planejamento Econômico, Rio, 1973, vol.3; BONELLI, R. et all - Crescimento Industrial no Brasil: incentivos e desempenho recente, Rio, IPEA/INPES, 1974 (Coleção Relatórios de Pesquisa, 26); BOISIER, S. et all - Desenvolvimento regional e urbano: diferenciais de produtividade e salários industriais, Rio, IPEA/INPES, 1973, Coleção Relatórios de Pesquisa, 15.

No que diz respeito à literatura básica sobre a organização do mercado de trabalho, apoio-me fundamentalmente no trabalho do DIEESE, "10 anos de política salarial", e ainda:

TAVARES DE ALMEIDA, M.H. - "O sindicato no Brasil: novos problemas, velhas estruturas", in Debate e Crítica, nº 6, julho/1975; SALM, C. - "Evolução do mercado de trabalho, 1969/1972", in Estudos CEBRAP, nº 8, abril/junho, 1974.

ção da estrutura industrial permite evidenciar a importância da evolução assimétrica do mercado de trabalho organizado em categorias amplas e praticamente as mesmas desde as décadas de 40 e 50, frente à crescente diferenciação industrial na fase recente de nosso processo de industrialização.

Nas primeiras etapas da industrialização é pequena a diferenciação da estrutura industrial e é elevada a importância relativa do emprego e da produção daqueles setores industriais de menor produtividade do trabalho, que se mostrarão com menor dinamismo nas fases subsequentes da industrialização, especialmente na segunda e terceira etapas de expansão do pós-guerra (1957/61 e 1968/73) (11).

No período anterior à implantação da indústria pesada no Brasil (antes do Plano de Metas), a "uniformização" salarial provocada pela grande amplitude das categorias trabalhistas pode ter sido benéfica para o comportamento do salário médio industrial, ao permitir a vinculação da negociação salarial de setores de baixa produtividade, pouco dinamismo e alta participação inicial no total do emprego e da produção industrial à de setores novos, de alta produtividade, elevado dinamismo e baixa participação inicial no emprego e no produto industrial (12).

(11) CANO, W.- "Industrialização e Absorção de Mão-de-Obra no Brasil", in Indústria e Produtividade, nº 1, Rio, 1968; CANDAL e MATTA, op. cit.

(12) Ver OLIVEIRA, F.- op.cit.; RANGEL, I.- op.cit., e TAVARES, M.C.- op.cit.

Este resultado é favorecido em grande medida pelo fato de que a aceleração da inflação só se verificará durante a realização do Plano de Metas e, por outro lado, o clima político é relativamente favorável às reivindicações dos assalariados. Nestas condições não é elevada a pressão sobre o governo para que o controle da inflação se faça através da fixação da base dos salários num nível baixo. As medidas anti-inflacionárias se limitam à tentativa de controle da execução financeira do Governo e a política monetária e cambial. Ademais, as distintas categorias trabalhistas, melhor organizadas e com maior poder de barganha, nestas condições políticas, podem vincular suas reivindicações de modo a pressionar os setores mais débeis da estrutura industrial a pagar salários nos limites impostos por suas condições de produção. Esta forma de atuação sindical substitui de fato a inexistente central sindical nacional para efeito de fixação da base salarial, embora só abarque as categorias trabalhistas mais organizadas.

A situação se inverte com a diversificação da estrutura industrial e a crescente importância do emprego e da produção nos setores mais dinâmicos, a partir da industrialização pesada do chamado Plano de Metas. A diversificação das condições de produção e de controle de mercado de produtos tende a tornar a amplitude das categorias trabalhistas desfavorável, mesmo que ela continuasse a permitir certa elevação dos salários dos trabalhadores dos ramos industriais e das empresas de menor produtividade.

A participação das empresas e dos ramos de maior produtividade no emprego e na produção do conjunto das categorias aumenta como consequência do seu maior dinamismo. Descontando as diferenças técnicas dos processos implicados, que signifiquem um maior ou menor uso intensivo de trabalho, as empresas e ramos de indústrias de maior produtividade e dinamismo tenderiam a apresentar menores participações de salário nos seus respectivos produtos. Este coeficiente tenderia a diminuir não só nos períodos de auge do ciclo, quando aumenta a taxa de acumulação dos setores e empresas líderes, mas também no longo prazo, já que os salários de seus trabalhadores dificilmente poderiam acompanhar mesmo com a defasagem de ciclo, o crescimento da produtividade das empresas e ramos de indústrias que comandam o processo de expansão e diversificação do capital produtivo industrial a longo prazo. Em grande parte, isto corresponde à própria mudança na organização industrial brasileira, isto é, ao tipo de oligopólio que prevalece como forma de controle de mercado (diferenciado e/ou concentrado), nas indústrias de bens de consumo durável e de certos bens de produção (13). Reforça os efeitos destas organizações o fato de os salários dos trabalhadores estarem atrelados aos daqueles de empresas e ramos de indústrias de menores produtividade e dinamismo (isto é, com menor poder de mercado), que não teriam condições de pagar salários relativamente altos.

(13) Cf. TAVARES, M.C.- op.cit., cap.II.

Cumprе recalcar que num contexto de liberdade sindical e de vigência do direito de greve, o efeito da "uniformização" de salários se faz sentir de modo diferenciado, em prejuízo das categorias menos organizadas. Nelas é maior o "achatamento" de salários dos setores de maior produtividade, que passam a ser nivelados pelos padrões da base salarial de sua própria categoria.

As mudanças de regime político em 1964 e a consequente adoção de uma política de contenção salarial, repressão a greves e reforço da tutela do Ministério do Trabalho sobre os sindicatos, debilitou o poder de barganha da classe operária como um todo. Este enfraquecimento é particularmente acentuado nos setores que mais se desenvolveram e se diversificaram, o que se manifesta na elevada desproporção de seus salários e produtividade.

Entretanto, o comportamento dos salários das distintas categorias trabalhistas é muito diferenciado. Podemos exemplificar com as categorias de trabalho que correspondem a ramos de indústrias originalmente dominadas por empresas públicas, como é o caso de alguns setores da química industrial. É provável que nesses setores, até praticamente 1964, os salários fossem relativamente elevados, independentemente de suas produtividades e das rentabilidades das empresas consideradas.

Estamos nos referindo à forma peculiar da relação entre os sindicatos das grandes empresas públicas e a sua administração centralizada. Esta relação especial

permite um certo afastamento da fixação de salários, mediante negociação "paternalista" antes de 1964, ou de imposição administrativa depois de 1964, das condições gerais prevalentes no "mercado de trabalho" da indústria.

As mudanças políticas a partir de 1964 e o arrocho salarial, assim como o desemprego durante a crise de 1963/67 redundaram numa queda acentuada de salários. Depois de 1968/69, os salários voltam a subir, mas não de modo generalizado. No caso das empresas públicas, a evolução dos salários passou a depender mais estreitamente das condições de rentabilidade e de dinamismo dessas empresas, assim como da natureza de suas organizações burocráticas.

Nas categorias trabalhistas que abarcam ramos de indústrias dominadas por empresas privadas é marcante o caso da categoria dos metalúrgicos. O poder de barganha global da categoria estabelecia um piso para os salários antes da política salarial vigente. Isto significava benefícios para os trabalhadores dos setores mais débeis das indústrias metal-mecânicas. Entretanto, se manifestavam crescentes diferenças de participações de salário nos produtos das distintas indústrias, quando da instalação e consolidação das indústrias novas, tais como a automobilística e os novos ramos da indústria mecânica. Essas últimas tiraram proveito da situação de rigidez institucional do "mercado de trabalho", aprofundando a diferença entre salário e produtividade.

A excessiva amplitude da categoria trabalhista, entendida como uma fonte de debilidade do poder relativo dos assalariados frente ao capital, ocorre inclusive em ca-

tos onde ela abarca apenas uma indústria. Referimo-nos, por exemplo, à maior parte das indústrias de produtos alimentares: as estruturas de tamanho dessas indústrias são muito heterogêneas e as categorias de trabalho não refletem este fato. Isto contribui para impedir que os salários das grandes empresas acompanhem as elevadas produtividades, atribuídas principalmente ao poder de mercado dessas empresas.

Resumindo, ao longo do processo de diversificação industrial extremamente rápido a partir de meados da década de cinquenta, se impõe como tendência a perda relativa do poder de barganha dos assalariados frente ao elevado poder de mercado dos setores de ponta e de suas empresas líderes. Este fenômeno de perda relativa de poder de negociação da organização sindical, frente à organização econômica do capital industrial já vinha ocorrendo com anterioridade à mudança de regime político em 1964. É, portanto, aparentemente independente da conjuntura política ser ou não favorável às reivindicações dos assalariados, embora esteja na raiz da debilidade geral do poder real permanente de negociação política dos sindicatos.

Não negamos, obviamente, que as mudanças políticas pós-1964 têm muito que ver com o debilitamento geral do poder de barganha da classe assalariada em conjunto. Num primeiro momento, este enfraquecimento se manifesta mais violentamente nas empresas públicas e na fixação do salário mínimo institucional. A partir de 1967/68, tende a se generalizar a todas as categorias trabalhistas através da regula-

ção dos dissídios coletivos de salários, que ficam amarrados à política salarial ditada pelo Governo.

Nessas condições, a antiga organização do mercado de trabalho, que não mais corresponde à organização da estrutura industrial, se torna cada vez mais uma caricatura do que poderia significar em condições de liberdade política. Vale dizer, tanto nas indústrias que operam em condições de oligopólio "competitivo" como sobretudo nas que operam em condições de oligopólio "concentrado e/ou diferenciado", há um abismo crescente entre o poder de mercado das empresas e o praticamente inexistente poder "monopólico" dos trabalhadores no mercado de trabalho.

Capítulo I - DISTRIBUIÇÃO DE SALÁRIOS NOS GÊNEROS DA IN-
DUSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO

Pretendo analisar neste capítulo alguns aspectos da distribuição de salários das diversas categorias do mercado de trabalho, englobando tanto os ordenados, como os salários propriamente ditos.

Parto da hipótese de que o espectro salarial vigente no Brasil tem como um dos seus determinantes básicos a estrutura de negociação salarial. O confronto das distribuições de salários das categorias do mercado de trabalho permitirá dar os passos iniciais na comprovação de sua importância. Explico melhor: considero que a amplitude das categorias em que está organizado o mercado de trabalho provoca uma relativa homogeneidade de salários, em circunstâncias de grande heterogeneidade de condições no que se refere aos processos produtivos.

A consideração conjunta dos ordenados e salários justifica-se porque, como veremos mais adiante, a remuneração da grande maioria do pessoal ocupado na administração e a dos trabalhadores empregados em funções diretamente produtivas não diferem expressivamente.

É necessário deixar claro que isto não nega a existência de uma pequena parcela do pessoal administrativo, situado nas altas esferas gerenciais, cuja remuneração é substancialmente superior à de quaisquer outros empregados.

As informações disponíveis sobre a distribuição de salários e ordenados (1) não permitem relacioná-las diretamente às categorias do mercado de trabalho. Creio, porém, que a classificação industrial do IBGE, a dois dígitos, representa uma aproximação razoável à organização do mercado de trabalho. Isso pode ser comprovado se comparamos a classificação industrial do IBGE a dois dígitos com a do DIEESE, realizada a partir das cópias dos acordos e dissídios homologados pela Justiça do Trabalho (2).

Se distribuírmos as 68 categorias de trabalho identificadas pelo DIEESE na indústria de transformação pelos 21 gêneros industriais a dois dígitos (quadro 1), veremos que a organização do mercado de trabalho está mais próxima da classificação a dois dígitos que da ordenação por indústrias, isto é, a três ou quatro dígitos (3).

Naturalmente, a aproximação não é tão boa para todas as categorias de trabalho. Assim, por exemplo, "Minerais Não-Metálicos" e "Produtos Alimentares" contém várias categorias trabalhistas, que nesses gêneros se aproximam bastante bem à noção de indústria. Por outro lado, a categoria dos Metalúrgicos engloba quatro gêneros industriais, quais sejam: "Metalúrgica", "Mecânica", "Material Elétrico e de Comunicações" e "Material de Transporte".

Cumpramos examinar, em seguida, a qualidade das informações utilizadas para elaborar as distribuições de salários.

Quadro 1

Compatibilização das categorias trabalhistas com a
classificação industrial do IBGE a dois dígitos (*)

RAMOS	CATEGORIAS
Minerais não Metálicos	cimento, cal e gesso (SP) cerâmica (SP) cerâmica (SP) mármore e granito (SP) vidreiros (SP) cerâmica, vidros (SP) cerâmica (SP) ladrilhos hidráulicos (SP)
Metalúrgica Mecânica Material elétrico Mat. de Transporte	metalúrgica capital (SP) metalúrgica Divinópolis (SP) metalúrgica João Montevale (MG) metalúrgica Sabará (MG) metalúrgica (RS) metalúrgica interior (SP) metalúrgica Cosipa (SP) metalúrgica Ipatinga (MG)
Madeira e Mobiliário	marceneiros (SP) construção e mobiliário (SP) construção e mobiliário (GO) construção e mobiliário (SP)
Papel e Papelão	papel e papelão (SP)
Borracha	borracha (SP)
Couros e Peles	couros setor cortumes (SP) couros setor artefatos (SP)
Química	químicos setor abrasivos (SP) químicos Cabo Frio (RJ) químicos Suzano (SP) químicos setor industrial (SP) Petroleiros (BR) químicos setor industrial (RJ) químicos Rio Claro (SP) gás engarrafado (SP) gás (SP) gás São Caetano (SP) químicos Barra Mansa (RJ)

continua

(*) categorias trabalhistas identificadas pelo DIEESE a partir dos acordos e dissídios coletivos homologados pela Justiça do Trabalho.

cont.

Farmacêutica	química setor farmacêutico (SP) química setor farmacêutico (RJ)
Matérias Plásticas	plástico (SP)
Textil	texteis (SP)
Vestuário e Calçado	alfaiates (SP) calçados (SP) camisas e roupas brancas (SP)
Alimentar	açúcar refinarias (SP) torrefação de café (SP) carne e derivados (SP) laticínios (SP) massas alimentícias (SP) trigo (SP) açúcar usinas (SP) azeite (SP) cacau e balas (SP) doces e conservas (SP) mandioca (SP) milho (SP) padeiros (SP) rações balanceadas (SP) refinação de sal (SP) trigo (SP)
Bebidas	bebidas (SP)
Fumo	fumo (SP)
Editorial e Gráfica	empresas editoras de livros (SP) jornalistas (SP) gráficas casa de obras (SP) gráficos jornais (SP) Emp. Adm. Emp. Prop. de Jornais (SP) gráficas (PA)
Diversos	brinquedos (SP) gravação de discos (SP)

O Inquérito da Produção Industrial do IBGE é uma amostra que cobre 90% do valor da produção de cada gênero industrial, não tomando em conta, porém, a estrutura por tamanho dos estabelecimentos. Sabemos que as distribuições de salários estão relacionadas com a estrutura de tamanhos, seja através do peso no emprego das várias classes de tamanho, seja pelos diferenciais de produtividade existente entre elas. Logo, se o procedimento de amostragem não considera explicitamente a estrutura de tamanho, a estimativa da distribuição de salários é necessariamente viesada. E, naturalmente, tão mais viesada quanto maior a importância do emprego nos estabelecimentos pequenos e maior a diferença dos salários pagos por grandes e pequenos.

O fato de o Inquérito ter, para todos os gêneros, superestimado a participação no emprego dos grandes estabelecimentos, introduz um viés para cima nas distribuições de salários de cada gênero. No entanto, este desvio não é da mesma magnitude para todos os gêneros. Será maior para aqueles em que haja maiores diferenças de produtividade e salário entre pequenos e grandes estabelecimentos. Isto se reflete claramente nas diferentes composições do emprego industrial do Inquérito e do Censo. No que se refere aos operários (4), o Inquérito subestima a importância relativa do emprego nos gêneros "Mecânica", "Madeira" e "Mobiliário" e superestima essa participação nos

Quadro 2

Distribuição setorial do emprego de operários e empregados administrativos

RAMOS DE PRODUÇÃO	Distribuição setorial dos operários		Distribuição setorial dos administrativos		Inquérito - Censo	
	Inquérito nov. 1970 %	censo 31/12/70 %	Inquérito nov. 1970 %	censo 31/12/70 %	Operários %	Administrativos %
Minerais não metálicos	7,78	8,58	5,78	6,40	- 9,3	- 9,7
Metalúrgica	12,12	10,43	10,33	10,13	16,2	2,0
Mecânica	4,88	6,83	5,90	7,11	-28,6	-17,0
Material elétrico	4,85	4,38	5,99	4,70	10,7	27,4
Material de transporte	7,23	6,13	7,74	6,38	17,9	21,3
Madeira	4,34	5,12	3,22	4,05	-15,2	-20,5
Mobiliário	3,08	3,78	2,87	3,83	-18,5	-25,1
Papel e papelão	2,64	2,65	2,78	2,88	- 0,4	- 3,5
Borracha e peles	1,44	1,28	1,10	1,37	12,5	-19,7
Couros e peles	1,16	1,03	0,83	0,65	12,6	27,7
Química	4,52	3,65	6,92	6,46	23,8	7,1
Produtos farmacêuticos	1,05	0,91	4,54	2,95	15,4	53,9
Perfumaria	0,71	0,64	1,48	1,33	10,9	11,3
Materias plásticas	1,54	1,69	1,61	1,69	- 8,9	- 4,7
Textil	15,63	14,68	7,14	7,61	6,5	- 6,2
Vestuário e calçado	6,28	5,67	3,85	4,73	- 5,8	-18,6
Produtos alimentares	12,60	13,46	15,77	14,06	- 6,4	12,2
Bebidas	1,91	1,91	3,67	3,73	0,0	- 1,6
Fumo	0,81	0,59	0,51	0,56	37,3	- 8,9
Editorial e gráfica	3,38	3,24	5,78	6,66	4,3	-13,2
Diversos	2,05	2,35	2,19	2,72	-12,8	-19,5
Indústria de Transformação	100,00	100,00	100,00	100,00	-	-

gêneros "Metalúrgica", "Material de Transporte", "Química", "Produtos Farmacêuticos" e "Fumo". Naqueles gêneros em que a participação no emprego industrial está subestimada deve haver uma maior diferença entre a produtividade e os salários dos estabelecimentos incluídos na amostra e aqueles não incluídos. Contrariamente, no caso em que está superestimada a participação dos gêneros no emprego industrial é menor a diferença entre a produtividade e os salários dos estabelecimentos incluídos e aqueles não incluídos.

Quanto ao pessoal administrativo, o Inquérito subestima o emprego em "Madeira" e "Mobiliário" e superestima o emprego em "Produtos Farmacêuticos", "Couros e Peles", "Material Elétrico e de Comunicações" e "Material de Transporte".

Isto posto, podemos concluir que o Inquérito não reproduz adequadamente as distribuições do emprego industrial por gêneros, quer no que se refere aos operários, quer no que diz respeito aos administrativos. As distorções impedem o Inquérito de indicar corretamente a forma das distribuições de salários e os vieses, embora na mesma direção e sentido, não são da mesma magnitude nos distintos gêneros. É necessário verificar se as distorções invalidam a comparação de salários e neste sentido só nos é possível testar se o Inquérito é capaz de reproduzir a ordenação dos gêneros de acordo à tendência central de suas distribuições de salários. Para tanto, procedemos a comparação das ordenações dos gêneros segundo o salário médio do Censo e conforme o salário mediano do Inquérito.

Ordenação dos ramos industriais de acordo com os salários de operários e administrativos

RAMOS DE PRODUÇÃO	Operários		Administrativos		Operários e Administrativos	
	Média do censo	mediana do inquérito	Média do censo	Mediana do inquérito	Média do censo	mediana do inquérito
Minerais não metálicos	04	05	05	07	04	05
Metallurgia	13	17	11	12	13	15
Mecânica	19	20	17	18	18	19
Material eléctrico	17	16	16	16	15	16
Material de transporte	21	21	18	21	19	21
Madeira	01	01	01	02	01	01
Mobiliário	06	10	03	10	06	09
Papel e papelão	12	13	15	06	11	11
Borracha	15	15	14	19	14	14
Couro e peles	05	04	08	15	05	04
Química	20	19	21	17	21	18
Produtos farmacêuticos	14	12	20	20	20	20
Perfumaria	08	09	13	14	12	10
Matérias plásticas	10	08	10	11	08	08
Textil	07	06	12	05	07	06
Vestuário e calçado	02	03	04	03	02	02
Produtos alimentares	03	02	02	01	03	03
Bebidas	11	11	07	04	10	13
Fumo	16	14	19	13	16	12
Editorial e gráfica	18	18	06	09	17	17
Diversos	09	07	09	08	09	07
Indústria de transformação	-	-	-	-	-	-

Quadro 4

GÊNEROS INDUSTRIAIS	Ordenação Distribuição Acumulada de Salários de Operários							
	Frequência de Salários Superiores a							
	0,7 sal. mínimo	0,8 sal. mínimo (1)	1,1 sal. mínimo (2)	1,4 sal. mínimo (3)	2 sal. mínimo (4)	2,5 sal. mínimo (5)	3,6 sal. mínimo (6)	4,8 sal. mínimo (7)
Total indústria de transformação	-	-	-	-	-	-	-	-
Minerais Não Metálicos	-	5	5	5	7	6	7	8
Metalúrgica	-	19	19	17	16	15	14	15
Mecânica	-	20	20	20	20	20	20	19
Material elétrico e de Comunic.	-	16	16	16	15	16	17	18
Material de transporte	-	21	21	21	21	21	21	21
Madeira	-	1	1	1	1	1	1	1
Mobiliário	-	11	9	9	10	8	6	5
Papel e papelão	-	13	13	15	11	13	13	12
Borracha	-	15	15	14	17	17	15	14
Couros e peles	-	8	4	4	4	4	4	4
Química	-	17	18	19	18	18	19	20
Produtos farmacêuticos	-	18	14	13	12	14	16	16
Perfumaria, sabões e velas	-	9	8	10	5	7	10	13
Produtos de matérias plásticas	-	10	11	8	9	10	11	11
Textil	-	6	6	6	6	5	5	6
Vestuário e calçado	-	3	3	2	2	2	2	2
Produtos alimentares	-	4	2	3	3	3	3	3
Bebidas	-	7	10	11	11	12	8	7
Fumo	-	2	12	12	14	11	12	9
Editorial e gráfica	-	14	17	18	19	19	18	17
Diversos	-	12	7	7	8	9	9	10

r_{1.2}=0,8792 r_{2.3}=0,9786 r_{3.4}=0,9545 r_{4.5}=0,9792 r_{5.6}=0,9714 r_{6.7}=0,9805

As ordenações segundo o salário médio do Censo e o salário mediano do Inquérito são muito semelhantes, como exprime o elevado valor do coeficiente de correlação de Spearman, que é de 0,9534, significativo a 5% (5). Quanto aos operários, o coeficiente apresenta o valor de 0,9623; no caso do pessoal administrativo, as ordenações não se assemelham tanto, porém, o coeficiente é de 0,7766, também significativo (6).

As constatações anteriores nos permitem concluir que os defeitos já apontados na construção da amostra do Inquérito não são suficientes para distorcer significativamente a ordenação dos gêneros segundo a tendência central de suas distribuições de salários.

As diferenças apresentadas pelas ordenações podem ser atribuídas a duas ordens de fatores: em primeiro lugar, às distorções da amostra do Inquérito, que impedem a reprodução fidedigna das distribuições de salários dos gêneros industriais; em segundo lugar, aos diferentes indicadores que fomos obrigados a utilizar para expressar a tendência central daquelas distribuições, no caso, a média aritmética e a mediana.

As considerações anteriores recomendam relativizar os resultados a serem obtidos neste capítulo: por estarem referidos à indústria de transformação tal qual de finida no Inquérito da Produção Industrial, que compreende principalmente os maiores estabelecimentos dos distintos gêneros, devem ser considerados provisórios. Justificam-se ,

tão somente, por permitirem a colocação de questões que apenas poderão ser definitivamente dirimidas em futuros trabalhos, que disponham de informações mais adequadas.

I - Salários de operários e de pessoal administrativo

Nosso objetivo aqui é verificar se os gêneros industriais a dois dígitos, como aproximação às categorias do mercado de trabalho, valem tanto para operários, como para os empregados na administração.

Sua consecução implica a consideração de três aspectos. Em primeiro lugar, devemos comparar a ordenação dos gêneros industriais segundo os salários dos seus operários com a ordenação dos mesmos gêneros de acordo com as remunerações dos seus empregados administrativos.

Em segundo lugar, devemos confrontar a dispersão setorial de salários com a dispersão setorial de ordenados, com a finalidade de verificar para que tipo de remuneração são mais importantes as diferenças entre as distintas categorias em que está organizado o mercado de trabalho.

Finalmente nos propomos a confrontar os salários com os ordenados no conjunto da indústria de transformação e em cada gênero industrial, tratando de explicar as causas das diferenças entre as remunerações desses dois tipos de assalariados.

O quadro 4 mostra as ordenações dos gêneros industriais de acordo com as frequências de salários superiores aos diversos valores especificados pelo IBGE. À medida em que consideramos salários sucessivamente mais elevados, a ordenação dos gêneros industriais não se altera

de modo significativo. Assim, a mediana, como medida de tendência central dos salários dos gêneros industriais, classifica de modo claro e preciso esses gêneros, pois a ordenação não variaria expressivamente, se em vez de tomar a mediana, tivéssemos tomado qualquer outro quartil como medida da tendência central. Isto justifica a escolha da mediana como medida da tendência central.

Já o quadro 5 mostra as frequências de salários superiores aos especificados pelo IBGE para o conjunto (7) da indústria de transformação e para cada gênero industrial. Cerca de 85% dos operários tem salários superiores a 0,8 salário-mínimo e apenas 8,7%, salários superiores a 3,6 salários-mínimos. Ou seja, enquanto 15% dos operários auferem salários inferiores a 0,8 salário-mínimo, cerca de 76,3% recebem salários entre 0,8 e 3,6 salários-mínimos e apenas 8,7% salários superiores a 3,6 salários-mínimos. Vale dizer, cerca de 3/4 dos operários percebem remunerações na faixa de 0,8 a 3,6 salários-mínimos.

A elevada concentração de operários na faixa de 0,8 a 3,6 salários mínimos se repete em todos os gêneros industriais (8).

Nos quadros seguintes (6 e 7) temos as mesmas informações (ordenações dos gêneros industriais e das frequências acumuladas de salários) agora referidas aos empregados na administração. Verifica-se, também, a semelhança das classificações dos gêneros segundo as frequências acumuladas de ordenados superiores aos especificados pelo

Ordenação Distribuição Acumulada de Salários de Operários

GÊNEROS INDUSTRIAIS	Frequência de Salários Superiores a									
	0,7 sal. mínimo	0,8 sal. mínimo	1,1 sal. mínimo	1,4 sal. mínimo	2 sal. mínimo	2,5 sal. mínimo	3,6 sal. mínimo	4,8 sal. mínimo		
Total indústria de transformação	100,000	85.027	60.703	46.180	28.367	18.236	8.675	4.401		
Minerais não metálicos	100,000	79.111	48.858	35.736	18.606	10.420	4.294	2.304		
Metalúrgica	100,000	94.076	77.125	61.375	39.272	24.108	10.761	5.718		
Mecânica	100,000	95.669	83.465	69.872	49.794	35.042	18.060	9.642		
Material elétrico e de comunic.	100,000	92.372	73.212	57.245	37.937	25.436	14.255	8.453		
Material de transporte	100,000	97.139	89.324	81.445	66.517	52.895	28.825	11.259		
Madeira	100,000	69.657	31.097	19.288	9.156	4.384	1.137	0.573		
Mobiliário	100,000	86.214	59.406	43.592	24.753	13.257	3.717	1.453		
Papel e papelão	100,000	90.218	68.752	53.302	30.315	18.825	8.224	4.236		
Borracha	100,000	90.768	72.085	52.894	39.523	27.691	10.844	4.464		
Couros e peles	100,000	85.815	46.878	26.489	12.097	6.759	2.702	1.257		
Química	100,000	92.563	76.578	64.314	41.704	28.717	17.007	11.115		
Produtos farmacêuticos	100,000	93.028	70.078	52.719	33.413	22.262	12.093	7.762		
Perfumaria, sabões e velas	100,000	86.153	58.419	43.719	17.871	11.431	6.748	4.455		
Produtos de matérias plásticas	100,000	86.201	61.500	39.871	22.495	14.789	7.161	3.935		
Textil	100,000	79.631	55.270	38.808	18.285	9.798	3.536	1.746		
Vestuário e calçados	100,000	74.846	40.373	22.296	9.791	4.980	1.908	0.970		
Produtos alimentares	100,000	76.662	38.105	24.373	10.881	5.658	2.149	1.114		
Bebidas	100,000	84.053	60.140	50.802	34.840	17.116	5.071	2.139		
Fumo	100,000	70.897	61.566	52.456	37.410	16.599	7.688	3.311		
Editorial e gráfica	100,000	90.701	74.681	62.185	42.715	30.211	15.403	8.346		
Diversos	100,000	87.073	58.186	39.752	21.874	13.867	6.593	3.599		

Distribuição Acumulada de Salários de Administrativos								
GÊNEROS INDUSTRIAIS	Frequência de Salários Superiores a							
	0,7 sal. mínimo	0,8 sal. mínimo (1)	1,1 sal. mínimo (2)	1,4 sal. mínimo (3)	2 sal. mínimo (4)	2,5 sal. mínimo (5)	3,5 sal. mínimo (6)	4,8 sal. mínimo (7)
Total indústria de transformação	-	-	-	-	-	-	-	-
Mineerais Não Metálicos	-	9	7	9	9	7	7	7
Metalúrgica	-	13	15	15	15	12	12	12
Mecânica	-	14	14	20	20	17	18	18
Material Eletr.e de comunicações	-	19	20	19	19	16	17	16
Material de Transporte	-	20	21	21	21	21	21	21
Madeira	-	1	1	1	2	2	2	3
Mobiliário	-	7	8	8	8	10	6	5
Papel e Papelão	-	15	13	11	11	6	5	6
Borracha	-	10	12	13	14	19	19	19
Couros e Peles	-	11	10	10	11	14	16	15
Química	-	17	19	17	17	18	14	13
Produtos Farmacêuticos	-	18	18	18	20	20	20	20
Perfumaria, sabões e velas	-	16	17	14	12	13	15	17
Produtos de Matérias Plásticas	-	12	11	12	13	11	13	14
Textil	-	2	6	5	4	5	8	9
Vestuário e Calçado	-	5	3	3	3	3	4	4
Produtos Alimentares	-	3	2	2	1	1	1	1
Bebidas	-	6	4	4	4	4	3	2
Fumo	-	21	16	16	16	15	11	11
Editorial e Gráfica	-	4	5	6	6	9	10	8
Diversos	-	8	9	7	6	8	9	10

$r_{1,2} = 0,9494$ $r_{2,3} = 0,9571$ $r_{3,4} = 0,9701$ $r_{4,5} = 0,9208$ $r_{5,6} = 0,9506$

$r_{6,7} = 0,9883$

GÊNEROS INDUSTRIAIS		Distribuição acumulada de Salários de Administrativos									
		Frequência de Salários Superiores a									
		0,7 sal. mínimo	0,8 sal. mínimo	1,1 sal. mínimo	1,4 sal. mínimo	2 sal. mínimo	2,5 sal. mínimo	3,6 sal. mínimo	4,8 sal. mínimo		
Total indústria de transformação		100,000	94.658	85.331	78.082	63.843	51.679	36.060	26.237		
Minerais Não Metálicos		100,000	95.087	82.184	75.143	61.419	47.640	32.636	23.536		
Metalúrgica		100,000	96.698	91.253	84.655	69.953	55.356	38.109	27.999		
Mecânica		100,000	96.950	91.177	87.757	71.666	60.197	43.980	33.549		
Material elétr.e de comunicações		100,000	97.816	93.374	87.045	73.905	59.987	42.391	30.639		
Material de transporte		100,000	98.209	95.464	91.741	80.301	70.531	53.410	39.793		
Madeira		100,000	88.332	72.958	65.205	51.635	40.347	25.772	19.403		
Mobilário		100,000	93.790	82.294	74.707	60.050	49.219	32.585	20.072		
Papel e papelão		100,000	97.217	89.602	79.481	62.165	46.717	30.554	21.319		
Borracha		100,000	95.396	88.416	81.076	69.562	61.047	45.887	34.349		
Couro e peles		100,000	96.311	85.788	78.473	64.325	57.844	42.316	29.323		
Química		100,000	97.499	92.629	85.894	72.236	61.044	41.616	28.422		
Produtos farmacêuticos		100,000	97.617	92.179	86.875	75.911	65.485	50.304	39.667		
Perfumaria, sabões e velas		100,000	97.335	91.807	84.079	66.619	56.243	42.141	33.363		
Produtos de matérias plásticas		100,000	96.458	87.698	79.922	66.782	53.314	38.714	29.265		
Textil		100,000	90.101	81.398	73.241	57.551	46.086	32.705	24.942		
Vestuário e calçado		100,000	92.845	79.934	69.798	54.848	43.741	29.335	19.405		
Produtos alimentares		100,000	91.439	74.537	65.902	49.074	36.556	23.463	17.106		
Bebidas		100,000	93.675	80.383	72.578	60.008	44.636	26.766	17.502		
Fumo		100,000	98.289	91.494	84.907	72.718	57.884	36.100	25.519		
Editorial e gráfica		100,000	91.502	80.460	73.248	59.420	48.795	34.720	24.118		
Diversos		100,000	94.837	83.519	74.067	59.731	48.352	33.980	25.109		

IBGE, ou seja, também para o pessoal administrativo, a mediana fornece informação precisa acerca da tendência central.

Para o conjunto da indústria de transformação 94,7% dos administrativos têm salários superiores a 0,8 salário-mínimo, enquanto 26,2% ganham salários superiores a 4,8 salários mínimos. Ou seja, cerca de 68,4% dos administrativos estão remunerados na faixa de 0,8 a 4,8 salários mínimos. Nos vários gêneros industriais, igualmente se verifica uma elevada concentração de ordenados na faixa de 0,8 a 4,8 salários mínimos (9).

O quadro 8 mostra os valores medianos dos salários e dos ordenados no conjunto da indústria de transformação e em cada gênero industrial (10).

Em primeiro lugar, apontamos a semelhança das ordenações dos gêneros industriais de acordo com os valores medianos de salários e de ordenados. O coeficiente de correlação de Spearman é significativo e vale 0,7039, do que se conclui que nos gêneros onde a mediana dos salários é relativamente elevada, também o é a mediana dos ordenados.

A seguir, observamos a diferença entre a tendência central de salários e de ordenados. No conjunto da indústria de transformação a mediana dos ordenados é praticamente o dobro da mediana dos salários e nos gêneros industriais a proporção em que diferem as medianas de ambos tipos de remunerações varia entre 1:1,4 em "Editorial

Tendência central das distribuições de salários de operários e administrativos

GÊNEROS DE PRODUÇÃO	Salário mediano cruzeiros 1970		Proporção entre salários medianos Sal. Oper. = 100		Proporção entre salários medianos Ind. Transf. = 100		Salário mediano em relação ao sal. mínimo Sal. mínimo = 100	
	Oper.	Admin.	Oper.	Admin.	Oper.	Admin.	Oper.	Admin.
Minerais não metálicos	208,02	454,52	100,00	218,50	83,65	91,81	111,12	242,80
Metalurgia	316,54	537,73	100,00	169,88	127,28	108,61	169,09	287,25
Mecânica	366,42	604,54	100,00	164,99	147,34	122,11	195,74	322,94
Material elétr.e de comunic.	801,91	591,68	100,00	195,98	121,40	119,51	161,28	316,07
Material de transporte	497,76	735,10	100,00	147,68	200,15	148,48	265,90	392,68
Madeira	184,27	372,71	100,00	207,69	74,10	77,30	98,43	204,44
Mobiliário	241,23	464,93	100,00	192,73	97,00	93,91	128,86	248,36
Papel e papelão	277,59	450,20	100,00	162,18	111,62	90,93	148,29	240,49
Borracha	285,23	625,53	100,00	219,31	114,69	126,35	152,37	334,15
Couros e peles	205,79	578,60	100,00	281,16	82,75	116,87	109,93	309,08
Química	328,98	591,89	100,00	179,92	132,29	119,55	175,74	316,18
Produtos farmacêuticos	277,30	688,50	100,00	248,29	111,50	139,07	148,13	367,79
Perfumaria, sabões e velas	240,07	567,95	100,00	236,58	96,53	114,72	128,24	303,39
Produtos de matérias plásticas	237,92	520,17	100,00	218,63	95,67	105,07	127,09	277,87
Textil	226,81	436,66	100,00	192,52	91,20	88,20	121,16	233,26
Vestuário e calçado	195,34	413,34	100,00	211,60	78,55	83,49	104,35	220,80
Produtos alimentares	193,81	361,73	100,00	186,64	77,93	73,06	103,53	193,23
Bebidas	267,79	435,86	100,00	162,76	107,68	88,04	143,05	232,83
Fumo	279,64	548,51	100,00	196,15	112,45	110,79	149,38	293,01
Editorial e gráfica	328,22	460,58	100,00	140,33	131,98	93,03	175,33	246,04
Diversos	233,32	457,29	100,00	195,99	93,82	92,37	124,64	244,28
Total indústria transformação	248,69	495,09	100,00	199,08	100,00	100,00	132,85	264,47

e Gráfica" e 1:2,8 em "Couro e Peles".

Tentando verificar o porque dessas diferenças entre salários e ordenados, comparamos as classificações dos gêneros industriais de acordo com a proporção em que diferem as medianas desses tipos de remuneração com cada uma das ordenações dos gêneros, segundo as medianas de salários e de ordenados. Constatam-se evidências de correlação inversa entre aquela proporção e o salário mediano, não havendo evidências de qualquer tipo de associação entre aquela proporção e a mediana dos ordenados. Os coeficientes de correlação de Spearman resultaram ser de -0,5338 e de 0,1481 respectivamente.

Os salários são bem menores que os ordenados especialmente nos gêneros industriais que se caracterizam pelos baixos salários dos operários. Isto, aliado ao fato de que os gêneros de maiores ordenados pagam também os maiores salários, indica a maior importância da dispersão setorial de salários em relação à dispersão setorial de ordenados, o que pode ser comprovado comparando os coeficientes de variação das medianas de ambos tipos de remuneração. Enquanto o desvio padrão dos salários medianos dos gêneros industriais equivale a 25,99% da média aritmética desses salários, o desvio padrão das medianas dos ordenados equivale a apenas 18,74% de sua média aritmética.

Comparando as medianas dos salários e dos ordenados dos gêneros industriais com os valores dessas medianas no conjunto da indústria de transformação, tem-se que,

quando o salário mediano do gênero é superior ao do conjunto da indústria de transformação, a mediana dos ordenados também supera a do conjunto da indústria de transformação, embora em proporção menor que a dos salários. Quando, ao contrário, o gênero tem salário mediano inferior ao do conjunto da indústria de transformação, a mediana dos ordenados é também inferior a do conjunto da indústria, não obstante esteja mais próximo desta, do que está a mediana dos salários do gênero.

As medianas de salários e de ordenados comparados com o maior salário mínimo vigente no país na época do Inquérito da Produção Industrial, revelam que o salário mediano do conjunto da indústria de transformação corresponde a 1,3 salários mínimos, enquanto a mediana dos ordenados equivale a 2,6 salários mínimos.

Os salários medianos dos gêneros industriais variam de aproximadamente um salário mínimo em "Madeira" a 2,6 em "Material de Transporte", enquanto as medianas dos ordenados variam de aproximadamente 2 salários mínimos em "Produtos Alimentares", a quase 4 em "Material de Transporte".

Concluindo, há uma grande proporção de operários e de pessoal administrativo com baixos níveis de remuneração. A proporção de pessoal de administração com baixos salários é relativamente menor que a de operários, porquanto mais de 90% do operariado recebe salários inferiores a quatro salários mínimos, enquanto cerca de 70% do

pessoal administrativo encontra-se nesta faixa salarial.

Aqui é importante acentuar que apesar da maior dispersão e nível dos ordenados, sua mediana é apenas o do bro da mediana dos salários no conjunto da indústria de transformação. Ou seja, apesar de menos de 10% do operariado e cerca de 30% do pessoal administrativo ter remunerações maiores que quatro salários mínimos, a mediana dos ordenados equivale somente a 2,6 salários mínimos.

Ao contrário do que se pensa correntemente, não se verifica um acentuado descolamento entre as remunerações de operários e de pessoal administrativo. Assim, a amplitude do leque de remunerações industriais no Brasil, se deve fundamentalmente à existência de uma estreita camada da cúpula gerencial com "ordenados" extremamente elevados. O grosso do pessoal de administração, repetimos, tem remunerações que, praticamente, não se diferenciam das recebidas pelo operariado.

Ademais, a dispersão setorial de ordenados é menor que a de salários, e os gêneros que pagam os maiores salários tem também os maiores ordenados. Assim as mais significativas diferenças entre ordenados e salários, ao nível dos gêneros industriais, se deve aos baixos salários pagos pelos mesmos. O que respalda a conclusão anterior, pois demonstra que ela tanto é verdadeira para o conjunto da indústria de transformação, quanto o é para cada um dos seus gêneros.

II - Salários do conjunto do pessoal ocupado

Aqui confrontaremos as distribuições de salários entre as categorias do mercado de trabalho sem diferenciar os operários dos empregados administrativos (11).

O quadro 9 mostra a semelhança das ordenações dos gêneros industriais de acordo com as frequências de pessoas ocupadas nas distintas classes de salários especificadas pelo IBGE. Vale dizer, também para o conjunto do pessoal ocupado é possível ordenar, sem ambiguidades, os gêneros industriais segundo as tendências de suas distribuições de salários, utilizando para tanto, a mediana como medida da tendência central dessas distribuições.

O quadro 10 mostra as distribuições de frequências acumuladas de pessoal ocupado nas classes de salários identificadas pelo IBGE. Observamos que, no conjunto da indústria de transformação, cerca de 86,7% do pessoal ocupado tem salários superiores a 0,8 salário mínimo, enquanto apenas 13,6% tem salários superiores a 3,6 salários mínimos. Vale dizer, aproximadamente 3/4 do pessoal ocupado tem salários na faixa de 0,8 a 3,6 salários mínimos. A elevada concentração do pessoal ocupado na faixa de 0,8 a 3,6 salários mínimos verifica-se em todos os gêneros industriais (12).

Com a finalidade de destacar a importância da grande concentração do pessoal ocupado numa estreita faixa de baixos salários, salientando ao mesmo tempo a impor

Distribuição Acumulada de Salários do Pessoal Ocupado

Frequência de Salários Superiores a

GÊNEROS INDUSTRIAIS	Frequência de Salários Superiores a							
	0,7 sal. mínimo	0,8 sal. mínimo (1)	1,1 sal. mínimo (2)	1,4 sal. mínimo (3)	2 sal. mínimo (4)	2,5 sal. mínimo (5)	3,6 sal. mínimo (6)	4,8 sal. mínimo (7)
Total indústria de transformação	-	-	-	-	-	-	-	-
Minais Não Metálicos	-	6	5	5	6	6	6	7
Metalúrgica	-	18	17	16	15	14	13	14
Mecânica	-	20	20	20	20	19	19	18
Material eletr.e de comunicações	-	16	16	15	16	16	16	16
Material de transporte	-	21	21	21	21	21	21	20
Madeira	-	1	1	1	1	1	1	2
Mobiliário	-	9	7	9	8	7	7	5
Papel e papelão	-	15	13	14	11	11	11	10
Borracha	-	14	14	12	14	15	14	13
Couros e peles	-	8	4	4	4	5	5	6
Química	-	17	18	19	19	18	18	19
Produtos farmacêuticos	-	19	19	18	19	20	20	21
Perfumaria, sabões e velas	-	12	12	10	10	13	15	17
Produtos de matérias plásticas	-	10	11	8	9	10	12	12
Textil	-	5	6	6	6	4	3	3
Vestuário e calçado	-	3	2	2	2	2	2	1
Produtos alimentares	-	4	3	3	3	3	4	4
Bebidas	-	7	10	13	13	12	9	9
Fumo	-	2	9	11	11	9	8	8
Editorial e gráfica	-	13	15	17	17	17	17	15
Diversos	-	11	8	7	7	8	10	11

r_{1.2}=0,9338 r_{2.3}=0,9714 r_{3.4}=0,9857 r_{4.5}=0,9818 r_{5.6}=0,9831 r_{6.7}=0,9844

Distribuição acumulada de salários do pessoal ocupado									
GÊNEROS INDUSTRIAIS	Frequência de Salários Superiores a								
	0,7 sal. mínimo	0,8 sal. mínimo	1,1 sal. mínimo	1,4 sal. mínimo	2 sal. mínimo	2,5 sal. mínimo	3,6 sal. mínimo	4,8 sal. mínimo	
Total indústria de transformação	100,000	86.744	65.092	51.865	34.689	24.196	13.555	8.292	
Materiais Não Metálicos	100,000	81.327	53.481	41.203	24.546	15.584	8.226	5.250	
Metalúrgica	100,000	94.485	79.330	65.009	44.062	28.986	15.030	9.196	
Mecânica	100,000	95.935	85.066	72.962	54.335	40.265	23.441	14.605	
Material eletr.e de comunicações	100,000	93.523	77.475	63.546	45.542	32.741	20.204	13.144	
Material de transporte	100,000	97.342	90.483	83.387	69.117	56.221	33.461	16.639	
Madeira	100,000	72.241	36.889	25.641	15.033	9.359	4.545	3.178	
Mobiliário	100,000	87.486	63.249	48.817	30.680	19.296	8.565	4.580	
Papel e papelão	100,000	91.520	72.632	58.174	36.242	24.015	12.379	7.415	
Borracha	100,000	91.430	74.419	56.922	43.816	32.458	15.852	8.735	
Couros e peles	100,000	87.219	52.078	33.436	19.076	13.585	7.995	5.007	
Química	100,000	93.793	80.577	69.691	49.311	36.772	23.139	15.428	
Produtos farmacêuticos	100,000	95.243	80.750	69.213	53.936	43.135	30.546	23.170	
Perfumaria, sabões e velas	100,000	89.650	68.854	56.332	33.105	25.435	17.922	13.489	
Produtos de materias plásticas	100,000	88.102	66.356	47.296	30.705	21.931	13.011	8.631	
Textil	100,000	80.574	57.624	41.910	21.823	13.068	6.164	3.836	
Vestuário e calçado	100,000	76.957	45.012	27.866	15.074	9.525	5.124	3.132	
Produtos alimentares	100,000	79.816	45.881	33.237	19.035	12.254	6.699	4.528	
Bebidas	100,000	86.878	66.084	57.196	42.230	25.197	11.442	6.651	
Fumo	100,000	74.201	65.176	56.370	41.669	21.579	11.115	5.989	
Editorial e gráfica	100,000	90.918	76.246	65.180	47.237	35.241	20.631	12.614	
Diversos	100,000	88.529	62.935	46.184	28.970	20.331	11.726	7.630	

tância das diferenças das curvas de salários dos gêneros industriais nos seus extremos, particularmente nos seus segmentos superiores, o quadro 11 mostra os quartis e o desvio interquartilico das distribuições de salários no conjunto da indústria de transformação e nos distintos gêneros industriais. Para o conjunto da indústria de transformação o valor do terceiro quartil equivale a 2,5 vezes o valor do primeiro, revelando-se assim, a estreiteza da faixa salarial na indústria de transformação (13).

O gênero "Produtos Farmacêuticos" tem a maior faixa salarial, enquanto "Vestuário e Calçado" tem a menor. O terceiro quartil da distribuição de salários em "Produtos Farmacêuticos" equivale a 3,6 vezes o valor do primeiro quartil, enquanto em "Vestuário e Calçado" essa proporção é de 1:1,8.

As ordenações dos gêneros industriais de acordo aos três quartis de suas distribuições de salários são bastante semelhantes, pois o menor valor obtido pelo coeficiente de Spearman nas três comparações realizadas foi de 0,8909.

Por outro lado, as ordenações dos gêneros industriais segundo os quartis são muito próximas à ordenação dos gêneros de acordo ao desvio interquartilico. O menor valor do coeficiente de Spearman foi neste caso de 0,8727.

São as categorias melhor remuneradas que apresentam uma maior dispersão salarial. É importante destacar

Localização e dispersão dos salários dos operários e administrativos (*)

RAMOS DE PRODUÇÃO	Desvio Inter-quartilico (1)	Primeiro quartil (2)	Segundo quartil (3)	Terceiro quartil (4)	Ordenações			
					(1)	(2)	(3)	(4)
Minerais não metálicos	97,60	169,44	224,90	364,64	06	04	05	06
Metalúrgica	153,30	225,88	337,74	532,48	14	17	15	14
Mecânica	204,69	253,66	399,85	663,03	18	20	19	19
Material elétrico	191,41	219,34	341,49	602,16	16	16	16	16
Material de transporte	231,97	324,21	529,90	788,14	20	21	21	20
Madeira	63,51	141,84	190,53	268,86	02	01	01	01
Mobiliário	117,68	184,55	258,20	419,90	08	08	09	08
Papel e papelão	130,32	203,42	301,64	464,05	10	13	11	11
Borracha	179,31	208,20	317,96	566,82	15	14	14	15
Couros e peles	74,21	175,76	215,86	324,18	04	06	04	04
Química	208,47	236,90	363,95	653,84	19	19	18	18
Produtos farmacêuticos	302,12	236,18	405,78	840,42	21	18	20	21
Perfumaria	145,11	194,48	291,13	484,69	12	12	10	13
Matérias plásticas	123,32	189,14	255,05	435,79	09	11	08	09
Textil	90,32	170,26	235,48	350,89	05	05	06	05
Vestuário e calçado	62,65	160,73	201,81	286,03	01	03	02	02
Produtos alimentares	71,77	179,86	203,63	323,40	03	07	03	03
Bebidas	144,02	187,49	313,00	475,53	11	10	13	12
Fumo	151,00	152,63	308,01	454,63	13	02	12	10
Editorial e gráfica	201,89	215,91	351,33	619,69	17	15	17	17
Diversos	115,25	185,26	250,54	415,75	07	09	07	07
Indústria de transformação	139,24	185,98	273,91	464,45	-	-	-	-

$r_{1.2}=0,8727$ $r_{1.3}=0,9857$ $r_{1.4}=0,9896$ $r_{2.3}=0,8909$ $r_{3.4}=0,9857$ $r_{2.4}=0,9143$

(*) salário mensal em cruzeiros.

que mesmo assim revela-se inexpressiva a proporção dos que auferem altos rendimentos. Repito: as categorias de maiores salários têm uma proporção de salários altos relativamente maior que as demais, não obstante, também predominem os baixos salários.

Confirma-se esta afirmação medindo os coeficientes de variação dos quartis das distribuições de salários dos gêneros industriais. O desvio-padrão dos primeiros quartis destas distribuições equivale a 19,77% de sua média, e os desvios-padrões dos outros dois quartis são respectivamente 27,08% e 31,41% dos seus valores médios. Assim sendo, à medida que consideramos os quartis superiores das distribuições de salários dos gêneros industriais, a dispersão relativa destes quartis aumenta, refletindo a acentuada assimetria das curvas representativas das distribuições de salários nas distintas categorias do mercado de trabalho.

Concluindo, há uma uniformização de salários no interior das categorias trabalhistas. Esta uniformização é feita "por baixo", pois preponderam as baixas remunerações, refletindo a generalizada debilidade do poder de barganha dos trabalhadores. Nas categorias melhor remuneradas, os maiores salários são logrados às custas de uma maior dispersão, que, no entanto, poderia ser bem maior, dada a heterogeneidade das indústrias. Vale dizer, a uniformização dos salários no interior das categorias trabalhistas não se deriva das condições de produção das indústrias. É um fato institucional, que contribui à debilidade do poder de negociação salarial dos trabalhadores de indústrias de maior produtividade.

III - Salário do pessoal ocupado na década de 1960

Vamos agora observar o comportamento, durante a década de 1960, da organização do mercado de trabalho em categorias que se aproximam dos gêneros industriais a dois dígitos, e também a evolução dos salários nessas categorias (14).

Neste sentido, o quadro 12 mostra os salários médios do pessoal ocupado no conjunto da indústria de transformação e nos distintos gêneros industriais, além de suas proporções de crescimento durante a década de 1960.

Observa-se, em primeiro lugar, que as ordenações dos gêneros de acordo com os salários médios do pessoal ocupado não se modifica significativamente durante os anos 60. O coeficiente de correlação de Spearman entre as ordenações dos gêneros industriais, de acordo aos seus salários médios, nos anos de 1959 e 1970, é de 0,9039.

Considerando como gêneros de altos salários aqueles cujos salários médios são expressivamente superiores ao salário médio da indústria de transformação vemos que, nos dois anos considerados, "Metalúrgica", "Mecânica", "Material Elétrico e de Comunicações", "Material de Transporte", "Papel e Papelão", "Borracha", "Química", "Produtos Farmacêuticos", "Perfumaria, Sabões e Velas" e "Editorial e Gráfica" são gêneros de altos salários, enquanto "Minerais não Metálicos", "Madeira", "Mobiliário", "Couro e Peles", "Vestuário e Calçado" e "Produtos Alimentares"

GÊNEROS INDUSTRIAIS	Salário P. Ocupado (*)		Salário P. Ocupado Média Industrial=100		Salário P. Ocupado 1959 = 1	
	1959	1970	1959	1970	1959	1970
	80,74	4.668,56	100,00	100,00	1	57,8
Total indústria de Transformação						
Minerais Não Metálicos	61,61	3.143,10	76,31	67,32	1	51,0
Metalúrgica	100,03	5.408,57	123,89	115,85	1	54,1
Mecânica	111,40	6.866,50	137,97	147,06	1	61,6
Material elétrico e de comunicação	107,74	6.364,10	133,44	136,30	1	59,1
Material de Transporte	119,09	7.417,31	147,50	158,86	1	62,3
Madeira	57,22	2.604,49	70,87	55,77	1	45,5
Mobiliário	69,79	3.259,08	86,44	69,80	1	46,7
Papel e papelão	87,94	5.235,31	108,92	112,12	1	59,5
Borracha	113,54	5.594,47	140,62	119,81	1	49,3
Couros e Peles	68,07	3.345,26	84,31	71,64	1	49,1
Química	115,51	8.247,79	143,06	176,65	1	71,4
Produtos Farmacêuticos	122,06	7.789,46	151,18	166,82	1	63,8
Perfumaria, Sabões e Velas	85,82	5.264,61	106,29	112,77	1	61,3
Produtos de Matérias Plásticas	130,30	4.663,84	127,94	99,89	1	45,1
Textil	68,92	3.841,56	85,36	82,29	1	55,7
Vestuário e Calçado	64,68	3.013,90	80,11	64,55	1	46,6
Produtos Alimentares	63,11	3.080,69	78,16	65,99	1	48,8
Bebidas	85,43	4.734,10	105,81	101,39	1	55,4
Fumo	83,01	5.961,54	102,81	127,69	1	71,8
Editorial e Gráfica	96,43	6.507,52	119,43	139,39	1	67,5
Diversos	84,36	4.609,60	104,48	98,74	1	54,6

(*) Salário médio anual por pessoa ocupada em valor corrente de cada ano, em cruzeiro novo.

são gêneros de baixos salários (15).

Tomando os gêneros de altos salários em 1970 e considerando os demais como de baixos salários, verifica-se que dos 11 de altos salários, apenas "Metalúrgica" e "Borracha" tem um crescimento do salário proporcionalmente inferior à da média da indústria de transformação. Por outro lado, todos os gêneros de salários baixos têm proporção de crescimento do salário médio inferior a do crescimento da média industrial.

Não apenas os gêneros de altos salários tiveram na década de 1960 um crescimento de salários mais que proporcional aos dos demais gêneros, como também há evidências de correlação positiva entre os salários médios dos gêneros em 1959 e a proporção de crescimento daqueles salários durante a década de 1960. O coeficiente de correlação de Spearman assume, neste caso, o valor 0,5468, significativo a 5%.

A ampliação das diferenças entre os salários das categorias da organização do mercado de trabalho na década de 1960 pode ser comprovada calculando os coeficientes de variação dos salários médios dos gêneros industriais nos anos de 1959 e de 1970. O valor deste coeficiente era de 23,6% em 1959 e passa a ser de 32,5% em 1970, indicando assim a ampliação da dispersão relativa dos salários médios das categorias do mercado de trabalho na década de 1960.

Em síntese, a organização do mercado de trabalho se mantém durante a década dos 60, ao mesmo tempo em que se amplia a dispersão de salários médios das distintas categorias trabalhistas, ressaltando a importância daquela organização para o estudo da diferenciação dos salários no interior da estrutura industrial.

O aumento da dispersão de salários ao longo da década provavelmente reflete tanto a política salarial, com acentuada queda do salário mínimo legal de 1961 até 1968, como as próprias características da demanda de mão-de-obra atrelada ao caráter cíclico da expansão industrial.

Explico-me: o efeito da queda do salário mínimo não atinge de igual forma as distintas categorias trabalhistas, a não ser após 1967, quando o governo passa a impor, nos dissídios coletivos, percentuais de reajuste salarial quase semelhantes a todas as categorias trabalhistas, restringindo a influência do sindicato nos convênios de salários e tornando a Justiça do Trabalho uma entidade que apenas homologa os percentuais de reajustes ditados pelo governo. Ademais, nota-se que a crise dos anos sessenta não atinge da mesma forma todas as indústrias abarcadas pelas distintas categorias trabalhistas. Quando da recuperação, as indústrias das categorias pior remuneradas que acompanham a intensidade do ritmo de expansão econômica, passam por profundas modificações em suas estruturas organizacionais, com intenso processo de monopolização, como ocorreu em algumas indústrias alimentares. Neste caso os traba

lhadores não participam de nenhum modo dos ganhos de produtividade dessas indústrias, porque a estrutura do mercado de trabalho não se adapta às novas condições imperantes.

À guisa de conclusão podemos reenfatar o ponto de convergência da análise realizada neste capítulo: o conjunto da indústria de transformação e cada um dos seus gêneros se caracterizam por elevada concentração de operários e pessoal administrativo numa faixa de remuneração extremamente baixa. Assim, o chamado leque de remunerações se reduz a duas hastes: numa delas está "pendurado" mais de 90% do pessoal ocupado (recebendo menos de 4,8 salários mínimos) e na outra encontram-se "instalados" os demais "assalariados".

Antes, porém, de finalizar gostaríamos de qualificar melhor alguns aspectos relativos ao mercado de trabalho e à dispersão de salários, levando em conta a distinção entre operários e pessoal administrativo.

A organização do mercado de trabalho é mais importante para explicar a diferenciação dos salários que a dos ordenados. Isto reflete, provavelmente, uma relativa homogeneidade nas exigências de qualificação da mão-de-obra para as funções diretamente produtivas, dentro de cada categoria. Assim, por exemplo, os requerimentos de treinamento e qualificação são relativamente semelhantes para as distintas funções produtivas nas indústrias metal-mecânicas, o que confere maior transitividade da mão-de-obra entre as distintas indústrias abarcadas pela categoria dos metalúrgicos. Por outro lado, deve haver grande diversidade de exigências de "qualificação" para as funções produtivas

vas das indústrias das distintas categorias, de modo que se apresentam "rigidezes" à mobilidade da mão-de-obra entre indústrias de diferentes categorias.

Tudo indica que ocorre o oposto com os empregados administrativos, para os quais parece haver uma maior diversidade de requisitos para o desempenho de cada função. Isto é verdadeiro apenas para as funções superiores da administração e nada tem a ver com a massa de empregados. Este fato parece explicar a maior dispersão de ordenados no interior de cada categoria do mercado de trabalho, e reflete a elevada diversidade de estruturas burocrático-administrativas apresentada pelas indústrias de uma mesma categoria.

O grau de qualificação da força de trabalho só em parte contribui para explicar as diferenças de salários na estrutura industrial. De um lado, a organização do mercado de trabalho em amplas categorias se impõe às diversidades propriamente técnicas das distintas indústrias e funções produtivas. De outro lado, em todas as categorias do mercado de trabalho predominam os assalariados de baixas remunerações e possivelmente de baixos graus de qualificação.

Finalmente, a fixação comum dos percentuais de reajuste salarial para todos os trabalhadores, independentemente das categorias do mercado de trabalho onde estejam, que vigora na política salarial do governo no período pós-1964, particularmente a partir de 1966/1967, não foi

suficiente para modificar a crescente dispersão de salários entre as categorias do mercado de trabalho verificados durante a década de 1960 e provavelmente antes.

Capítulo II - SALÁRIO E PRODUTIVIDADE NA ESTRUTURA INDUSTRIAL

Pretendo neste capítulo estudar a diferenciação de salários no interior da estrutura industrial . A análise se desenvolve em três itens.

No primeiro estudo a dispersão de salários e de produtividade tentando mostrar que uma classificação a 2 dígitos que não tem maior significado em termos da atual organização industrial, dada sua heterogeneidade produtiva, pode ser tomada como uma aproximação razoável às categorias do mercado de trabalho, que contribui de modo decisivo à configuração da estrutura de salários.

No segundo item trato de abrir essa classificação a 2 dígitos, depois de reagrupados os gêneros por categorias de salário médio, para levar em conta as características propriamente ditas da estrutura produtiva e da organização de mercado.

As informações utilizadas provêm do Censo Industrial de 1970 ao nível de agregação de gêneros à quatro dígitos segundo a classificação industrial do IBGE. Este nível de agregação justifica-se plenamente, como tentativa de aproximação à noção de mercado. Em estruturas oligopolizadas, o poder do capital depende não só das condições do mercado de trabalho, como especialmente, da organização dos mercados de produtos.

As variáveis centrais da análise são o tamanho, a produtividade e os salários. Utilizo também variáveis deduzidas, como a participação do salário no produto e o excedente (valor da transformação menos os salários).

rios) por pessoa ocupada, para tentar verificar o poder relativo do capital sobre o trabalho.

O tamanho dos estabelecimentos industriais foi expresso por seus valores de produção, já que esta forma de medir dá uma idéia mais adequada da escala, permitindo uma melhor vinculação do tamanho com a magnitude do capital investido.

O tamanho característico de cada gênero industrial a dois e a quatro dígitos foi estimado com o índice Niehans, utilizando-se uma classificação dos estabelecimentos industriais composta de 15 classes de tamanho. A primeira, compreende os estabelecimentos com menos de 100 mil cruzeiros de valor de produção anual, enquanto a última compreende aqueles com mais de 25 milhões de cruzeiros (*).

O índice de Niehans pondera os tamanhos médios dos estabelecimentos de cada classe por suas respectivas participações no valor de produção do gênero industrial e, portanto, reflete o grau de concentração da produção nos estabelecimentos de maiores tamanhos (16).

A produtividade do trabalho foi estimada pelo valor da transformação industrial por pessoa ocupada, não sendo possível considerar, a partir dos dados do Censo Industrial, a diversidade setorial de horas efetivamente trabalhadas. Pelo mesmo motivo, os salários médios foram estimados a partir dos salários por pessoa ocupada em cada gênero (17).

No terceiro item deste Capítulo trato de mostrar que as diferenças entre as categorias do mercado de trabalho (tomando novamente como proxy os gêneros a 2 dígitos) se sobrepõem a outros aspectos da estrutura industrial, tais como o tamanho dos estabelecimentos industriais e a produtividade do trabalho, na explicação das diferenças intersetoriais dos salários.

I - Comparação das dispersões de salário e de produtividade de do trabalho

Para analisar as dispersões de salário e de produtividade do trabalho tomei a classificação do IBGE em gêneros a dois dígitos como aproximações às categorias do mercado de trabalho. Em seguida, decompos os diferenciais de salário e produtividade com a finalidade de verificar a importância relativa da organização do mercado de trabalho (18).

Para medir a dispersão de produtividade entre os gêneros industriais a quatro dígitos, é necessário comparar as distribuições do produto e do emprego industrial na classificação dos estabelecimentos naquele nível de agregação. Quanto maior a discrepância entre as duas distribuições, maior será a dispersão das produtividades dos gêneros a quatro dígitos da indústria de transformação (19).

Adotei como medida da discrepância daquelas distribuições o desvio médio ponderado pelo produto industrial dos logaritmos das produtividades médias dos gêneros a quatro dígitos, em relação ao logaritmo da produtividade média da indústria. Este indicador assume o valor zero se as duas distribuições são exatamente iguais e, portanto, não há diferenças entre as produtividades dos gêneros industriais a quatro dígitos. Ele não assume valores negativos e quanto maior o seu valor, mais importantes serão as

discrepâncias entre as duas distribuições e, consequentemente, as diferenças entre as produtividades dos gêneros industriais a quatro dígitos (20).

O indicador utilizado pode ser decomposto em dois outros, que permitirão comparar a importância das diferenças de produtividades entre os gêneros a dois dígitos com a das diferenças de produtividades entre os gêneros a quatro dígitos (21).

Uma análise semelhante à anterior pode ser realizada com os salários (22). Neste caso, compare as distribuições do total de salários pagos e do emprego industrial entre os gêneros a quatro dígitos (23).

Apliquei os indicadores de discrepância aos dados do Censo Industrial de 1970 para analisar as disparidades setoriais de produtividades.

As diferenças entre os ramos industriais são relativamente menos importantes para explicar a dispersão de produtividades que as diferenças entre os setores (24). As diferenças entre ramos explicam 47% da heterogeneidade total das produtividades dos setores, enquanto as diferenças de setores no interior dos ramos são responsáveis pelos outros 53%.

Para precisar o que acabei de afirmar, destacando particularidades, o quadro 2 mostra os valores dos indicadores de discrepância setorial de produtividade no interior dos 21 ramos.

QUADRO 13
DISCREPÂNCIA SETORIAL DE PRODUTIVIDADE NA ESTRUTURA INDUSTRIAL A 4 DÍGITOS

INDICADOR	VALOR ABSOLUTO	VALOR RELATIVO
R#1	0,095241	46,96
R#2	0,107564	53,04
R#*	0,202805	100,00

Discrepância Setorial de Produtividades na Estrutura Industrial a 4 Dígitos

NOME DO RAMO	INDICADOR		Discrepância de Produto no Interior do Ramo em Relação a Discrepância entre Ramos	Participação dos Ramos no Emprego Industrial	Participações dos Ramos no Produto Industrial
	VALOR ABSOLUTO	VALOR RELATIVO			
Minerais não Metálicos	0,319175	157,38	335,12	8,98	5,88
Metalmúrgica	0,133194	65,68	139,85	10,13	11,56
Mecânica	0,063697	31,41	66,88	6,85	7,05
Material Elétrico	0,068446	33,75	71,87	4,36	5,36
Material de Transporte	0,086702	42,75	91,03	6,01	7,97
Madeira	0,043250	21,33	45,41	5,16	2,52
Mobiliário	0,035155	17,33	36,91	4,00	2,10
Papel e Papelão	0,039811	19,63	41,80	2,54	2,56
Borracha	0,260775	128,58	273,81	1,25	1,95
Couros e Peles	0,032895	16,22	34,54	1,00	0,85
Química	0,148416	73,18	155,83	3,96	10,01
Produtos Farmacêuticos	0,045762	22,56	48,05	1,17	3,38
Perfumaria, Sabões e Velas	0,064412	31,76	67,63	0,73	1,55
Matérias Plásticas	0,074769	36,87	78,51	1,62	1,88
Textil	0,082649	40,75	86,78	13,02	9,34
Vestuário e Calçado	0,014339	7,07	15,06	6,25	3,35
Produtos Alimentares	0,094718	46,70	99,45	14,14	13,47
Bebidas	0,047690	23,52	50,07	2,23	2,32
Fumo	0,216750	106,88	227,58	0,55	1,31
Editorial e Gráfica	0,108523	53,51	113,95	3,96	3,68
Diversos	0,116977	57,68	122,82	2,37	2,11
INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	0,202805	100,00	46,96	100,00	100,00

Apenas sete ("Minerais não Metálicos", "Borracha", "Fumo", "Química", "Metalúrgica", "Diversos" e "Editorial e Gráfica") tem medida de discrepância setorial de produtividades maior que a medida de discrepância das produtividades médias dos ramos industriais. Quer dizer: nestes ramos há elevada heterogeneidade de produtividades.

Em cinco outros ("Madeira", "Mobiliário", "Papel e Papelão", "Couros e Peles" e "Vestuário e Calçado") a medida de discrepância setorial de produtividades é bem menor que a medida de discrepância das produtividades médias dos ramos industriais. Isto é: nestes ramos reina a homogeneidade.

Por outro lado, a ordenação dos ramos de acordo com suas produtividades médias é relativamente semelhante à classificação segundo suas medidas de heterogeneidade (o coeficiente de correlação de Spearman é significativo valendo 0,4026). Isto significa que quanto mais produtivo um ramo, maior, também, sua heterogeneidade.

Analisemos, agora, a questão da diferenciação de salários. Para explicar a heterogeneidade de salários, a dispersão dos salários médios dos ramos é mais importante que a dispersão de salários no seu interior: as diferenças de ramo explicam 59,4% da variação salarial, enquanto que as diferenças de setor no interior dos ramos explicam 40,6%. Vale dizer: para explicar a diferenciação de salários, ao contrário do que ocorre com as produtividades, importam mais as variações de ramos, isto é, as categorias

QUADRO 15

DISCREPANCIA SETORIAL DE SALARIOS NA ESTRUTURA INDUSTRIAL A 4 DÍGITOS

INDICADOR	VALOR ABSOLUTO	VALOR RELATIVO
R	0,107404	100,00
R ₁	0,063823	59,42
R ₂	0,043581	40,58

DISCREPANCIA SETORIAL DE SALÁRIOS NA ESTRUTURA INDUSTRIAL e 4 DÍGITOS

NOME DO RAMO	INDICADOR		Discrepância de Salários no Interior dos Ramos Em Relação a discrepância entre os Ramos	Participação dos Ramos no Emprego Industrial	Participação dos Ramos no Salário Industrial
	VALOR ABSOLUTO	VALOR RELATIVO			
Minerais não Metálicos	0,141817	132,04	222,20	8,98	8,04
Metáurgica	0,0222725	21,16	35,61	10,13	11,74
Mecânica	0,014518	13,52	22,75	6,85	10,08
Material Elétrico	0,022074	20,55	34,59	4,36	5,94
Material de Transporte	0,034947	32,54	54,75	6,01	9,55
Madeira	0,028667	26,69	44,92	5,16	2,88
Mobiliário	0,004253	3,96	6,66	4,00	2,79
Papel e Papelão	0,016502	15,36	25,86	2,54	2,85
Borracha	0,064627	60,17	101,26	1,25	1,50
Couros e Peles	0,026781	24,93	41,96	1,00	0,72
Química	0,128637	119,77	201,55	3,96	7,00
Produtos Farmacêuticos	0,000017	0,02	0,03	1,17	1,95
Perfumaria, Sabões e Velas	0,021959	20,45	34,41	0,73	0,82
Matérias Plásticas	0,013899	12,94	21,78	1,82	1,62
Textil	0,025311	23,57	39,66	13,02	10,71
Vestuário e Calçado	0,005039	4,69	7,90	6,25	4,03
Produtos Alimentares	0,052879	49,23	82,85	14,14	9,33
Bebidas	0,086428	80,47	135,42	2,23	2,26
Fumo	0,051542	47,99	80,75	0,55	0,70
Editorial e Gráfica	0,064004	59,58	100,28	3,69	5,14
Diversos	0,033742	31,42	52,87	2,37	2,34
TOTAL Ind. TRANSFORMAÇÃO	0,107404	100,00	59,42	100,00	100,00

do mercado de trabalho, que as de "setor" (quatro dígitos).

Em doze ramos ("Produtos Farmacêuticos", "Mobiliário", "Vestuário e Calçados", "Produtos de Matérias Plásticas", "Mecânica", "Papel e Papelão", "Perfumaria, Sabões e Velas", "Material Elétrico e de Comunicações", "Metalúrgica", "Textil", "Couros e Peles", "Madeira"), a medida de discrepância setorial de salários é bem menor que a medida de discrepância dos salários médios dos ramos. Quer dizer, nestes ramos é pequena a diferenciação de salários.

Em cinco outros ("Minerais não Metálicos", "Química", "Bebidas", "Borracha" e "Editorial e Gráfica"), a medida de discrepância setorial de salários é maior que a medida de discrepância dos salários médios dos ramos. Isto é, há grande diferenciação de salários.

Ademais, não há evidências de correlação entre o salário médio e a dispersão de salário do ramo (coeficiente de Spearman igual a 0,0545). Ou seja, nas categorias de trabalhadores melhor remunerados não há, necessariamente, uma diferenciação mais profunda de salários.

Entretanto, há indícios de correlação entre as dispersões de salário e de produtividade nos ramos (coeficiente de Spearman igual a 0,6857). As categorias de trabalho situadas nos ramos (dois dígitos) mais heterogêneas do ponto de vista da produtividade tendem a apresentar maior diferenciação de salários.

Reafirmando: as diferenças entre ramos industriais (considerados uma aproximação à classificação das categorias do mercado de trabalho) são mais importantes para explicar a heterogeneidade setorial de salários na indústria de transformação que as diferenças entre os "setores" (4 dígitos), apesar da importância da heterogeneidade industrial dos ramos.

O confronto das medidas de heterogeneidade setorial de produtividades e de salários indica que a primeira é superior em 88,8%. Enquanto a medida da dispersão das produtividades médias dos ramos supera a medida da dispersão de salários médios dos mesmos em 49,1%, ocorre que a medida da dispersão setorial de produtividades no interior dos ramos equivale a quase 2,5 vezes à medida de dispersão setorial de salários nos ramos industriais. Vale dizer, a dispersão setorial de salários é menor que a dispersão setorial de produtividades. Entretanto, a desproporção entre ambas dispersões é mais acentuada no interior dos ramos que entre as médias dos ramos industriais.

Este resultado comprova o caráter amplo das categorias em que se encontra organizado o mercado de trabalho, que abarca indústrias bastante heterogêneas. Esta forma de organização do mercado de trabalho acentua a desproporcionalidade entre salário e produtividade do trabalho, própria de uma estrutura industrial heterogênea, onde predominam distintas formas de organização oligopólica.

II - Diferenciação de salário e produtividade do trabalho no interior dos ramos industriais

Até este momento, analisamos nos seus termos mais gerais os problemas da diferenciação de salários. Cumpre, agora, detalhar a investigação, para tomar em conta a heterogeneidade das indústrias que compõem os diversos ramos industriais (IBGE a dois dígitos).

Para ordenar a exposição agrupamos os ramos, de acordo com os seus respectivos salários médios, em três categorias referidas ao salário médio da indústria de transformação. No interior de cada grupo procedemos a subclassificação que levam em conta certas características gerais da estrutura industrial que são comuns a cada subgrupo.

Como as variáveis analisadas são referidas permanentemente aos valores médios de indústria de transformação como um todo, apresentamos em seguida esses valores.

O tamanho característico do conjunto da indústria de transformação (tamanho médio ponderado pelo valor de produção) é de 32 milhões de cruzeiros de 1970. Seu salário médio é de pouco mais de 4,5 mil cruzeiros anuais por pessoa ocupada, ou seja, aproximadamente o dobro do maior salário mínimo vigente no país. A produtividade média da indústria de transformação é de pouco mais de 20 mil cruzeiros anuais por pessoa ocupada, valor que representa 4,3 vezes o salário médio industrial, o que equivale a dizer que a participação da massa de salário no produto industrial global é de 23,1%. Esta participação de salário

no produto é baixa quando comparada à de países capitalistas mais avançados. Assim por exemplo, nos EEUU a participação do salário no produto manufatureiro de 1970 é de 30,6%. Mesmo que as distintas definições adotadas para o valor agregado na indústria nos dois países comparados a diferença apontada é suficientemente grande para indicar a menor participação de salário no produto industrial brasileiro, tanto mais expressiva quanto se sabe da elevada diferença de produtividade industrial em favor dos EEUU. Ademais a participação de salário no produto industrial brasileiro vem declinando de modo continuado no pós-guerra. Ela era de 28% em 1949, passa a ser de 26% em 1959 para finalmente ser de 23% em 1970.

II - 1 - Ramos Industriais com salários menores que o salário médio da indústria de transformação.

Entre os ramos com salários menores que a média industrial podem ser identificados dois subgrupos: o primeiro, se caracteriza por ter pequenos tamanhos característicos e não possuir praticamente nenhum setor a quatro dígitos com tamanho característico relativamente elevado; o segundo, abrange ramos com tamanho característico relativamente mais elevado e pelo menos alguns de seus setores têm tamanho característico alto.

II - 1 - 1 - O sub-grupo de "Madeira", "Mobiliário", "Couros e Peles" e "Estuário e Calçado"

Estes ramos constituem o primeiro sub-grupo e se caracterizam pela importância das indústrias onde predominam os pequenos estabelecimentos de produção. Somente "mobiliário" e "Madeira" apresentam evidências de correlação

QUADRO 17

NOME DO RAMO	TAMANHO CARACTERÍSTICO E PRODUTIVIDADE DO TRABALHO		TAMANHO CARACTERÍSTICO E SALÁRIO		PRODUTIVIDADE E SALÁRIO	
	COEFICIENTE DE CORRELAÇÃO	NÍVEL DE SIGNIF.	COEFICIENTE DE CORRELAÇÃO	NÍVEL DE SIGNIF.	COEFICIENTE DE CORRELAÇÃO	NÍVEL DE SIGNIF.
MADEIRA	0,5000	1,0	0,4896	1,2	0,7575	0,1
MOBILIÁRIO	0,9818	0,1	0,8909	0,1	0,8727	0,1
COURROS E PELES	0,4762	11,8	0,2857	24,6	0,5714	6,9
VESTUÁRIO E CALÇADO	0,4020	5,5	0,2500	16,7	0,8358	0,1

entre tamanho característico, salário e produtividade do trabalho. Em "Vestuário e Calçado" há indícios de correlação entre salário e produtividade do trabalho. "Couro e Peles" é a única exceção, não havendo sinais de correlação entre qualquer das três variáveis consideradas.

O papel do tamanho dos estabelecimentos industriais na diferenciação de salários neste subgrupo é necessariamente pequeno, pois inexitem setores de grande tamanho. Praticamente todos os setores a quatro dígitos têm pequenos tamanhos característicos e seus salários e produtividades do trabalho são baixos.

Esses ramos podem ser caracterizados pelo baixo grau de intensidade de capital, dados os valores dos indicadores de tamanho, produtividade e salário, todos bem abaixo das respectivas médias industriais. Esta situação tanto pode dever-se a uma característica intrínseca a tipos de indústrias, como "Vestuário" e "Couro e Peles" ou, simplesmente, é uma indicação da sua imaturidade econômica e tecnológica, como nas indústrias de "Madeiras e Móveis".

Neste último caso, das indústrias de madeiras e móveis, a presença de correlação entre tamanho, produtividade e salário, indica que podem vir a aumentar as escalas de produção e o grau de modernização, em alguns de seus setores, o que provocaria uma maior diferenciação de tamanhos, salários e produtividades.

No caso de "Calçados", apesar da sua baixa produtividade do trabalho, a competitividade da indústria

parece assegurada segundo os padrões de eficiência internacional, mais pela boa qualidade "artesanal" do produto e dos baixos salários, que pelo avanço técnico dos seus processos industriais.

Do ponto de vista da organização do mercado de trabalho, nos ramos "Vestuário e Calçados" e "Couros e Peles" as categorias trabalhistas tem por referência indústrias específicas, não ocorrendo o mesmo com "Madeira e Mobiliário", onde as particularidades das distintas indústrias não são consideradas na definição das categorias trabalhistas. Em "Couros e Peles" o dissídio coletivo de salários é feito separadamente para os setores cortume e artefatos, enquanto em "Vestuário e Calçado" se identificam pelo menos três categorias trabalhistas: alfaiates, camisas e roupas brancas e calçados.

As diferenças apontadas na organização dos mercados de trabalho dos ramos não evitam que neles prevaleçam de modo generalizado os baixos salários. Não é a baixa qualificação do trabalho a determinante fundamental do salário e sim as condições gerais do tipo de produção industrial e do mercado de produtos. Tanto é que, apesar dos baixos salários vigentes nesses ramos, a participação da massa de salários no produto é maior que a média do conjunto da indústria de transformação.

II.1.1.1 - Madeira

O salário médio deste ramo equivale a 55,8% da média industrial e a produtividade do trabalho a 49% da produtividade média da indústria de transformação. Em consequência da baixa produtividade do trabalho, a participação da massa de salários no produto do ramo é de 26,4%, superior, portanto, à do conjunto da indústria. Ao mesmo tempo, a taxa de excedente por pessoa ocupada equivale apenas a 46,8% da média industrial.

Dos 21 setores identificados neste ramo, apenas 4 tem salários que não são expressivamente inferiores à média industrial; e dentre eles estão os três únicos cujas produtividades situam-se acima da produtividade média da indústria de transformação. Esses quatro setores participam com apenas 3,3% do emprego do ramo. Entre eles destaca-se a fabricação de chapas e placas de madeira aglomerada, único a apresentar tamanho característico relativamente elevado. O salário e a produtividade média das indústrias de chapas e placas de madeira aglomeradas são as maiores da "Madeira" e, em consequência, a participação da massa de salário no produto dessa indústria é de apenas 17,1%.

Do ponto de vista da produtividade e do salário médio, ressaltam, por sua importante participação no emprego, a produção das serrarias e, secundariamente, a fabricação de esquadrias, a produção de resserrados, a fabri-

MADDEIRA

NOBRE DO SETOR	Tamanho Característico (1.000 cruz.)	Salário do Setor em Relação ao da Indústria de Transformação	Salário do Setor em Relação ao do Ramo	Produtividade do Setor em Relação a do Ramo	Produtividade do Setor em Relação a do Ramo	Participação do Setor no Produto do Setor	Participação do Setor no Produto do Ramo	Precedência do Setor na Indústria de Transformação
Fabr. de Chapas e Placas de Madeira Astomizada ou Prensada	20.850	113,66	203,80	153,41	314,04	17,11	1,67	165,34
Juntação Preservação e Outros Tratamentos de Madeira	3.092	109,34	196,06	105,81	215,60	23,68	3,25	164,75
Fabr. de Formas e Modelos de Madeira	66.851	103,32	185,26	67,47	138,12	35,36	0,94	56,71
Fabr. de Estruturas de Madeira	9.596	99,21	177,89	106,94	217,07	21,60	0,26	103,03
Fabr. de Peças de Madeira para Instal. Com. e Indústria Excl. Móveis	1.443	89,87	161,14	68,90	141,04	30,12	0,23	62,60
Fabr. de Artigos de Cortiça	1.843	81,88	146,82	83,00	169,91	22,78	0,45	83,23
Fabr. de Caixas de Madeira Armadas	2.326	77,38	138,75	49,26	100,84	36,27	2,82	40,82
Fabr. de Chapas de Madeira Compensada Revestida ou não com Plástico	8.172	67,71	121,41	62,87	128,70	24,64	7,01	62,60
Fabr. de Laminas de Madeira ou Madeira Folheada	6.556	65,30	117,09	54,31	111,18	27,76	5,24	51,31
Fabr. de Espunhas	1.635	64,25	115,21	42,34	86,67	35,04	11,27	35,75
Produção de Fesserrados	2.122	62,54	112,14	58,41	119,57	24,72	7,71	37,17
Fabr. de Artefatos de Madeira Torneada	1.401	62,22	111,57	42,30	86,59	33,94	0,48	36,35
Fabr. de Artigos de Tanoaria e Madeira Arqueada	618	60,96	109,31	44,23	90,54	31,82	0,55	35,21
Fabr. de Artigos de Madeira para Uso Doméstico Com. e Ind.	1.192	60,44	108,37	43,77	89,60	31,88	0,97	35,77
Fabr. de Molduras e Execução de Obras de Talha	664	55,32	99,19	35,72	73,12	35,76	2,52	29,34
Fabr. de Salto e Soldados de Madeira	226	52,90	94,14	29,46	60,31	41,14	0,53	22,55
Fabr. de Cabos Para Ferramentas e Utensílios	768	49,99	89,64	51,88	106,20	22,25	0,70	52,45
Fabr. de Outros Artigos de Carpintaria não Especificado	668	49,67	89,06	37,72	77,22	30,41	0,42	34,13
Serrarias	878	45,92	82,34	42,71	87,43	24,83	52,89	14,13
Fabr. de Urnas e Caixões Mortuários	586	43,13	77,69	38,58	78,98	25,93	1,29	41,74
Fabr. de Artefatos de Bambu, Vime, Junco e palha Trançada	208	36,30	65,09	33,32	68,21	25,16	0,70	32,42
TOTAL RAMO	3.300	55,77	100,00	48,85	100,00	26,37	100,00	46,77

UN

cação de chapas de madeira compensada e a fabricação de lâminas de madeira ou de madeira folheada. Esses cinco setores representam conjuntamente 84,8% do emprego no ramo e todos são de pequeno tamanho característico e de baixos salários e produtividades do trabalho.

O ramo "Madeira" tem salário médio baixo devido ao caráter rudimentar da produção da maior parte de seus setores (especialmente os de maior participação no emprego), que se manifesta em pequeno tamanho característico e baixa produtividade do trabalho. Sua estrutura industrial não permite uma maior diferenciação de salários, embora seus setores mais novos pudessem apresentar salários mais elevados que os existentes, como indicam as baixas participações do salário no produto e as elevadas taxas de excedente por pessoa ocupada. A situação atual destes setores novos, particularmente os aglomerados de madeira, se explica pela forma em que se estrutura o mercado de seus produtos, com forte poder oligopólico das grandes empresas, sem que seja mitigado pela organização sindical de seus trabalhadores.

II.1.1.2 - Mobiliário

O salário médio deste ramo equivale a 69,8% da média industrial e a produtividade do trabalho a 52,4% da produtividade média da indústria de transformação. Em consequência da baixa produtividade do trabalho, a participação da massa de salários no produto do ramo é de 30,8% e

QUADRO 19
MOBILIÁRIO

NOME DO SETOR	Ítembo Característico (1000 Cruzeiros)	Salário do Setor em Relação ao da Indústria de Transformação	Salário do Setor em Relação ao do Ramo	Produtividade do Setor em Relação a da Transformação	Produtividade do Setor em Relação ao do Ramo	Participação do Salário no Produto do Setor	Participação do Setor no Emprego do Ramo	Excedente por Pessoa ocupada no Setor em Relação a Transformação
Fáb.de Persiana	11.098	113,49	162,59	130,86	256,80	16,07	0,74	148,49
Fáb.de Caixas e Rabinetes de Madeira para rádios, televisores, etc.	7.399	109,75	157,23	67,30	126,44	37,65	3,28	54,88
Fáb.de Móveis de Madeira revestido ou não com lâminas plásticas	6.476	91,09	131,35	81,78	156,07	25,08	10,37	79,81
Fáb.de Móveis de Madeira para uso Com.	3.853	60,81	115,77	58,16	111,03	32,07	10,29	51,35
Ind. & Profissional	8.519	71,32	102,16	67,37	128,57	24,44	8,67	60,14
Fáb.de esquadros de Madeira n/Móveis	474	20,72	101,82	38,22	72,94	42,73	0,59	28,48
Fáb.de Armários Embutidos de Madeira	1.217	69,82	100,03	47,50	90,65	33,94	0,52	40,63
Fáb.de Móveis de Madeira não Especifica- dos	4.413	85,95	83,92	57,72	110,15	26,14	1,85	58,44
Fáb.de Móveis de Madeira Vime e Juncos para uso Residencial	2.066	62,15	60,04	43,68	63,36	32,58	65,56	39,13
Fáb.de Móveis e Artigos Domésticos não Especificados	127	53,69	78,92	33,88	64,58	38,97	0,09	27,23
Montagem e Acabamento de Móveis	256	53,54	76,70	35,37	67,50	34,96	0,11	29,91
TOTAL RAMO	4.397	69,80	100,00	52,40	100,00	30,78	100,00	47,18

a taxa de excedente por pessoa ocupada é, apenas, 47,2% da média industrial.

Dos onze setores, apenas dois tem salário médio maior que o do conjunto da indústria. Participam somente com 4% do emprego e seus tamanhos característicos, embora dos maiores do ramo, situam-se bem abaixo da média industrial.

Há, entretanto, um grande contraste nas produtividades desses dois setores. Enquanto a fabricação de persianas é a de maior produtividade do ramo "Mobiliário" e, por isto tem uma participação da massa de salários no produto de apenas 18,9%, a fabricação de caixas e gabinetes para rádios e televisores tem participação do salário no produto de 37,7%. O contraste ainda é maior se comparamos suas taxas de excedente por pessoa ocupada: no primeiro, supera a média industrial em 46,5% e, no segundo, é inferior à média industrial, equivalendo a apenas 54,6%.

Uma hipótese explicativa deste contraste repousa nas diferentes formas em que se estruturam os mercados dos produtos dessas duas indústrias. Na fabricação de persianas, apesar de seu pequeno tamanho característico, as empresas parecem dispor de maior poder de mercado que as dedicadas à fabricação de caixas e gabinetes, cujas produções estão integradas às fabricações de aparelhos receptores de rádio e televisão. Mesmo no caso dessas atividades serem realizadas em distintas empresas, o poder monopsonístico dos grandes fabricantes de aparelhos de rádio e televi

são permite a imposição aos fabricantes de caixas e gabinetes de normas de qualidade e preços, obrigando-os a uma maior intensidade de uso de mão-de-obra e impedindo-os de obter maiores produtividades, quando medida pelo valor de transformação industrial por pessoa ocupada.

Neste ramo são importantes, do ponto de vista do emprego, a produção de móveis de madeira, vime e junco para uso residencial, a fabricação de móveis de madeira para uso comercial, industrial e profissional, a fabricação de móveis de metal e a fabricação de artigos de colchoaria, representando em conjunto 92,9% do emprego. Esses setores tem pequenos tamanhos característicos e seus salários e produtividades são baixos, embora móveis de metal e artigos de colchoaria tenham tamanhos e produtividades elevadas para o ramo.

Em "Mobiliário" ocorre situação semelhante à de "Madeira". Na maior parte dos setores, particularmente nos de maior participação no emprego, predominam atividades industriais de tipo rudimentar, caracterizadas pela importância relativa dos estabelecimentos de pequeno porte e por suas baixas produtividades, razão de ser dos baixos salários aí imperantes.

II.1.1.3 - Couros e Peles

O salário médio deste ramo equivale a 71,6% da média industrial e sua produtividade a 64,4% da média da indústria de transformação. Em consequência, a partici-

COURROS E PELES

MONS DO SETOR	Tamanho Característico (1.000 cruzelros)	Salário do Setor em Relação ao da Indústria de Transformação	Salário do Setor em Relação ao do Ramo	Produtividade do Setor em Relação a Indústria de Transformação	Produtividade do Setor em Relação a do Ramo	Participação do Setor no Produto do Setor	Participação do Setor no Emprego do Ramo	Excedente por Pessoal ocupado no Setor em Relação a Indústria de Transformação
Fabr. de Correlas e Outras Artigos de Couro para Máquinas de Couro e Peles	501	79,44	119,89	53,08	51,72	31,04	0,48	52,97
Curtimento e Outras Preparações de Couros e Peles	14.409	78,33	109,34	71,68	111,39	25,73	71,00	69,68
Fabr. de Artigos de Couro e Peles para Uso Pessoal e Outros Fins	3.104	59,37	96,83	51,87	50,50	30,80	3,46	46,61
Secagem e Salga de Couros e Peles	1.997	68,73	95,34	87,63	136,05	18,11	0,80	93,30
Secagem, Salga, Curtimento e Outras Preparações de Couro e Peles não Espec.	3.769	62,22	86,85	129,02	200,31	11,13	0,76	149,07
Fabr. de Peles, Veleiras e Outros Artigos para Viagem	3.328	59,58	83,17	45,93	71,31	29,96	10,26	41,82
Fabr. de Artigos Diversos de Couros e Peles não Espec.	584	48,10	67,14	49,30	76,54	22,53	0,72	49,66
Fabr. de Artigos de Selaaria	119	20,54	28,67	21,43	33,26	22,14	6,05	21,69
TOTAL RAMO	12.125	71,64	100,00	64,41	100,00	35,49	100,00	62,23

pação da massa de salários no produto do ramo é de 25,7% e a taxa de excedente por pessoa ocupada representa 62,2% da respectiva média industrial.

Praticamente todos os setores de "Couros e Peles" são de pequeno tamanho característico e de baixos salários e produtividades. Destaca-se, do ponto de vista do emprego, o cortume de couros e peles, que, isoladamente representa 71% do emprego do ramo. Este é o setor de maior tamanho característico, mas seu baixo grau de transformação industrial o impede de ter maiores produtividade e salário.

Apesar da possível correspondência entre as categorias do mercado de trabalho e da organização industrial, o insuficiente grau de intensificação do capital dos setores deste ramo impede que a diversidade de categorias trabalhistas se materialize numa maior diferenciação de salários, predominando os salários baixos.

II.1.1.4 - Vestuário e Calçado

O salário médio deste ramo equivale a 64,6% da média industrial e sua produtividade a 53,6% da média da indústria de transformação. Em consequência, a participação da massa de salários no produto do ramo é de 27,8% e a taxa de excedente por pessoa ocupada é apenas 50,3% da média industrial.

Praticamente todos os setores do ramo têm baixos salários e produtividade, e seus tamanhos caracterís

MONTE DO SETOR	Tamanho Característico (1.000 cruzeiros).	Salário do Setor em Relação ao da Indústria - Transição.	Salário do Setor em Relação ao Ramo.	Produto da Indústria em Relação à Indústria de Transição.	Produto da Indústria em Relação ao Ramo.	Participação do Setor no Produto do Setor	Participação do Setor no emprego do Ramo	Excedente por Setor em relação à Indústria de Transição.
Fabr. de Calçados para Esporte	4,926	102,72	159,13	82,63	154,16	28,70	0,54	76,60
Fabr. de Calçados não Especificados	4,608	77,34	119,81	65,99	123,12	27,08	0,16	62,58
Confecção de roupas para Senhores e Moças	8,140	77,15	119,52	64,52	120,37	27,61	8,58	60,73
Confecção de Artefatos Diversos de Tecido	8,445	72,46	112,25	79,97	149,20	20,52	2,98	82,22
Confecção de Peças Interiores do Vestuário Feminino	17,554	69,03	106,94	56,61	105,62	28,15	7,57	52,88
Confecção de Capas, Sobretudos e outros Agasalhos	5,420	68,62	106,31	69,53	129,72	22,79	1,30	69,80
Fabr. de Chapéus	3,426	68,22	105,69	56,95	106,25	27,65	1,41	53,57
Confecção de Roupas para Homens e Rapazes	4,352	65,97	102,20	56,49	105,39	26,98	17,50	53,64
Fabr. de Acessórios do Vestuário	5,166	63,10	97,75	66,68	124,40	21,85	5,00	67,76
Confecção de roupas de Couro, Peles, Borracha e Plástico	2,769	62,65	97,06	45,03	84,01	32,13	0,14	39,74
Fabr. de Calçados excius. para esportes	12,476	62,20	96,36	45,63	85,13	31,47	38,89	40,66
Confecção de Roupas para crianças	1,790	60,14	93,17	50,64	94,48	27,42	2,08	47,78
Confecção de peças Interiores do Vestuário Masculino	11,552	59,84	92,70	55,76	104,03	24,78	9,75	54,53
Confecção de Roupas para Recém-nascidos	690	56,89	88,13	37,13	69,65	35,18	0,07	31,46
Fabr. de Chinelos e Sandálias	8,997	48,66	75,38	41,70	77,80	26,94	3,64	39,61
Confecção de Peças do Vestuário e Agasalhos não Especificados	490	46,82	72,53	24,33	45,39	44,43	0,40	17,58
Fábrica de Têxteis	4,138	19,55	30,29	20,10	37,50	22,46	0,06	20,27
TOTAL RAMO	8.554	64,55	100,00	53,60	100,00	27,81	100,00	50,31

21

ticos são pequenos. Do ponto de vista do emprego, destacam-se a fabricação de calçados (exclusive para esportes), a confecção de roupas para homens e rapazes, a confecção de peças interiores do vestuário masculino, a confecção de roupas para senhoras e moças, a confecção de peças interiores do vestuário feminino e a fabricação de acessórios do vestuário, com participação conjunta no emprego de 87,2%. Entre esses setores se encontram os de maior tamanho característico e produtividade, mas seus salários são tão baixos como os demais de "Vestuário e Calçado".

"Vestuário e Calçado" tem situação parecida com a de "Couro e Peles", desde que a consideração das particularidades das distintas indústrias na definição das categorias do mercado de trabalho não resulta em grande diferenciação de salários.

II.1.2 - O subgrupo de "Minerais não Metálicos", "Produtos Alimentares" e "Textil"

Nesses ramos há indícios de correlação entre tamanho, salário e produtividade. Ademais, a existência de setores de grande tamanho característico reflete uma maior heterogeneidade industrial.

Do ponto de vista da organização do mercado de trabalho, na "Textil" existe apenas uma categoria trabalhista, enquanto em "Minerais não Metálicos" e em "Produtos Alimentares" existem várias, que de certo modo correspondem

QUADRO 22

NOME DO RAMO	TAMANHO CARACTERISTICO E PRODUTIVIDADE		TAMANHO CARACTERISTICO E SALARIO		PRODUTIVIDADE E SALARIO	
	COEFICIENTE DE CORRELAÇÃO	NIVEL DE SIGNIF.	COEFICIENTE DE CORRELAÇÃO	NIVEL DE SIGNIF.	COEFICIENTE DE CORRELAÇÃO	NIVEL DE SIGNIF.
MINERAIS NÃO METALICOS PRODUTOS ALIMENTARES TEXTIL	0,5305	0,2	0,4911	0,3	0,8463	0,1
	0,6826	0,1	0,5474	0,1	0,7658	0,1
	0,3251	4,3	0,3606	2,7	0,7369	0,1

à sua organização industrial. Essas distintas formas de organização do mercado de trabalho se refletem na dispersão setorial de salários, que na "Textil" é bem menor que nos outros dois ramos.

II.1.2.1 - Minerais Não-Metálicos

O salário médio deste ramo equivale a 67,3% da média industrial e sua produtividade a 65,5% da produtividade média da indústria de transformação. A participação da massa de salários no produto é de 23,7% e a taxa de excedente por pessoa ocupada equivale a apenas 65% da média industrial.

De acordo com os indicadores de tamanho, salário e produtividade, é possível identificar dois tipos de indústrias no ramo "Minerais não Metálicos": de um lado, as indústrias de vidro, cimento e fibro-cimento, de grande tamanho característico e altos salários e produtividades ; de outro, as indústrias de cerâmicas, artigos de barro cozido, britamento e aparelhamento de pedras, de pequenos tamanhos característicos, baixos salários e produtividades.

No primeiro grupo de indústrias se encontram os dez setores de "Minerais não Metálicos" que tem salários maiores que a média industrial e sua participação no emprego é de apenas 15,3%.

Destacam-se neste ramo as elevadas dispersões de salários e de produtividades. Surge então a pergun

MINERAIS NÃO METÁLICOS

NOME DO SECTOR	Tamanho Característico (1000 Cruzados)	Salário do Setor em Relação ao de Indústria e Transformação	Salário do Setor em Relação ao de Plano	Produtividade do Setor em Relação a de Transformação	Produtividade do Setor em Relação ao do Plano	Participação do Salário no Produto do Setor	Participação do Setor no Emprego do Plano	Excedente por Pessoa Ocupada no Setor em Relação a Indústria e Transformação
Fabr. de Vidro Plano e Estruturas de Vidro	18.475	139,68	207,50	152,15	232,15	21,20	1,04	155,89
Fabr. de Artigos Diversos de Vidro e Cristais	19.683	134,03	199,08	108,59	165,68	28,50	1,58	100,86
Fabr. de Vidro Modelado	28.920	128,79	191,91	185,45	202,96	18,03	0,84	202,48
Fabr. de Produtos Diversos de Minerais não Metálicos	639	125,34	188,19	80,36	122,81	38,01	0,05	66,88
Fabr. de Chapas, Telhas, Canga e outros Artigos de Fibrocimento	47.058	124,98	185,87	254,78	388,74	11,33	5,43	293,74
Fabr. de Materiais Abrasivos	33.884	122,47	181,92	215,38	328,62	13,13	2,02	243,22
Fabr. de Artigos de Vidro para Laboratórios e Hospitais	13.358	118,92	173,58	188,57	228,68	18,17	0,63	155,07
Fabr. de Artigos de Vidro e Cristais para Mesa, Copo e Cozinha	2.882	110,04	163,46	81,82	148,17	27,81	0,33	85,41
Fabr. de Concreto, Argamassa e Reboco	39.972	102,53	152,30	92,71	141,46	25,53	2,62	89,78
Fabr. de Material Sinterizado e outros Artigos de Forneiros e Fornos	4.352	101,67	151,02	141,68	216,48	18,55	0,72	152,95
Fabr. de Azulejos	10.813	98,59	148,15	67,86	103,54	33,48	2,44	56,70
Fabr. de Vestibulados de Vidro	30.192	84,89	141,10	93,41	142,52	28,48	4,15	82,95
Fabr. de Esboços	23.980	92,95	188,07	64,20	97,86	32,15	3,84	55,57
Aparelhamento de Marmore, Ardósia Granito e outros Pedras	584	90,21	134,00	87,83	103,48	30,71	0,39	81,11
Decoreção, Lapidação, Gravação e outros Tratamentos em Louça Vidro e Cristal	1.114	87,84	130,63	69,84	91,46	33,67	3,47	51,54
Fabr. de Cargas, ladrilhos e Pastilhas Cerâmicas e Artigos de Grelha	4.341	79,28	117,65	75,25	115,58	24,14	0,81	74,72
Exercício de Mineração e outros trabalhos em Louça Vidro e Cristal	2.389	78,07	117,45	68,68	105,93	26,20	6,81	66,87
Associação e Extracção	0.571	75,71	112,48	54,19	82,81	32,28	5,19	47,87
Fabr. de Telhas, Tijolos e outros Artigos de Mat. Cerâmico	3.113	75,18	111,68	62,99	96,11	27,55	2,51	59,33
Fabr. de Louça para Serviço de Mesa	31.582	73,21	108,75	51,57	78,88	32,78	10,11	45,07
Fabr. de Artigos de cimento exclusiva Fabricação	8.887	68,13	101,20	48,50	74,08	32,44	3,48	42,81
Fabr. de Peças e Ornatos de Gesso e Estuque	2.297	82,97	93,54	46,18	70,48	31,48	8,55	41,14
Execução de Esculturas e outros trabalhos em Pedras	585	58,47	88,85	39,27	55,92	34,36	0,58	33,51
Fabr. de Cal Hidratação ou Extinta	140	53,85	78,88	33,01	50,37	37,53	0,33	26,82
Fabr. de Cal Virgem	6.547	52,05	77,32	30,10	42,00	20,08	1,62	62,51
Aparelhamento de Pedras para Construção	3.446	42,36	62,92	36,74	59,11	25,25	2,59	37,65
Fabr. de Telhas, Tijolos e outros Artigos de Barro Cozido	712	38,00	58,45	28,81	40,81	32,72	1,33	28,45
TOTAL RAMO	1.242	21,14	31,40	15,78	24,08	30,92	26,56	14,17
	20.221	67,92	100,00	65,54	100,00	23,72	100,00	85,00

ta: as diferenças de produtividade são mais que suficientes para compensar as diferenças de salários? Podemos responder, observando as participações do salário no produto das distintas indústrias, assim como suas taxas de excedentes por pessoa ocupada.

A mediana das participações do salário no produto dos 28 setores de "Minerais não Metálicos" é de 28%. Dos 10 setores com salários maiores que a média industrial, apenas em 2 deles a participação do salário no produto é superior àquele valor mediano e dos 18 setores com salários menores que a média industrial, 12 deles têm participação do salário no produto superior ao valor mediano.

Para verificar se as proporções mencionadas são significativamente distintas das esperadas, caso não houvessem diferenças entre os dois grupos de setores quanto às suas participações de salário no produto, utilizo o teste X^2 corrigido para ser usado no teste da mediana (26). O valor obtido foi de 3,89, significativo a 5%, donde se conclui que as proporções observadas são significativamente distintas das proporções esperadas.

Assim sendo, os setores de salários maiores que a média industrial têm menores participações de salário no produto. Portanto, as diferenças de produtividade em favor destes setores são mais que suficientes para compensar os seus maiores salários, de modo que eles têm menores participações de salário no produto.

Em consequência de suas maiores produtividades e de suas menores participações de salário no produto, estes setores têm maiores taxas de excedente por pessoa ocupada. Efetivamente todos os setores de "Minerais não Metálicos" com salários maiores que a média industrial têm taxas de excedente por pessoa ocupada superiores à mediana das taxas de excedentes dos 28 setores do ramo, que equivale a 61,8% da respectiva média industrial.

Portanto, a estruturação do mercado de trabalho, tendo em vista as particularidades das distintas indústrias de "Minerais não Metálicos", não é suficiente para permitir proporcionalidade entre salário e produtividade. Assim, por exemplo, as fabricações de cimento e de artefatos de fibro-cimento, apesar de seus salários elevados, têm as menores participações de salário no produto e as maiores taxas de excedente por pessoa ocupada. Suas participações de salário no produto são de respectivamente 11,3% e 13,1% e suas taxas de excedente equivalem a 3 e 2,5 vezes a respectiva média industrial.

As condições de produção das indústrias de baixos salários, dificilmente permitiriam o pagamento de salários mais elevados, pois elas apenas conseguem manter suas rentabilidades a níveis razoáveis com o intenso uso de mão-de-obra de baixa remuneração. Por outro lado, as indústrias de altos salários e produtividades têm também maiores tamanhos de plantas industriais e, provavelmente, maiores intensidades de capital, de modo que as diferenças

de rentabilidade entre as indústrias de "Minerais não Metálicos" são menores que as diferenças de participações de salário no produto e de taxas de excedente por pessoa ocupada. Em outras palavras, a não proporcionalidade entre salário e produtividade nas indústrias de "Minerais não Metálicos" se deve à maior intensificação do capital nas indústrias de vidro-cimento e fibro-cimento. A estruturação do mercado de trabalho do ramo, considerando as particularidades das distintas indústrias, embora permita uma elevada dispersão setorial de salários, não pode evitar as grandes disparidades de margens brutas de lucro e de taxas de excedente por pessoa ocupada, em favor das indústrias mais intensivas em capital.

III.1.2.2 - Produtos Alimentares

O salário médio deste ramo é baixo porque cerca de 40% de sua força de trabalho se encontra empregada em setores onde predominam pequenas unidades de produção, semi-artesanais, com baixos graus de transformação industrial. O exemplo mais ilustrativo deste tipo de indústria é a fabricação de produtos de padaria e de confeitaria, que isoladamente representa 18,8% do emprego do ramo.

No entanto, a produtividade média deste ramo se aproxima mais da média industrial do que o faz o seu salário médio. Isto se deve à presença dos setores que compõem a grande indústria alimentar moderna, com elevados graus de eficiência e controle de mercado sem que paguem

QUADRO 24
PRODUTOS ALIMENTARES

NOME DO SETOR	Tamanho Característico (1000 Cruzeiros)	Salário do Setor em Relação ao da Indústria de Transformação %	Salário do Setor em Relação ao do Ramo %	Produtividade do Setor em Relação a da Transformação %	Produtividade do Setor em Relação ao do Ramo %	Participação do Salário no Produto do Setor %	Participação do Setor no Emprego do Ramo %	Excedente por Pessoa Ocupada em Relação à Indústria de Transformação
Fabricação de café e mate solúveis	54.014	136,59	210,02	213,27	223,74	15,00	0,51	235,55
Fabricação de fermentos e leveduras	18.015	134,72	204,15	300,93	315,70	10,34	0,27	350,93
Moagem de trigo	34.776	110,49	167,43	200,40	210,24	12,73	2,73	227,59
Refinação e preparação de óleos e gorduras vegetais e animais	33.714	104,22	157,93	209,00	219,28	11,51	2,56	240,48
Refinação e moagem de açúcar	61.743	105,72	155,66	176,49	187,25	13,29	0,43	201,24
Fabricação de massas de biscoito	50.986	101,93	154,46	161,23	169,15	14,60	1,70	175,03
Preparação de sal de cozinha	15.007	99,70	151,00	113,00	118,55	20,37	0,26	116,99
Preparação de leite	6.916	95,48	144,69	80,43	84,38	27,41	0,24	75,51
Fabricação de grão	31.674	91,83	136,85	130,65	145,46	15,76	3,17	152,76
Preparação de carne e prod. de sal	812	89,68	135,99	64,87	68,05	31,82	0,48	57,43
elchória no proc. em Natou e Fritorif.	17.924	80,60	134,37	84,02	80,15	24,40	2,37	62,59
Fabricação de bombons e chocolates	25.080	86,71	134,43	125,09	131,23	16,37	1,64	136,01
Fabricação de Rações Balanceadas e Alimentos para animais	12.456	88,02	133,36	140,09	146,97	14,51	1,63	155,72
Preparação de especiarias e condimentos	62.984	82,39	124,85	133,15	139,69	12,85	1,07	146,32
Fabricação de farinhas Diversas	7.912	78,24	118,56	113,64	119,22	15,80	0,43	124,37
Abate de Animais e Preparação de Carnerias de Carne	28.110	75,67	114,67	110,03	115,43	15,98	11,36	123,35
Fabricação de Biscoitos e Bolachas	20.542	74,79	113,34	83,09	87,06	20,62	2,51	69,37
Conservas de Legumes e Outros Vegetais	2.513	72,11	109,27	68,76	93,12	16,76	0,50	65,79
Fabricação de Produtos de Laticínios	27.571	71,96	109,05	174,10	182,65	18,26	3,02	204,72
Fabricação de Massas Alimentícias	12.383	71,88	106,90	63,48	67,58	19,87	2,62	69,97
Fabricação de Bolos e Confeitarias	7.368	71,79	106,79	61,50	65,50	20,34	1,42	64,41
Fabricação de Açúcar	14.781	69,91	105,94	81,67	85,50	20,34	1,42	64,41
Fabricação de Vinagre	1.443	68,34	103,56	53,22	60,69	19,72	15,27	65,46
Tarrefação e Moagem de Café	3.407	67,51	102,30	52,22	57,89	28,58	0,27	51,28
Conservas de Frutas	3.405	67,12	101,72	130,36	136,76	11,86	3,02	149,23
Fabricação de Produtos Alimentares não especificado	2.217	67,06	101,62	107,56	112,64	14,39	0,09	119,72
Fabricação de Conservas de Pescado	12.439	64,79	98,18	79,05	82,93	16,92	0,81	43,33
Abate de Animais e Fabricação de Conservas de Carne não Especificado	540	62,06	95,26	47,51	49,64	30,55	0,03	42,90
Preparação de Pasado	4.936	60,46	91,62	61,41	64,63	22,73	1,71	61,69
Comidas Conservadas conservas de Frutas e Legumes, Fab. de Doces não Especificado	9.933	52,75	79,94	81,19	85,16	15,00	0,31	69,73
Fabricação de Doces Exclusivos de Confeitaria	8.831	46,87	70,72	47,25	48,57	22,80	1,92	47,42
Fabricação de Produtos de Padaria e Confeitaria	480	43,65	66,15	52,94	55,54	19,04	16,51	55,73
Beneficiamento de café, Cereais e Produtos Afins	5.348	43,50	65,92	84,20	88,39	11,93	10,72	96,41
Fabricação de Sorvetes, Bolos e Tortas	6.564	42,30	64,10	31,69	33,25	30,62	1,00	26,51
Gelados	59.403	35,36	53,58	66,61	91,07	9,41	1,74	102,25
Fabricação de Produtos do Milho Exclusivos e Outros	5.126	33,28	50,43	87,68	70,96	11,36	0,03	77,36
Produção de Banha não Processada em Fardos e Fritorifios de Pasteleria	68	29,34	44,46	23,67	24,83	26,82	0,06	21,87
Fabricação de Produtos de Mandioca	2.103	23,30	35,31	31,22	32,75	17,23	1,73	31,67
Beneficiamento, Moagem, Torrefação e Fabricação de Produtos de Origem Vegetal n. Espec.	82	11,69	16,02	21,72	22,79	12,64	0,15	24,67
TOTAL DO RAMO	20.723	65,89	109,00	96,33	100,00	12,64	0,15	24,67

salários elevados, proporcionais às suas respectivas produtividades do trabalho. Este é o principal motivo da baixa participação da massa de salários no produto deste ramo que é de apenas 16%. Entretanto, a baixa produtividade média faz com que esse peso de salário no produto se traduza numa taxa de excedente por pessoa ocupada que é só ligeiramente superior à respectiva média industrial.

Dos 39 setores de "Produtos Alimentares", apenas 5 tem um conjunto de indicadores característicos da indústria moderna, quais sejam, predominância dos estabelecimentos de grande tamanho, elevados salários e produtividades do trabalho. Eles são café e mate solúveis, moagem de trigo, refinação de óleos, refeições conservadas, refinação e moagem de açúcar. Pode-se acrescentar a este grupo, embora com menor tamanho característico, a fabricação de fermentos e de leveduras. Esses setores são os únicos a apresentarem salários maiores que a média industrial e suas produtividades são praticamente o dobro da produtividade média da indústria de transformação. São indústrias onde o efeito do tamanho e da produtividade sobre a diferenciação de salários é praticamente desprezível, dadas as condições do mercado de trabalho em comparação ao poder de mercado das grandes empresas, que se manifesta em participações de salário no produto inferiores a 15% e taxas de excedente por pessoa ocupada superiores ao dobro da respectiva média industrial.

As condições de salários são de tal sorte desfavoráveis ao trabalhador que é possível identificar um novo grupo de indústrias alimentares modernas, de alta produtividade, que pagam salários inferiores à média industrial. Eles são leite e laticínios, bombons e chocolates, especiarias e condimentos, e os frigoríficos.

Para comparar os diferenciais de salários e de produtividades entre as indústrias de "Produtos Alimentares", identifiquei os valores medianos das participações de salário no produto e das taxas de excedente por pessoa ocupada dos 39 setores do ramo. O valor mediano das participações de salário no produto é de 16,4% e a mediana das taxas de excedente equivale a 89,7% da respectiva média industrial.

Os 11 setores da indústria alimentar moderna têm participações de salário no produto inferiores à mediana e taxas de excedente superiores ao respectivo valor mediano. De modo que as diferenças de produtividade em favor das indústrias alimentares modernas são mais que suficientes para compensar seus maiores salários.

A única grande indústria alimentar de baixo padrão de eficiência é a fabricação de produtos de milho (exclusive óleos). Apesar de sua baixa produtividade, esta indústria logra uma elevada taxa de excedente por pessoa ocupada, a partir de uma baixa participação de salário no produto, que é de apenas 9,4%. Em compensação, seu salário médio é inferior à metade do salário médio do ramo, ou se-

ja, apenas 35,4% do salário médio da indústria de transformação.

Em resumo, as indústrias alimentares conformam um dos casos onde as condições desfavoráveis do mercado de trabalho se sobrepõem como determinante quase exclusivo dos baixos níveis de salários, rebaixando inclusive o poder de barganha potencial que a força de trabalho poderia ter nas indústrias de mais alta produtividade do trabalho.

À primeira vista este resultado parece paradoxal, visto que a organização do mercado de trabalho considera as particularidades das distintas indústrias alimentares, o que acarreta a elevada dispersão setorial de salários em "Produtos Alimentares". Chama a atenção a elevada desproporcionalidade entre salários e produtividades das indústrias alimentares e o fato dos salários de muitas indústrias modernas apenas superarem o salário médio da indústria de transformação, em circunstância que suas produtividades são bem maiores que a produtividade média da indústria.

Confrontando os setores alimentares modernos entre si e com os setores mais eficientes de "Minerais não Metálicos", surge uma hipótese explicativa da existência dos baixos salários nas indústrias alimentares modernas.

Em primeiro lugar, a composição da força de trabalho, particularmente a importância relativa da força

de trabalho feminina parece ser maior nas indústrias alimentares, que nas indústrias de "Minerais não Metálicos". Não há informações deste tipo para as distintas indústrias, porém, ao nível dos ramos, em "Minerais não Metálicos" ela representa 8,1% da força de trabalho ligada à produção (27), enquanto em "Produtos Alimentares" essa participação é de quase o dobro, ou seja, 15,6%.

Isto me leva a afirmar a necessidade de considerar, para a determinação de salários, um outro aspecto: o grau de homogeneidade dos tamanhos de plantas. Os tamanhos de plantas de café e mate solúveis e de levaduras e fermentos são os mais homogêneos, já que são menos importantes as diferenças de tamanho entre seus estabelecimentos. Isto é, a participação dos pequenos no emprego da indústria é mínima, já que não há um grande número de pequenos estabelecimentos e também não são muito elevadas as diferenças de produtividade entre distintos tamanhos.

Assim, a relativa homogeneidade de plantas permite a existência de maiores salários médios, pois de uma parte, como disse, é menor a participação de estabelecimentos de pequeno porte (de menores produtividades e salários) no emprego dessas indústrias e de outras, provavelmente, as empresas de grande tamanho têm maiores salários que o mesmo tipo de empresas em indústrias com maior heterogeneidade de tamanho.

Minha hipótese é de que o tamanho característico não é o fator mais importante na explicação do compor

tamento dos salários nessas indústrias. Outros aspectos de organização industrial merecem ser destacados: a concentração da produção nos maiores estabelecimentos e a homogeneidade relativa dos tamanhos de plantas.

Confrontemos as indústrias de café e mate solúvel e de fermento e leveduras com as demais indústrias alimentares modernas. As duas indústrias citadas possuem elevada concentração da produção nos maiores estabelecimentos (seus valores de produção são capazes de absorver menos de cinco plantas típicas desses setores), e também pagam salários altos. Porém, só café e mate solúvel possuem elevado tamanho característico. A indústria de refeições conservadas e de especiarias e condimentos tem tamanho característico e grau de concentração da produção superiores aos de café e mate solúvel e de fermentos e leveduras, porém seus salários são bem menores que os desses setores.

Adoto como indicador do grau de homogeneidade dos tamanhos dos estabelecimentos de uma indústria, a relação entre o número de suas plantas típicas, que o valor de produção é capaz de absorver, e o número efetivo de estabelecimentos existente na indústria. Este indicador varia entre zero e um e é equivalente à relação entre o tamanho médio dos estabelecimentos da indústria e o seu tamanho característico. Se todos os estabelecimentos da indústria pertencem a uma mesma classe de tamanho, então o tamanho médio é igual ao tamanho característico e o indicador do grau de homogeneidade dos tamanhos assume o valor um, in

dicando a perfeita homogeneidade de tamanho. O tamanho médio dos estabelecimentos de uma indústria não pode ser maior que o seu tamanho característico e quanto maior a diferença entre ambos menos homogêneo os estabelecimentos industriais. Maior será a importância numérica dos pequenos estabelecimentos e/ou maior a concentração da produção nos grandes, com uma possível maior diferenciação de produtividades entre distintas classes de tamanho.

Aplicando este indicador aos dados sobre as indústrias alimentares modernas, constata-se que café e mate solúvel e fermentos e leveduras se distinguem por suas maiores homogeneidades, o que permite que elas tenham maiores salários médios.

Comparando os setores modernos de "Produtos Alimentares" e de "Minerais não Metálicos de graus semelhantes de concentração da produção, aqueles de maior homogeneidade de tamanhos têm maiores salários independentemente do ramo a que pertençam, apesar das grandes diferenças de processos técnicos.

Concluindo, a conformação estrutural da organização da produção das indústrias alimentares modernas, onde se destaca a predominância de poucas grandes empresas convivendo com muitas outras menores e mais débeis do ponto de vista técnico-econômico, em condições de que a organização do mercado de trabalho não leva em conta essa situação é um aspecto fundamental da explicação da grande desproporcionalidade de salários e produtividades nas indústrias alimentares modernas.

QUADRO 25

SETORES DE PRODUTOS ALIMENTARES E DE MINERAIS NÃO METÁLICOS	Número de Estabelecimentos	Tamanho Característico	Número de Plantas Características Absorvidas Pela Produção do Setor	Relação Entre o Número de Plantas Típicas e o Número de Estabelecimentos
Café e Mate Solúvel	9	54.014	4,4	48,9
Fermentos e Levaduras	11	18.015	4,8	43,6
Moagem de Trigo	531	34.778	55,7	10,5
Refinação de Óleos	122	33.714	48,7	39,9
Refeições Conservadas	125	61.743	2,2	1,8
Preparação	373	31.674	49,0	13,1
Bombons e Chocolates	53	25.080	11,0	20,8
Especiarias e Condicionamentos	112	62.884	4,3	3,8
Frigoríficos	1985	29.110	140,4	7,1
Laticínios	1100	27.571	37,7	3,4
Vidro Plano	18	18.475	6,2	34,4
Vidro Modelado	18	29.928	3,4	18,9
Cimento	34	47.058	23,4	68,8
Artefatos de Fibrocimento	28	33.984	8,6	30,7

III.1.2.3 - Textil

O salário médio deste ramo representa 82,3% da média industrial e sua produtividade do trabalho 71,8% da produtividade média da indústria. Em consequência, a participação da massa de salários no produto do ramo é de 26,5% e sua taxa de excedente por pessoa ocupada equivale a 68,6% da respectiva média industrial.

Identificam-se dois grupos de indústrias texteis, onde os indicadores de salário e produtividade se mostram diametralmente opostos: a indústria textil tradicional e a indústria textil moderna.

No primeiro grupo, predominam os baixos padrões de eficiência e de salário, havendo uns setores de tamanho característico relativamente grande como, por exemplo, a fiação e tecelagem de algodão, e outros, de pequeno tamanho característico, como a fabricação de meias e a fabricação de artigos de cordoaria.

A elevada importância do emprego nas indústrias tradicionais e o fato de que nelas os salários estão mais próximos da média industrial que suas respectivas produtividades, explicam o baixo salário médio do ramo e a relativamente elevada participação da massa de salários no produto. Assim, os setores texteis com produtividades e salários menores que as respectivas médias industriais e com participação de salário no produto superior a 30%, participam com 55,3% do emprego do ramo.

QUADRO 28
TEXTIL

NOME DO SETOR	Tamanho Característico (1000 Cruzeiros)	Salário do Setor em Relação ao da Indústria da Transformação	Salário do Setor em Relação ao da Região	Produtividade do Setor em Relação à da Transformação	Produtividade do Setor em Relação ao da Região	Participação do Salário no Produto do Setor	Participação do Setor no Emprego no Ramo	Excedente por Pessoa Ocupada no Setor em Relação à Indústria da Transformação
Fabr. de Tecidos de Crtina	18,813	167,06	203,01	818,85	1.140,62	4,71	0,02	1.014,51
Fabr. de Tecidos Impermeáveis e de Acabamento Especial	19,792	145,60	176,94	125,02	174,15	26,89	0,30	118,85
Fabr. de Artigos de Tecidos Impermeáveis e de Acab. Especial	117,138	113,92	138,44	118,65	165,27	22,17	0,99	128,07
Fabr. de Tecidos Pêlpados e Sintéticos	10,990	110,26	117,99	98,30	137,04	25,88	0,74	91,81
Acabamento de Pies e Tecidos	29,933	106,17	129,02	85,81	119,53	28,57	7,64	79,70
Fabr. de Pielros	23,550	103,92	126,29	99,25	138,25	24,18	5,73	97,85
Fabr. de Lã e Pies para Cozer e Bordar	8,102	101,37	123,19	105,40	146,82	22,21	0,38	108,61
Fabr. de Tecidos de Malha	93,932	100,60	122,25	167,64	233,51	13,86	1,38	187,77
Fabr. de Artigos de Tapeçaria	5,146	98,65	119,88	124,05	172,80	18,36	0,16	131,67
Beneficiamento de Fibras Textéis Vegetais	23,138	96,25	116,96	87,70	122,16	25,34	1,21	88,13
Fiação e Tecelagem de Lã	6,845	95,89	116,52	219,59	305,88	10,68	2,63	286,73
Fabr. de Escopa, de Resíduos Textéis e de Recup. de Resíduos Textéis	15,973	93,03	114,02	67,27	93,70	32,70	2,46	59,30
Tecelagem de Filamentos Contínuos Artificiais	2,214	93,53	113,66	81,51	113,54	26,49	0,46	77,90
Fabr. de Tecidos Elásticos	17,642	93,27	113,34	89,35	123,07	24,37	9,59	86,88
Fabr. de Velas	1,512	88,71	107,80	61,75	86,01	33,17	0,26	51,66
Fabr. de Artigos de Uso Doméstico	5,613	86,16	104,70	64,75	86,01	32,72	1,96	51,42
Fabr. de Artigos de Passamanaria	24,721	81,13	98,59	40,94	84,91	30,73	4,05	54,90
Fabr. de Artigos de Malharia Excl. Meias	5,905	79,25	96,31	52,10	12,57	35,12	2,42	43,95
Fiação e Tecelagem do Algodão	7,867	74,71	90,79	63,66	88,66	27,09	10,15	60,35
Fiação e Tecelagem de seda animal	28,709	74,18	90,38	54,89	76,46	31,29	36,24	49,07
Fiação e Tecelagem de Linho e Ramê	8,345	70,51	85,81	59,03	82,23	27,62	0,57	33,55
Beneficiamento de Material Textéis de Origem Animal	18,243	63,89	77,64	56,57	72,80	26,08	0,65	54,37
Fabr. de Sacos	11,544	63,28	77,02	56,17	78,26	26,05	0,26	54,00
Fabr. de Artigos de Cordaria	15,849	61,08	74,13	45,66	63,60	30,84	5,96	41,06
Fiação e Tecelagem de Corda, Juta e outras fibras textéis vegetais	5,020	59,86	72,74	52,15	72,64	26,50	1,03	49,84
Fabr. de Artefatos Textéis não Específicos	9,678	58,02	70,51	39,73	55,34	33,72	1,94	34,24
Fabricação de Redes exclusiva para Pesca	1,205	48,97	49,79	79,49	110,73	11,90	0,05	91,06
ca	597	22,64	27,51	23,68	32,99	22,08	0,44	23,99
TOTAL RAMO	17,810	82,29	100,00	71,79	100,00	26,46	100,00	68,64

Nas "Texteis" modernas, a produtividade e o salário são relativamente mais elevados. O tamanho característico pode ser grande, como no caso da fabricação de artigos de tecidos impermeáveis e de acabamento especial e da fabricação de linhas e fios para cozer e bordar, ou pequeno, como no caso da fabricação de tecidos de malha e do beneficiamento de fibras texteis vegetais.

As "Texteis" modernas representam pequena parcela do emprego do ramo e, neste aspecto, se destacam a fiação e tecelagem de fibras artificiais e sintéticas e o acabamento de fios e tecidos, com 7,8% e 5,7%, respectivamente. A produtividade média da fiação e tecelagem de fibras artificiais e sintéticas não reflete seu verdadeiro padrão de eficiência. Este setor está integrado à indústria química produtora das fibras e a estimativa de sua produtividade parece encobrir um mecanismo de transferência de lucros no interior de firmas integradas.

O mercado de trabalho da "Textil" é organizado em uma só categoria e não considera as particularidades de suas indústrias. Este é um elemento importante na explicação da pequena dispersão setorial de salários nesse ramo, já que a dispersão setorial de produtividades é razoavelmente elevada.

A uniformização de salários, derivada da forma em que se organiza o mercado de trabalho, impõe dificuldades aos trabalhadores das indústrias texteis mais modernas, que não logram aproximar seus salários da evolução

das suas respectivas produtividades. Isto se dá, apesar da resistência dos sindicatos das indústrias texteis tradicionais que conseguem manter em níveis relativamente elevados a participação dos salários no produto. Esta resistência é manifesta na fiação e tecelagem de algodão, onde apesar da produtividade desta indústria ser a metade da média industrial, o seu salário médio equivale a cerca de 3/4 do salário médio da indústria. Em consequência, a participação da massa de salários no produto das fiações e tecelagens de algodão é de 31,3% e sua taxa de excedente por pessoa ocupada é ligeiramente inferior à metade da respectiva média industrial.

Entretanto, as condições de produção e de mercado das indústrias texteis tradicionais impedem maiores salários, apesar da combatividade dos seus antigos sindicatos. Nestas condições, a uniformização de salários só pode resultar na crescente desproporção entre salário e produtividade, em prejuízo dos trabalhadores das indústrias texteis modernas.

II.2 - Ramos com salários próximos da média industrial

Formam este grupo de ramos, "Produtos de Matérias Plásticas", "Bebidas" e "Diversos". Somente em "Produtos de Matérias Plásticas" há evidências de correlação entre tamanho e salário. Em todos há evidências de correlação entre tamanho e produtividade e entre produtividade e salario. "Diversos" tem pequeno tamanho característico e é pequena a importância das diferenças setoriais de tamanho . Nos outros dois ramos o tamanho característico é mais elevado e é maior a importância das diferenças setoriais de tamanho. Vale dizer, em "Produtos de Matérias Plásticas" e em "Bebidas" é possível identificar pequenas e grandes indústrias, mas como veremos essa diferenciação só é importante para "Produtos de Matérias Plásticas".

Em "Bebidas" se sobrepõe outro elemento estrutural, a presença de indústrias rurais convivendo com indústrias urbanas, daí resultando uma grande diferenciação de salários.

Os mercados de trabalho de "Produtos de Matérias Plásticas" e de "Bebidas" estão organizados numa só categoria trabalhista, em cada caso. Entretanto, em "Bebidas" a diferenciação de salários é bem maior que a de "Produtos de Matérias Plásticas", indicando que a distinção entre indústrias rurais e urbanas pode romper a unidade do mercado de trabalho enquanto a distinção entre pequena e grande indústria não parece ser suficiente para tanto.

QUADRO 27

NOME DOS RAMOS	TAMANHO CARACTERISTICO E PRODUTIVIDADE		TAMANHO CARACTERISTICO E SALARIO		PRODUTIVIDADE E SALARIO	
	COEFICIENTE DE CORRELAÇÃO	NÍVEL DE SIGNIF.	COEFICIENTE DE CORRELAÇÃO	NÍVEL DE SIGNIFI.	COEFICIENTE DE CORRELAÇÃO	NÍVEL DE SIGNIF.
MATERIAS PLÁSTICA	0,8601	0,1	0,5175	4,2	0,6993	0,5
BEBIDAS	0,7273	0,4	0,4825	5,6	0,5245	4,0
DIVERSOS	0,5360	0,2	0,2558	9,9	0,7289	0,1

II.2.1 - Bebidas

A produtividade do trabalho e o salário médio deste ramo são ligeiramente maiores que as respectivas médias industriais, enquanto o seu tamanho característico é bem menor que o do conjunto da indústria de transformação. A massa de salários representa 22,5% do produto do ramo e a taxa de excedente por pessoa ocupada supera a média industrial em apenas 5%.

Distinguem-se três grupos de indústrias com características próprias em termos de salário e produtividade do trabalho: o primeiro engloba as fabricações de cervejas, chopp, malte e refrigerantes. Esses setores tem os maiores salários do ramo, maiores até que o salário médio da indústria de transformação. Suas produtividades são também elevadas, com exceção da fabricação de malte, talvez devido à sua integração à produção de cervejas e chopp. O tamanho característico deste último setor é grande, e dos outros dois, bem menor.

Do ponto de vista do emprego, as fabricações de cerveja e chopp e de refrigerantes são os principais setores do ramo, com 30,4% e 27% do emprego, respectivamente. São indústrias relativamente antigas e os seus trabalhadores lograram, historicamente, participações de salário no produto acima das condições médias da indústria de transformação. Entretanto, as elevadas produtividades dessas indústrias fazem com que as taxas de excedente por pessoa ocupada se situem acima da respectiva média industrial.

QUADRO 28
BEBIDAS

NOME DO SETOR	Característica (1000 Cruzadores)	Salário do Setor em Relação ao da Indústria de Transformação	Salário do Setor em Relação ao do Ramo	Produtividade do Setor em Relação a de Transformação	Produtividade do Setor em Relação ao do Ramo	Participação do Setor no Produto do Setor	Participação do Setor no Emprego do Ramo	Exercício de Pessoa Física no Setor da Indústria de Transformação
Fabr. de Leite	13,159	163,28	161,05	70,63	67,62	53,36	0,64	42,61
Fabr. de Cervejas e Choppes	33,350	148,22	147,17	125,72	120,24	27,51	30,39	112,01
Fabr. de Refrigerantes	14,555	111,65	110,12	105,16	101,00	24,51	28,99	103,24
Destilação de Alcool por Processamento de Cereais e Cervejas	3,116	87,29	86,03	172,31	163,65	11,68	3,92	186,11
Fabr. de Vinhos e Uvas	8,592	80,19	78,09	130,54	125,35	14,18	7,12	145,86
Fabr. de Licorés	291	72,58	71,59	35,48	34,06	47,29	0,72	24,95
Fabr. de Outras Bebidas Alcoólicas	221	88,64	87,70	95,82	93,80	28,39	2,50	51,97
Fabr. de Sucos de Frutas e Xaropes para Refrigerar	26,321	88,28	87,94	140,65	133,25	11,18	3,10	182,84
Engarrafamento e Classificação de Águas Minerais	1,225	85,09	84,20	62,47	59,88	24,06	3,07	61,66
Fabr. de Aquecedores, Licorés e Outras Bebidas Alcoólicas não Especificadas	848	45,23	44,61	45,52	43,71	22,94	0,18	45,61
Fabr. de Aguardentes	14,156	43,95	43,95	82,81	80,43	16,13	20,47	64,52
Fabr. de Vinhos Exclusivos de Uvas	354	27,82	27,44	27,06	26,01	23,71	1,13	26,87
TOTAL	16,473	101,39	100,00	104,14	100,00	22,48	100,00	104,87

O segundo grupo de "Bebidas" é composto das fabricações de álcool, vinhos de uva e sucos de fruta, dos quais apenas o último tem tamanho característico relativamente elevado. Apesar da alta produtividade dessas indústrias, os seus salários são relativamente baixos. Em consequência, as participações de salários no produto situam-se abaixo de 15% enquanto as taxas de excedente por pessoa ocupada superam a média industrial em mais de 50%.

Uma hipótese explicativa da desproporção entre salário e produtividade neste grupo de indústrias reside no fato delas estarem estreitamente vinculadas às produções de suas matérias primas, sendo "indústrias rurais", o que afeta seus salários, mas não suas produtividades.

Finalmente o terceiro grupo de indústrias de "Bebidas" está formado pelas fabricações de aguardentes, licores e outras bebidas alcoólicas e o engarrafamento e gaseificação de água mineral. Essas indústrias são de pequeno tamanho característico e seus salários e produtividades são muito baixos, bem menores que as respectivas médias industriais.

A fabricação de aguardente é o setor mais importante deste grupo com 20,5% do emprego do ramo e é o único a apresentar baixa participação de salário no produto (16,1%). Entretanto, devido a sua baixa produtividade, a taxa de excedente por pessoa ocupada equivale a apenas 68,6% da média industrial.

Concluindo, há uma diversidade de situações nas indústrias do ramo "Bebidas". Nas fabricações de cervejas, chopp e refrigerantes as altas produtividades do trabalho permitem elevadas participações de salário no produto, altos salários e elevadas taxas de excedente por pessoa ocupada; enquanto que na fabricação de licores e outras bebidas alcoólicas e no engarrafamento e gaseificação de água mineral, o baixo nível de produtividade do trabalho acarreta, ao mesmo tempo, alta participação de salário no produto e baixos salário e taxa de excedente.

Nas indústrias de caráter rural ocorrem baixas participações de salário no produto pela maior debilidade dos trabalhadores no mercado de trabalho. Nas fabricações de álcool, vinhos de uva e sucos de frutas, a alta produtividade faz com que a baixa participação do salário no produto se traduza em elevada taxa de excedente por pessoa ocupada, enquanto na fabricação de aguardante a taxa de excedente é reduzida, dado o seu baixo nível de produtividade do trabalho.

II.2.2 - Produtos de Matérias Plásticas

O salário médio deste ramo é idêntico à média industrial e sua produtividade do trabalho supera em 16,1% a produtividade média da indústria de transformação. Em consequência, a participação de salário no produto é de apenas 19,9% e sua taxa de excedente por pessoa ocupada é superior à média industrial em 21%.

QUADRO 29
MATERIAS PLASTICAS

NOME DO SETOR	Característico Tamanho (1000 Cruzeiros)	Salário do Setor em Relação ao da Indústria de Transformação	Salário do Setor em Relação ao do Ramo	Produtividade do Setor em Relação a Indústria de Transformação	Produtividade do Setor em Relação a do Ramo	Participação do Salário no Produto do Setor	Participação do Setor no Emprego do Ramo	Essência em Relação ao Setor de Indústria de Transformação
Fábricas de Laminados Plásticos	3266	129,48	129,83	189,55	162,30	15,65	21,55	289,26
Fábrica de Menilhas, Fones, Tubos e Conexões de Plástico	43258	103,08	103,19	174,78	145,98	13,67	8,60	159,48
Fábrica de Artigos de Mat. Plástico para Uso na Indústria de Material Elétrico	1800	101,18	104,29	71,86	87,68	32,50	1,20	81,06
Fábrica de Artigos de Mat. Plástico P/ Uso na Indústria de Material de Transporte	4563	101,18	101,27	96,63	83,36	24,12	5,15	55,53
Fábrica de Artigos de Mat. Plástico P/ Uso na Indústria de Espartilheira	6364	100,78	100,38	68,25	79,86	25,04	18,56	88,64
Fábrica de Artigos de Mat. Plástico P/ Uso na Indústria de Construção	8284	89,18	89,28	137,33	118,27	14,98	2,48	151,78
Fábrica de Artigos de Mat. Plástico para Uso na Indústria Mecânica	707	87,68	87,38	70,44	85,83	76,54	0,50	73,04
Fábrica de Artigos de Mat. Plástico para Embalagem e Acordelamento	4808	88,44	88,54	77,31	88,58	23,82	22,08	74,56
Fábrica de Artigos Diversos de Material Plástico	8870	83,21	83,30	108,77	81,88	17,89	4,14	118,64
Fábrica de Artigos de Mat. Plástico para Uso Doméstico e Pessoal	4443	82,93	83,02	83,12	71,58	23,04	14,80	83,17
Fábrica de Móveis Moldados de Mat. Plástico	314	78,00	78,08	48,72	40,25	36,55	0,18	37,35
Fábrica de Artigos de Mat. Plástico não Especificados	410	75,48	75,58	58,63	50,48	28,72	0,94	53,58
TOTAL RAMO	20540	98,89	100,00	116,12	100,00	19,86	100,00	120,58

De acordo com os indicadores de tamanho, salário e produtividade do trabalho, posso identificar a grande e a pequena indústria do plástico.

A grande indústria está formada pelos setores de laminados e de manilhas, tubos, canos e conexões. Participando com 30,2% do emprego do ramo, essas indústrias têm grande tamanho característico, alta produtividade do trabalho e pagam salários relativamente elevados.

Na grande indústria do plástico, a produtividade do trabalho é proporcionalmente mais elevada que o salário. Seus setores têm as menores participações de salários no produto e as maiores taxas de excedente por pessoa ocupada, próximos de 15% e o dobro da média industrial, respectivamente.

Há, entretanto, uma grande diferença de salário médio entre as duas grandes indústrias do plástico. Elas se explicam pelas diferenças técnicas desses setores, e também por suas distintas configurações estruturais, particularmente suas diferentes distribuições dos estabelecimentos e da produção pelas classes de tamanho dos estabelecimentos industriais.

A indústria de laminados, de maior salário, tem menor tamanho característico e grau de concentração da produção que a indústria de manilhas, canos, tubos e conexões. Entretanto, os seus estabelecimentos têm tamanhos mais homogêneos, como indica a relação entre os tamanhos médio e característico. De modo que são proporcionalmente

QUADRO 30

SETORES DE MATERIAS PLASTICAS	NUMERO DE ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS	TAMANHO CARACTERISTICO	NUMERO DE PLANTAS CARACTERISTICAS ABSORVIDAS PELA PRODUÇÃO DO SETOR	RELAÇÃO ENTRE O NUMERO DE PLANTAS E O NUMERO DE ESTABELECIMENTOS %
Laminados de plastico	142	32606	23,3	16,4
Manilhas, canos, tubos e conexões de plastico	71	43255	5,0	7,0

menos importantes os estabelecimentos de pequeno porte e provavelmente menores as diferenças de produtividade e salário entre os estabelecimentos de distintos tamanhos. Nestas condições, em laminados de plástico, o emprego nos estabelecimentos de pequeno tamanho é menos importante, e o salário dos grandes estabelecimentos é, provavelmente, maior que o dos grandes estabelecimentos de manilhas, canos, tubos e conexões.

Na pequena indústria do plástico os salários são, em geral, baixos, mesmo nos setores de produtividades relativamente elevadas. Somente nesses últimos a participação dos salários no produto é inferior à do conjunto da indústria de transformação, o que indica que nos demais setores da pequena indústria do plástico os salários são proporcionalmente mais elevados que as produtividades do trabalho.

Assim sendo, podemos atribuir a baixa participação da massa de salários no produto deste ramo à grande indústria do plástico. A situação desfavorável para os trabalhadores nessa indústria é reforçada pela unidade do mercado de trabalho do ramo.

II.2.3 - Diversos

O salário médio deste ramo é ligeiramente inferior à média industrial e sua produtividade é de apenas 88,8% da média da indústria de transformação. Em consequência, a participação da massa de salários no produto é de

1	2	3	4	5	6	7	8	9
NOME DO SETOR	Tamanho Característico (1000 Cruzetiras)	Salário do Setor em Relação ao da Indústria de Transformação	Salário do Setor em Relação ao do Ramo	Produtividade do Setor em Relação à da Indústria de Transformação	Produtividade do Setor em Relação à do Ramo	Participação do Salário no Produto do Setor	Participação do Setor no Emprego do Ramo	Esperança por Pessoa Ocupada no Setor em Relação à Indústria de Transformação
Revelação, Copiagem, Gravação e Outros Trabalhos na Produção de Faltículas	3023	200,77	207,72	206,16	234,36	22,20	1,71	210,56
Fábrica de Materiais Fotográficos	6718	196,77	199,28	197,01	210,55	20,20	0,67	184,09
Fábrica de Filtros para Cigarros	5856	149,81	152,02	148,58	212,44	29,20	0,33	188,41
Reprodução de Discos para Fonógrafos Exclui. Produção de Matrizes	16153	176,18	176,43	322,36	438,19	10,50	1,79	450,76
Reprod. de Fitas Magnéticas Gravadas Exclui. Produção de Matrizes	1784	166,97	166,49	148,46	168,25	25,71	0,24	144,35
Fábrica de Artigos Diversos não Especializados	8283	142,80	144,72	128,38	142,18	46,18	8,74	121,39
Fábrica de Apar. Fotográficas e Cinematográficas	4029	122,57	124,15	70,27	78,12	40,28	0,40	54,55
Fábrica de Materiais para Uso Médico em Cirurgias e Odontologia	15452	117,97	119,17	152,54	121,85	17,80	3,31	123,18
Fábrica de Instr. Utens. e Apar. de Medida não Elétricos para Uso Tec. e Profissionais	8345	108,89	110,28	87,24	98,32	29,67	6,65	89,74
Fábrica de Instr. Utens. e Apar. para Uso Médico-Cirurgião, Dent. e Laboratório	1804	108,82	107,88	87,22	98,28	28,22	1,86	91,35
Fábrica de Sinos	21505	87,94	99,19	80,56	90,70	28,07	15,76	75,34
Fábrica de Apar. e Materiais Fotográficos e de Ótica não Especializados	48	84,24	95,44	89,82	94,37	25,86	0,09	80,66
Fábrica de Materiais Óticos	2684	93,18	84,38	88,26	93,74	25,84	4,50	80,28
Fábrica de Instrumentos Musicais Incl. Guit. e Outros	2711	92,28	93,47	50,50	60,68	39,54	3,71	42,37
Fábrica de Lã, Fios, Fitas p/ Máquina e Outros Artigos para Escrição	7275	94,28	92,44	99,11	111,59	21,26	5,85	101,47
Fábrica de Artigos de Jóias	2577	81,09	92,25	89,71	76,48	30,17	0,54	63,28
Fábrica de Artigos para Costura	4511	88,26	89,39	62,02	71,88	31,93	6,81	56,48
Fábrica de Palméis Luminosos e Placas de Propaganda	4176	87,77	85,90	69,17	77,88	29,30	5,59	69,58
Fábrica de Membr. Artificiais e Apar. para Correção de Defeitos Óticos	425	85,39	86,48	47,49	53,47	41,52	0,88	38,11
Fábrica de Artigos de Bijuteria	4832	77,28	78,27	58,00	65,38	30,76	4,05	52,22
Fábrica de Escovas, Brossas, Fianças, Vasos e Surrasturtes	4559	76,46	77,44	55,31	62,27	33,53	8,32	48,55
Fábrica de Quodros-Nezros, Louças e Outros Artigos Escuderes	995	75,80	76,77	64,57	72,70	27,10	0,61	51,20
Fábrica de Artigos Diversos	2855	75,56	76,52	56,40	65,75	28,87	5,53	53,25
Fábrica de Artigos de Cão e Pêca	8849	71,75	72,67	59,95	77,69	24,03	9,66	65,11
Fábrica de Artigos de Pisos, Piumas, Cifres e Carres	873	68,58	69,43	54,47	61,33	29,06	0,23	50,29
Lapidagem de Pedras Preciosas e Semi-preciosas	1574	62,15	67,94	45,79	51,54	31,35	1,26	40,66
Fábricas de Perucas	1555	36,88	39,17	30,83	37,00	17,64	0,70	34,22
TOTAL RAMO	8952	83,74	100,00	89,82	100,00	25,86	100,00	25,44

25,7% e sua taxa de excedente por pessoa ocupada equivale a 85,8% da média industrial.

Os setores deste ramo são de pequeno tamanho característico, à exceção das fabricações de brinquedos, material para uso médico-odontológico e reprodução de discos.

Independentemente dos seus tamanhos característicos, são os setores de maior produtividade os de maiores salários. Assim, a reprodução de discos, de tamanho característico relativamente elevado, e setores de pequeno tamanho característico, como a produção de filmes, de material fotográfico e a fabricação de filtros, têm altos salários e produtividades do trabalho. Por outro lado, a fabricação de brinquedos, de grande tamanho característico, tem salário e produtividade tão baixos como os setores de pequeno tamanho. Este ramo é muito heterogêneo, daí advindo sua alta dispersão de salários. Nota-se que as atividades de produção de bens de luxo remuneram melhor o trabalho, em consequência de sua maior produtividade e possivelmente do maior grau de qualificação da sua mão-de-obra.

III. 3 - Ramos com salários superiores à média da indústria de transformação

III.3.1 - O subgrupo de "Borracha", "Metalúrgica" e "Papel e Papelão"

Este subgrupo se caracteriza pela importância relativa das indústrias onde predominam as grandes unidades produtivas integradas, que nos respectivos ramos têm as maiores produtividades do trabalho e pagam os maiores salários. Ao mesmo tempo, constata-se evidências de correlação entre o tamanho característico, de um lado, e salário e produtividade do trabalho, de outro.

Entre os ramos de altos salários, esses são os que têm os menores salários médios. Verifica-se uma associação entre o tamanho característico do ramo e a proporção em que diferem salário e produtividade média. Assim, "Borracha" é o que tem o maior tamanho característico e a menor participação de salário no produto, enquanto "Papel e Papelão" é o de menor tamanho característico e tem a maior participação de salário no produto.

A relação apontada entre tamanho e participação de salário no produto do ramo indica a importância do tamanho dos estabelecimentos industriais, especialmente em "Borracha" e "Metalúrgica", onde é maior a dispersão dos tamanhos característicos de seus setores. Indica, de outro lado, a não-proporcionalidade entre salário e produtividade do trabalho prevalecente nos setores de maior tamanho

QUADRO 32

NOME DO RAMO	TAMANHO CARACTERÍSTICO E PRODUTIVIDADE		TAMANHO CARACTERÍSTICO E SALÁRIO		PRODUTIVIDADE E SALÁRIO	
	COEFICIENTE DE CORRELAÇÃO	NÍVEL DE SIGNIF.	COEFICIENTE DE CORRELAÇÃO	NÍVEL DE SIGNIF.	COEFICIENTE DE CORRELAÇÃO	NÍVEL DE SIGNIF.
METALÚRGICA PAPEL E PAPELÃO BORRACHA	0,6518 0,7176 0,5604	0,1 0,1 2,3	0,4605 0,5941 0,4890	0,3 0,8 4,5	0,6857 0,7559 0,8352	0,1 0,1 0,1

característico. Este último aspecto é acentuado pelas formas de organização dos mercados de trabalho, onde se identifica, em cada caso, uma só categoria trabalhista para a totalidade de cada um dos ramos. (*)

A menor diferenciação setorial de salários em relação à de produtividades beneficia as indústrias mais eficientes, contribuindo para que elas logrem menores participações de salário no produto e maiores taxas de excedente por pessoa ocupada.

II.3.1.1 - Borracha

O salário médio do ramo supera a média industrial em 19,8%, enquanto sua produtividade é superior à média da indústria de transformação em 56,3%. Em consequência, a participação da massa de salários no produto é de apenas 17,7% e sua taxa de excedente por pessoa ocupada é mais alta que a média industrial em 67,2%.

Esses resultados são em grande parte reflexo do desempenho do setor produtor de pneumáticos e de câmaras de ar que tem um dos maiores tamanhos característicos entre todos os setores a quatro dígitos da indústria de transformação. Ele participa com 1/4 do emprego do ramo e 2/3 da produção. Sua produtividade equivale a mais de 3,5 vezes a média da indústria e seu salário supera a média industrial em apenas 89,4%. Em consequência, a participação da massa de salários no produto deste setor é só de 12,4% e sua taxa de excedente é superior em mais de 4 vezes à respectiva média industrial.

(*) No ramo metalúrgico a categoria é mais ampla ainda, pois abrange toda a metal-mecânica.

QUADRO 33
BORRACHA

Setor	Tamanho Características (1000 Cruzetões)	Salário do Setor em Relação ao da Indústria de Transformação	Salário do Setor em Relação ao do Ramo	Produtividade do Setor em Relação a de Transformação	Produtividade do Setor em Relação ao do Ramo	Participação do Salário no Produto do Setor	Participação do Setor no Emprego do Ramo	Excedente por Setor em Relação ao Setor de Indústria de Transformação
Fabr. de Pneumáticos e Câmaras de Ar	202,725	100,40	150,00	353,35	228,08	12,96	27,06	402,62
Fabr. de Correias de Borracha	5,414	136,53	115,82	109,81	70,32	29,10	2,86	101,32
Fabr. de Material Para Recondiciona- mento de Pneumáticos	4,786	137,28	112,09	133,07	85,14	23,36	1,24	132,70
Fabr. de Espuma de Borracha e Artifa- tos de Espuma de Borracha	4,204	112,08	83,55	120,60	77,22	21,44	0,98	123,22
Fabr. de Ceras, Tubos e Manguelões de Borracha	5,852	107,32	80,58	83,88	60,14	20,97	3,72	88,88
Fabr. de Peças e Acess. de Borracha p/ Veículos, Máquinas e Aparelhos	6,595	102,06	65,18	80,58	51,58	29,24	24,15	74,13
Beneficiamento de Borracha Natural	8,298	86,53	60,57	107,87	88,89	20,70	6,31	111,01
Fabr. de Outros Artigos de Borracha	2,304	84,32	28,72	60,28	42,41	32,85	1,83	57,05
Fabr. de Artigos Diversos de Borracha de Não Especializados	8,632	60,50	73,07	75,77	48,48	26,98	2,12	71,93
Fabr. de Balanças, Bolas, Intestinas, Saites e Saites para Salgados	18,923	85,87	71,76	68,68	57,39	22,13	7,40	96,01
Fabr. de Laminados e Fitas de Borracha	2,810	82,87	68,25	85,59	54,78	22,38	2,93	86,38
Fabr. de Artigos de Borracha para Uso Doméstico	709	78,73	65,71	47,69	30,31	36,12	1,14	39,97
Recondicionamento de Pneumáticos	1,103	75,54	69,05	67,95	43,50	25,65	18,22	65,72
TOTAL	114,400	119,81	100,00	158,29	100,00	17,70	100,00	167,23

10

Os demais setores deste ramo são de pequeno tamanho característico e seus salários e produtividades do trabalho são bem menores que os de pneumáticos e câmaras de ar. Nota-se, entretanto, que as fabricações de correias de borracha e de material para acondicionamento de pneumáticos, setores integrados à produção de pneumáticos e câmaras de ar, têm salários bem mais elevados que os demais.

Entre os de pequeno tamanho característico, destacam-se, do ponto de vista do emprego, a fabricação de peças e acessórios de borracha para veículos, máquinas e aparelhos e o acondicionamento de pneumáticos, com 24,2% e 18,2%. Embora não sejam elevados, em termos absolutos, seus salários são proporcionalmente mais altos que suas respectivas produtividades, de modo que suas participações dos salários no produto são de 29,2% e de 25,7%, respectivamente, enquanto suas taxas de excedente estão aquém da média industrial.

Concluindo, em "Borracha" se destaca o papel do tamanho dos estabelecimentos por sua relação com os salários e as produtividades do trabalho. O setor de grande tamanho característico tem o maior salário médio, mas sua produtividade do trabalho é proporcionalmente maior, de modo que tem, também, as maiores margens brutas de lucro e taxa de excedente por pessoa ocupada. A desproporção entre salário e produtividade do trabalho é acentuada pela forma em que se organiza o mercado de trabalho, que parece não levar em conta as particularidades das distintas indústrias. Ela

não impede a diferenciação de salários que, entretanto, é bem menor que a dispersão de produtividades.

II.3.1.2 - Metalúrgica

Na "Metalúrgica" o tamanho característico é maior que o do conjunto da indústria em cerca de 60%, e seu salário médio e produtividade do trabalho superam as respectivas médias industriais em aproximadamente 15%. A participação da massa de salários no produto do ramo é de 23,4%, praticamente idêntica à do conjunto da indústria de transformação, enquanto sua taxa de excedente por pessoa ocupada é superior à média industrial em aproximadamente 17%.

Há grande variedade de tamanhos característicos entre os setores metalúrgicos. Para facilitar a exposição convém distinguir três tipos distintos de indústrias.

Em primeiro lugar, agrupamos a metalurgia pesada, composta pela siderurgia e pela metalurgia dos não-ferrosos. De grande tamanho característico e elevada produtividade do trabalho, a metalurgia pesada paga os maiores salários do ramo. Esses setores são de elevadas relações capital-trabalho e têm altas taxas de excedente por pessoa ocupada, mas em alguns casos, como por exemplo, na "produção de ferro e aço em formas primárias", a participação da massa de salários no produto é elevada.

A siderurgia tem um maior peso no emprego que a metalurgia dos não-ferrosos, destacando-se a lamina-

NOME DO SETOR	Tamanho Característico (1000 Cruzetiros)	Salário do Setor em Relação ao de Indústria de Transformação	Salário do Setor em Relação ao do Ramo	Produtividade do Setor em Relação a da Transformação	Produtividade do Setor em Relação ao do Ramo	Participação do Setor no Produto do Setor	Participação do Setor no Emprego do Ramo	Excedente por Pessoa Ocupada no Setor em Relação a Indústria de Transformação
Produção de Soldas e Anodos	8808	175,03	151,08	174,80	153,02	23,15	0,42	174,47
Produção de Ligas de Metais não Ferrosos em Formas Primárias	87955	185,56	142,9	156,23	136,05	24,82	0,62	172,19
Prod. de Laminados de Metais não Ferrosos Excl. Cenos, Tubos, etc.	71743	183,34	139,27	149,06	130,83	24,99	3,93	145,36
Prod. de Ferro e Aço em Formas Primárias	118881	139,80	137,94	135,92	119,12	27,15	3,18	129,75
Prod. de Laminados de Aço	129710	150,03	129,50	274,24	240,35	12,83	10,34	311,52
Prod. de Refinações de Aço	20887	148,86	128,58	148,38	128,28	23,50	2,72	145,50
Tempera e Cementação de Aço e Recozimento de Aço	14957	148,73	128,38	133,84	117,17	25,86	0,41	128,33
Metalurgia do Pó Incl. Peças Moldadas	1803	146,86	128,77	127,22	111,50	26,65	0,03	121,93
Produção de Forjados de Aço	87192	140,63	121,39	177,76	155,78	16,27	2,10	189,90
Produção de Cenos e Tubos	31627	135,66	117,10	129,49	143,49	24,19	3,85	127,84
Fábr. de Estruturas Metálicas	18671	138,95	118,40	92,04	71,90	37,95	3,96	66,19
Fábr. de Outras Artigos de Metal não Especificado	8138	129,11	109,27	132,08	145,74	21,52	0,78	134,75
Fábr. de Prod. Padronizados de Refrig. em Jatos Automático	6641	128,86	104,92	85,10	74,61	32,78	4,66	74,40
Fábr. de Artigos de Culinária Exclusiva Fechos para Trabalho	39195	119,86	103,56	126,85	111,21	21,83	2,03	128,97
Fábr. de Tanques, Reservatórios e Receptores Metálicos	24181	118,36	102,17	137,35	120,38	19,90	2,18	143,05
Prod. de Arames de Aço	105337	116,06	100,16	232,54	209,80	11,52	1,38	267,51
Fábr. de Artigos de Metal Estampado	9428	115,26	97,78	75,05	85,70	34,84	6,19	63,58
Prod. de Lã e Palha de Aço	38285	114,13	97,85	81,04	89,05	28,60	3,83	84,83
Prod. de Formas, Moldes e Peças Fundidas de Metais não Ferrosos	22205	112,74	87,32	82,73	72,56	31,44	4,81	73,80
Prod. de Fundidos de Ferro e Aço	19440	110,67	85,53	78,34	68,66	32,92	8,75	68,53
Prod. de Fios e Arames de Metais não Ferrosos Excl. Fios e Cabos Elétricos	13625	108,70	93,83	86,92	84,84	25,88	0,01	93,39
Prod. de Ferro-Ligas em Formas Primárias	18287	105,58	91,97	150,89	132,24	18,14	0,92	164,51
Metalurgia dos Metais não Ferrosos em Formas Primárias	35075	104,71	80,38	139,06	124,82	18,14	0,92	164,51
Prod. de Lenos e Tubos de Metais não Ferrosos	3402	103,38	89,22	72,74	63,74	32,81	0,28	63,54
Fábrica de Armas	7034	100,54	86,78	52,75	48,73	44,80	0,93	58,45
Prod. de Laminados de Metais F.Ferrosos	10853	98,85	85,41	97,85	85,58	41,00	0,21	97,28
Prod. de Ferro-Gusa	67065	97,68	91,02	91,08	78,83	24,76	3,27	88,11
Serviço de Galvanização	1848	97,47	84,13	58,17	50,98	28,68	2,59	45,38
Fábr. de Ferramentas Manuais	4358	97,37	84,05	72,90	63,88	30,84	1,51	65,25
Fábr. de Artefatos de Trilhos Excl. de Jornas Automáticas	10417	95,69	82,66	60,09	79,96	24,51	3,46	68,42
Fábr. de Art. de Fundição e Letoria	13039	94,92	81,03	61,66	71,99	26,90	5,64	77,42
Fábr. de Artefatos de Metal para Escritório e Uso Passivo e Doméstico	1494	93,25	80,48	71,41	82,59	30,15	0,65	64,56
Fábr. de Artigos de Serralheria	7871	83,47	72,85	58,96	52,55	32,14	15,93	52,82
Metalurgia dos Metais Preciosos	31721	58,86	49,08	81,94	71,81	18,02	0,44	89,48
Fábr. de Artigos de Cadeafreio Excl. Obstáculos e Alambiques	11	21,42	18,43	16,74	14,87	29,54	0,03	15,53
TOTAL RAMO	52023	115,89	108,00	114,10	100,00	29,44	100,00	110,50

ção de aço, com 10,3% do emprego do ramo; e a maior produtividade do trabalho, que representa mais de 2,7 vezes a média industrial. Seu salário médio supera o da indústria de transformação em apenas 50%, sendo baixa a participação da massa de salários no produto do setor, de apenas 12,6%. Sua taxa de excedente por pessoa ocupada é mais de 3 vezes o valor da respectiva média industrial.

O tamanho característico dos setores da metalurgia dos não-ferrosos são menores que os da siderurgia. Seus salários, entretanto, são maiores, apesar de suas mais baixas produtividades do trabalho. Em consequência, são relativamente mais elevadas as participações de salário no produto e menores as taxas de excedente.

O segundo grupo de indústrias metalúrgicas é constituído pelas fabricações de produtos de ferro, aço e metais não-ferrosos. Seus tamanhos característicos são, em geral, menores que os da metalurgia pesada. Há, entretanto, alguns setores de grande tamanho característico, como por exemplo, a produção de arames de aço e a de forjados de aço.

Os salários nas indústrias de produtos metalúrgicos situam-se perto da média do ramo. Suas produtividades são em geral maiores que a média do ramo, especialmente nos setores de maiores tamanhos característicos.

Do ponto de vista do emprego, destacam-se as fundições de ferro e aço e a fabricação de artigos de metal estampado, com 8,8% e 6,2%, respectivamente. Esses se-

tores tem produtividades do trabalho inferiores à média do ramo, ocorrendo o contrário com os seus salários que são superiores. Em consequência, as participações de salário no produto são relativamente elevadas, 32,5% e 34,8%, respectivamente.

O terceiro grupo de indústrias metalúrgicas é formado pelas manufaturas de armas, ferramentas, artefatos trefilados e outros artefatos de metal. As produções desses setores estão mais dispersas em pequenos estabelecimentos industriais, como indicam seus tamanhos característicos. Os salários e as produtividades são menores que as respectivas médias do ramo.

Do ponto de vista do emprego, a fabricação de artigos de serralharia é o setor mais importante, com participação de 15,9%. Seu salário médio é bem inferior ao salário médio da indústria de transformação, mas por causa de sua baixa produtividade do trabalho a participação da massa de salários no produto é relativamente elevada, pouco mais de 32%, e a taxa de excedente por pessoa ocupada equivale à metade da respectiva média industrial. Esta situação é característica das manufaturas de artefatos de metal, onde predominam produtividades proporcionalmente mais baixas que os salários, apesar dos seus baixos níveis.

A presença da organização sindical metalúrgica determina relativamente elevadas participações de salário no produto, que só não se verifica nos setores de maior tamanho característico, independentemente do tipo de

indústria a que pertençam. A não-proporcionalidade entre salário e produtividade do trabalho nos setores metalúrgicos de grande tamanho característico é reforçada pela forma da organização do mercado de trabalho da metalúrgica, com uma só categoria trabalhista que é mais ampla que o próprio ramo. Ao uniformizar os salários do ramo, ela amplia as dificuldades dos trabalhadores dos setores de maior tamanho característico acompanharem de perto os crescentes ganhos de produtividade desses setores, apesar dos efeitos favoráveis que possa ter sobre os aumentos de salários dos setores industrialmente mais débeis.

.II.3.1.3 - Papel e Papelão

O salário médio deste ramo é superior em 12,1% à média industrial e sua produtividade do trabalho é aproximadamente igual à produtividade média da indústria de transformação. Em consequência, a participação da massa de salários no produto do ramo é de 25,7% e a taxa de excedente por pessoa ocupada é ligeiramente inferior à respectiva média industrial.

Distinguem-se neste ramo duas indústrias relativamente integradas. De um lado a indústria de "Papel" e de outro, a indústria de "Papelão, Cartolina e Cartão". A primeira tem maiores tamanho característico, salário e produtividade. As diferenças de salários são proporcionais às diferenças de produtividades, de modo que as participações de salários no produto dessas indústrias são relativamente

QUADRO 35
PAPEL E PAPELÃO

NOME DO SETOR	Tamanho Característico (1000 Cruzetas)	Salário do Setor em Relação ao da Indústria de Transformação	Salário do Setor em Relação ao do Ramo	Produtividade do Setor em Relação à Transformação	Produtividade do Setor em Relação ao do Ramo	Participação do Setor no Produto	Participação do Setor no Emprego do Ramo	Excedente para Pessoa Cujas Atividades em Relação à Indústria de Transformação
Fabr. de Embalagem de Papel e Papel para Embalagem	15.046	135,68	121,01	104,32	109,58	30,03	11,72	54,95
Fabr. de Papel	40.873	126,06	113,15	124,69	124,02	23,45	36,13	124,50
Fabr. de Artesfatos de Papel Não Especializado	5.084	124,39	110,94	77,52	77,06	37,00	0,15	63,58
Fabr. de Artesfatos de Papel, Papelão, Cartolina e Cartão para Revestimento	17.770	123,05	109,75	102,04	101,33	27,04	3,86	85,73
Fabr. de Celulose	5.082	110,30	98,38	95,09	94,49	28,76	1,58	00,52
Fabr. de Artesfatos de Papel, Papelão, Cartolina e Cartão para Impressão	8.079	105,50	94,10	98,50	97,82	24,73	3,15	88,59
Fabr. de Artesfatos Diversos de Papel Aluminizado, Dourado, Etc.	2.312	104,56	93,28	112,31	111,58	21,58	0,18	111,63
Fabr. de Embalagens de Papelão e Cartolina e Cartão	10.831	97,84	97,26	72,58	72,10	31,12	22,65	85,32
Fabr. de Artesfatos Diversos de Papelão, Cartolina e Cartão não Especializado	170	97,28	88,78	85,11	84,88	34,50	0,04	55,48
Fabr. de Papelão Cartolina e Cartão	18.845	88,96	88,48	100,80	100,20	22,18	11,78	102,08
Fabr. de Artesfatos Diversos de Papelão Cartolina e Cartão	4.769	88,58	88,15	83,42	82,77	23,87	3,12	52,47
Fabr. de Artesfatos Diversos de Fibras Prensadas ou Isolantes Inci. Para Maq. e Veic.	1.695	83,83	74,77	82,04	81,47	23,61	0,14	81,44
Fabr. de Papel Papelão Cartolina e Cartão Não Especializado	3.278	74,26	66,23	60,98	60,54	28,12	0,36	58,87
Fabr. de Artesfatos de Papelão, Cartolina e Cartão Impresso ou não, Simples ou Plabificado	937	73,72	65,75	50,78	50,44	33,52	0,88	43,90
Fabr. de Artesfatos de Papelão, Cartolina e Cartão Impresso ou não, Simples ou Plabificado	3.450	68,51	59,41	21,95	21,45	21,37	1,58	73,55
Fabr. de Artesfatos Diversos de Papel	383	48,48	43,17	43,09	42,78	25,94	2,44	41,50
TOTAL RAMO	24.209	112,32	100,00	100,70	100,00	25,71	100,00	57,27

semelhantes. A indústria de papel, entretanto, tem maior taxa de excedente por pessoa ocupada e, possivelmente, maior relação capital-trabalho, sendo semelhante suas respectivas rentabilidades de capital.

A organização do mercado de trabalho numa só categoria que abarca a totalidade do ramo, corresponde, neste caso, à relativa homogeneidade de suas indústrias, de modo que a uniformização de salários que se obtém, não tem os mesmos efeitos apontados nos ramos "Borracha" e "Metalúrgica", isto é, não debilitam a posição global dos trabalhadores frente ao capital nas suas indústrias mais progressivas.

II.3.2 - O subgrupo de "Mecânica", "Material Elétrico e de Comunicações" e "Material de Transporte"

Esses ramos tem em comum a existência de dois tipos de indústria estreitamente vinculadas entre si através de relações de complementariedade industrial. De um lado, há as indústrias de processos contínuos de produção e as montadoras e fabricantes de veículos, máquinas, aparelhos, equipamentos e utensílios, em geral de grande tamanho característico e alta produtividade do trabalho; de outro lado, as indústrias de partes, peças, acessórios, reparação de máquinas e outros serviços industriais, de pequenos tamanhos característicos e produtividades do trabalho bem menores.

QUADRO 36

NOME DO RAMO	TAMANHO CARACTERÍSTICO E PRODUTIVIDADE		TAMANHO CARACTERÍSTICO E SALÁRIO		PRODUTIVIDADE E SALÁRIO	
	COEFICIENTE DE CORRELAÇÃO	NÍVEL DE SIGNIF.	COEFICIENTE DE CORRELAÇÃO	NÍVEL DE SIGNIF.	COEFICIENTE DE CORRELAÇÃO	NÍVEL DE SIGNIF.
MECÂNICA MATERIAL ELÉTRICO MATERIAL DE TRANSPORTE	0,7451 0,5408 0,8211	0,1 0,3 0,7	0,5919 0,2000 0,6642	0,1 18,9 0,2	0,4091 0,3515 0,6152	2,6 4,2 0,4

As condições gerais do mercado de trabalho desses ramos não admitem salários baixos. A permutabilidade setorial da mão-de-obra e o relativamente elevado grau de qualificação do pessoal ocupado, determinado mais pela aprendizagem no próprio processo de trabalho que por especialização técnico-profissional formal, fazem com que praticamente nenhum setor desses ramos tenha salários expressivamente menores que o salário médio da indústria de transformação.

Em alguns ramos, a elevada produtividade do trabalho permite o pagamento de salários mais elevados. Entretanto, na produção de partes, peças, acessórios e dos serviços de reparação de máquinas e aparelhos, os salários são elevados independentemente de suas respectivas produtividades e se explicam, em grande medida, pelo tipo de relação que esses setores mantêm com os grandes fabricantes e montadores de veículos, máquinas, aparelhos e utensílios. Os estabelecimentos de pequeno porte, que predominam, são obrigados a respeitar normas de qualidade e de preços, que implicam, nas condições atuais da indústria, o uso intensivo de mão-de-obra relativamente cara. Por outro lado, dos baixos preços fixados para seus produtos se derivam suas produtividades proporcionalmente mais baixas, pois não há vantagens associadas às maiores escalas de produção.

Nos três ramos há evidências de correlação entre tamanho, salário e produtividade, à exceção "Material Elétrico e de Comunicações", onde não se verificam indícios de correlação entre tamanho e salário.

Essas correlações dão apenas uma visão geral do que ocorre no interior desses ramos, sendo possível observar uma grande complexidade de suas estruturas internas. Esta heterogeneidade manifesta-se na existência de algumas indústrias com predomínio de pequenos estabelecimentos, outras com predomínio de grandes estabelecimentos, de produção em série e produção em base a máquinas individualizadas, produção de bens finais de consumo e de capital, produção de partes, peças e acessórios e serviços industriais. A análise complica-se ainda mais em "Material Elétrico e de Comunicações", devido à integração de alguns de seus setores, o que distorce os indicadores de produtividade de do trabalho como medida dos padrões de eficiência.

O mercado de trabalho desses ramos estão estreitamente vinculados entre si e com o da "Metalúrgica", e os dissídios coletivos de salários se referem ao conjunto das indústrias desses quatro ramos.

.II.3.2.1 - Mecânica

Dos três ramos "Mecânica" é o de menor tamanho característico e produtividade do trabalho, que é equivalente à média industrial, enquanto o salário médio supera em 47,1% o médio da indústria de transformação. A participação da massa de salários no produto é de 33% e sua taxa de excedente equivale a 89,7% da respectiva média industrial.

MECÂNICA

NOME DO SEIDR	Tamanho Censitário (1000 Cruzados)	Salário do Setor em Relação ao da Indústria de Transformação	Salário do Setor em Relação ao do Ramo	Produtividade do Setor em Relação a da Indústria de Transformação	Produtividade do Setor em Relação ao do Ramo	Participação do Salário no Produto do Setor	Participação do Setor no Emprego do Ramo	Excedente por Pessoa Ocupada no Setor em Relação a Indústria de Transformação
Fábr. de Peças e Acessórios p/Máquinas, Equip. par. e Apar. Diversos	10321	180,04	133,27	104,25	101,26	49,42	1,05	78,70
Fábr. de Máq. Apar. e Utens. p/Escr. Excl. Ele- trônicos	55819	191,80	130,25	355,27	345,08	12,45	1,48	404,43
Fábrica e Montagem de Tratores	72689	172,81	117,34	189,28	183,87	21,05	1,36	154,52
Fábr. de Equip. p/Tranmissão Industrial Incl. Rolamentos	20091	170,89	116,17	121,35	117,87	32,51	2,53	108,46
Fábr. de Art. de Caldearia Incl. Tanques e Reservatórios	34256	164,86	111,94	109,57	106,53	34,57	2,47	83,16
Reparação e Manutenção de Máq. e Apar. Inho- m. de Peças, Aces. Utensílios e Ferramen- tas para Máquinas Industriais	12855	184,48	111,82	72,03	68,87	52,73	19,37	44,27
Fábr. de Máq. Ferramentas, Operatrizes e Apar. para Indústrias	6489	189,10	110,88	93,27	90,80	40,37	9,19	72,31
Fábr. de Peças, Aces. p/ Máq. Apar. Equip. para Instalação Hidráulicas	10348	188,47	105,68	108,44	106,30	32,80	18,89	85,82
Fábr. de Caldeiras, Boredoras de Vapor, Turbi- nas e Motores a Combustível	2763	155,45	105,68	94,51	91,88	37,80	0,34	76,21
Fábr. de Peças e Aces. para Tratores e Máqui- nas de Tradição	21834	150,85	102,58	130,89	126,95	26,58	2,73	124,63
Fábr. de Máq. Apar. e Equip. p/ Instalação de Comércio e Indústria	34556	250,18	102,04	145,04	111,74	30,13	2,34	104,51
Fábr. e Montagem de Máq. e Apar. de Terça- planagem	46778	149,32	101,54	103,51	100,54	33,32	8,37	49,74
Fábr. de Máq. Apar. e Equip. Industriais para Instalações Hidráulicas, etc.	51861	143,20	87,33	211,75	205,68	15,61	1,92	232,33
Fábr. de Máq. e Apar. p/ Usd Pessoal e Domé- stica Excl. Eletrodomésticos	6317	132,98	90,39	109,08	108,54	27,89	8,35	102,56
Fábr. de Peças e Aces. p/ Máq. Hórtiz e Equip. de Irrigação Industrial	31228	129,75	88,21	128,27	124,58	23,36	4,96	127,82
Fábr. de Máq. Apar. e Equip. p/ Beneficiamen- to de Produtos Agrícolas	2811	125,99	86,33	99,63	95,86	28,75	0,35	98,11
Fábr. de Máq. Apar. e Equip. p/ Exercício de Artes e Ofícios	8572	122,94	83,58	91,57	88,92	31,00	2,16	82,18
Fábrica de Grandes e Relações	5914	118,31	80,43	160,90	158,29	18,98	0,16	173,59
Serviços Industriais de Usinagem, Tornearia Fábr. de Peças e Aces. p/Confeccionar e Rele- gios	8281	112,82	76,58	108,59	105,48	21,94	0,83	107,38
Fábr. de Peças e Aces. p/Confeccionar e Rele- gios	3307	111,18	75,50	55,37	53,78	48,36	6,33	38,81
Fábr. de Peças e Aces. p/ Beneficiamento de Produtos Agrícolas	357	108,84	72,49	46,05	44,73	83,46	0,03	27,57
Fábr. de Máq. e Apar. p/ Agricultura, Avicul- tura, etc.	1818	108,30	72,26	57,10	55,46	42,88	0,65	42,33
	7228	80,71	54,53	27,82	25,59	23,80	5,31	27,10
TOTAL RAMO	20632	147,10	100,00	108,83	100,00	32,88	100,00	89,71

Com a única exceção da fabricação de máquinas e aparelhos para a agricultura, todos os setores têm salários superiores à média industrial e são proporcionalmente maiores que suas respectivas produtividades do trabalho. Isto só não ocorre nos setores de grande tamanho característico dedicados às fabricações de máquinas, aparelhos e utensílios, como a fabricação de tratores, máquinas de terraplanagem, máquinas e aparelhos para escritório e para uso pessoal e doméstico.^(*) O único setor de pequeno tamanho característico e pronunciada desproporcionalidade entre salário e produtividade é a fabricação de máquinas, aparelhos e equipamentos para o exercício de artes e ofícios.

Nesses setores se observam participações de salário no produto mais baixas que a do conjunto da indústria de transformação e elevadas taxas de excedente por pessoa ocupada. Suas participações no emprego do ramo são de pouca importância, pois em conjunto eles representam menos de 10% do emprego do ramo.

Nos demais setores, especialmente os dedicados à fabricação de peças e acessórios e os serviços de reparação, a participação de salário no produto é elevada e a taxa de excedente por pessoa ocupada é em geral baixa, exceto nos setores de maiores produtividades. É o caso das fabricações de equipamentos de transmissão industrial e de peças e acessórios para tratores e máquinas de terraplanagem, com participações de salário no produto superiores a 30% e taxas de excedente superiores à média industrial.

(*) o poder de mercado dos grandes produtores desses setores lhes permitem altas margens brutas de lucro.

O mercado de trabalho permite salários relativamente altos em todos os setores, inclusive em muitos delas às custas de elevadas participações de salário no produto. Entretanto, a dispersão setorial de salários é menor que a de produtividades, notando-se no caso dos grandes fabricantes de máquinas e aparelhos uma desproporção de salário e produtividades que resulta em baixa participação de salário no produto e alta taxa de excedente. O caso mais ilustrativo deste fenômeno é o da fabricação de máquinas, aparelhos e utensílios para escritório (exclusive eletrônicos), onde a participação de salário no produto é de 12%, enquanto que a taxa de excedente é mais de quatro vezes a média industrial. (*)

Concluindo, as condições do mercado de trabalho permitem altos salários, mas há uma desproporção entre salários e produtividades em favor dos grandes fabricantes de máquinas e aparelhos. Esta desproporção é acentuada pela uniformização de salários a partir do caráter abrangente da organização do mercado de trabalho.

III.3.2.2 - Material de Transporte

Ramo de grande tamanho característico, seu salário médio é 58,9% maior que a média industrial, enquanto sua produtividade do trabalho supera em apenas 32,5% a média da indústria de transformação. Em consequência, a participação da massa de salário no produto do ramo é de 27,7%, mas, apesar disto, a taxa de excedente por pessoa ocupada é

(*) Neste setor é tipicamente dominante a grande empresa internacional com elevado controle de mercado.

MATERIAL DE TRANSPORTE

NOME DO SETOR	Tamanho Característico (1000 Cruzetas)	Salário do Setor em Relação ao de Indústria e Transformação	Salário do Setor em Relação ao do Ramo	Produtividade do Setor em Relação e da Transformação	Produtividade do Setor em Relação ao do Ramo	Participação do Salário no Produto do Setor	Participação do Setor no Emprego do Ramo	Porcentagem da Pessoa Ocupada no Setor em Relação à Indústria e Transformação
Fábrica de Veículos Automotores	541091	224,31	141,20	220,90	166,72	23,44	25,09	219,88
Fábrica de Telêgrafos, Têlex, Turbinas e Motores Marítimos	32303	177,00	111,42	274,99	207,54	14,86	0,20	34,40
Construção e Montagem de Aviação	71805	185,95	104,45	136,51	104,54	27,86	6,61	130,27
Reparação de Aviação e Motores e Turbinas de Aviação	6498	162,82	102,48	85,35	50,00	56,86	0,64	97,39
Fabricação de Peças e Acess. para Veículos Automotores	6361	146,98	92,53	85,74	72,26	35,45	0,77	60,35
Fabricação de Peças e Acess. para Veículos Ferroviários	31811	146,33	92,11	108,88	82,25	31,00	42,45	97,76
Reparação de Embarcações e de Motores Marítimos	25648	138,53	87,20	188,57	140,81	17,14	1,07	201,00
Construção de Locomotivas, Carrões, Motores e Veículos Ferroviários	18745	127,18	80,06	61,03	46,08	46,12	2,53	41,17
Fabricação de Peças e Acess. para Embarcações Individuais Leveiras, etc.	12882	125,27	79,86	148,43	112,02	19,49	1,91	155,36
Fábrica de Carrocerias para Veículos Automotores	12182	120,09	75,58	128,59	97,05	21,56	0,35	131,15
Reparação de Veículos Ferroviários	14793	116,32	75,22	70,34	53,08	38,18	9,62	56,54
Fábrica de Estorados e Capas para Veículos	7944	114,03	71,78	81,99	61,08	32,11	1,36	72,37
Recondicionamento e Recuperação de Motores de Veículos Automotores	5027	107,30	67,54	91,08	68,74	27,20	0,71	86,21
Fábrica de Bicicletas e Triciclos	1071	103,47	65,13	85,54	49,48	36,45	3,77	54,15
Fábrica de Peças e Acess. para Veículos de Tracção Animal e Outros	29811	95,01	59,81	112,66	85,04	19,47	1,81	118,00
Fábrica de Outros Veículos	1242	90,66	57,07	54,27	40,98	38,56	0,67	43,35
	1415	58,48	38,02	45,83	34,58	29,47	1,55	42,03
TOTAL RAMO	105906	156,86	100,00	132,50	100,00	27,68	100,00	124,59

superior em 24,6% à respectiva média industrial.

As condições gerais de produção da indústria permite salários relativamente elevados. Dos 17 setores apenas 3 tem salários inferiores à média industrial. Eles são as fabricações de bicicletas e triciclos e de veículos a tração animal e representam apenas 3,4% do emprego do ramo e não pertencem por sua estrutura técnica às condições gerais de produção desta indústria.

De modo semelhante à "Mecânica" podem ser identificados dois tipos de indústrias: de um lado a fabricação e montagem de veículos e, de outro, a fabricação de peças e acessórios e a reparação de veículos e de motores.

Em contraste, porém, com as indústrias mecânicas, os setores de maior tamanho característico, como a fabricação de veículos auto-motores e a construção de embarcações, contribuem com 31,7% do emprego e cerca de 42% do valor do ramo.

Na indústria automobilística, devido a alta produtividade do trabalho e apesar dos salários elevados as taxas de excedente por trabalhador alcança ao dobro da média industrial com o que a participação dos salários no produto é semelhante à do conjunto da indústria de transformação.

Entre os setores com menos participação salarial no produto, francamente inferior à média da indústria, contam-se a fabricação de caldeiras, máquinas, turbinas e motores marítimos, peças e acessórios para veículos ferroviários, bicicletas e triciclos, todos com tamanho característico relativamente elevado e a construção de locomotivas e vagões ferroviários que é a única com tamanho característico relativamente pequeno.

Nos setores de partes, peças e acessórios e nos de reparações de veículos e de motores, a participação de salário no produto é superior à dos setores de fabricação e montagem de veículos, exceção feita de peças e acessórios para veículos ferroviários. O setor mais importante do ponto de vista do emprego é o de auto-peças, com peso de 42,5%. Sua participação de salário no produto é de 31,0% e a taxa de excedente por pessoa ocupada é ligeiramente inferior à respectiva média industrial.

Os trabalhadores deste ramo pertencem à categoria dos metalúrgicos e a dispersão setorial de produtividade é maior que a de salários. Entretanto o setor dedicado à fabricação de automóveis se destaca porque, se se bem as condições de geração de excedentes por trabalhador sejam idênticas à da grande indústria metal-mecânica, as condições de "exploração" média da força de trabalho, medidas pela participação do trabalho no produto é semelhante às do conjunto da indústria de transformação, e não à da grande indústria metal-mecânica.

II - 3 - 2 - 3 - Material Elétrico e de Comunicações

O salário deste ramo supera a média industrial em 36,3% e sua produtividade do trabalho é 22,8% maior que a média da indústria de transformação. Em consequência, a participação da massa de salários no produto do ramo é de 25,6% e sua taxa de excedente por pessoa ocupada supera em 18,8% a respectiva média industrial.

MATERIAL ELÉTRICO E DE COMUNICAÇÕES

NOME OU SETOR	Tamanho Característico (1000 Cruzetas)	Salário do Setor em Relação ao da Indústria de Transformação %	Salário do Setor em Relação ao do Ramo %	Produtividade do Setor em Relação à do Setor em Transformação %	Produtividade do Setor em Relação ao do Ramo %	Participação do Salário no Produto do Setor %	Participação do Salário no Emprego do Ramo %	Execução de Pessoal Ocupado em Relação à Indústria de Transformação
Fábr. de Equip. e Apar. de Radiotelegráfia	4823	285,11	209,18	146,19	119,04	45,03	4,83	104,48
Fábr. de Apar. Transmissoras de Rádio, Televisão, etc.	21774	256,22	187,98	184,27	150,04	32,10	1,89	182,57
Fábr. de Equip. e Apar. de Telefone e Radiotelegrafia	87042	209,85	153,98	89,44	72,79	54,16	10,83	53,76
Fábrica de Condutores Elétricos	58836	174,71	128,16	234,88	191,05	17,19	0,98	252,89
Reparação e Manutenção de Máquinas e Apar. Elétricos, etc.	1722	155,26	116,85	71,21	57,97	51,84	5,93	44,75
Fábr. de Apar. e Utens. Elétricos para Indústria e Comércio	5650	152,52	111,90	104,61	85,16	33,86	7,44	50,23
Fábr. de Apar. e Equip. para Fins Terapêuticos eletroquímicos, etc.	4366	148,07	107,17	110,00	64,61	30,04	0,58	38,78
Fábr. de Geradores, Transformadores e Semelhantes	14704	145,72	108,82	112,74	51,78	29,84	2,72	102,84
Fábrica de Lâmpadas	48917	139,39	102,26	227,53	185,22	14,14	1,00	253,88
Fábr. de Televisores, Rádios, Fonógrafos, etc.	43461	135,08	89,09	182,74	148,78	17,08	8,73	191,05
Fábr. de Motores e Micromotores Elétricos	19543	133,73	80,11	83,46	57,88	58,85	2,57	89,08
Fábr. de Peças e Aces. para Máquinas e Equip. de Geradores e Distr. Energia	2792	132,23	91,01	127,19	103,54	24,00	0,37	123,86
Fábr. de Escovas e Contatos de Carvão, Apê. Relés Eletromagnéticos, etc.	45263	127,86	93,81	103,66	149,51	18,07	13,05	200,41
Fábr. de Mat. Elétrico p/ Uso Doméstico e Passoa	33431	126,52	82,82	126,68	104,75	22,70	2,45	129,33
Fábrica de Material Eletrônico	29895	122,51	89,88	116,72	85,02	24,23	0,40	114,59
Fábr. de Peças e Aces. p/ Apar. Utens. e Equip. Elétricos Diversos	1743	120,37	88,31	72,54	59,05	38,31	9,36	58,16
Fábr. de Apar. Elétricos de Medida e Controle	18849	118,92	87,98	109,25	88,12	25,58	9,93	104,75
Fábr. de Mat. Elétrico para Veículos	18721	119,51	87,68	93,00	75,71	29,87	7,08	85,04
Fábr. de Resistências para Aquecimento	3028	118,51	86,95	89,57	72,10	30,89	1,00	79,59
Fábr. de Peças e Aces. para Apar. de Telefone, Telegrafia, etc.	12530	111,78	82,01	74,26	60,47	34,75	2,82	83,02
Fábr. de Mat. para Instalações Elétricas	10306	106,23	77,94	50,48	73,88	27,11	0,75	85,75
Fábr. de Equip. e Apar. de Sinalização e Alarme	1828	97,13	71,26	112,47	91,55	19,94	4,47	117,07
Fábr. de Pilhas e Baterias Secas	45700	95,07	69,75	151,41	123,26	14,50	4,51	168,33
TOTAL RAMO	31627	136,36	100,00	122,84	100,00	25,82	100,00	119,79

Os setores de processos contínuos de produção, onde predominam os grandes estabelecimentos industriais com elevadas intensidades de capital, são os que tem as maiores produtividades do trabalho. Características dessas condições são as fabricações de lâmpadas e de condutores elétricos, com produtividades superiores ao dobro da média industrial e salários maiores que a média do ramo, mas proporcionalmente inferiores às suas produtividades. Em consequência, as participações de salário no produto são de 14,1% e de 17,2% e as taxas de excedente equivalem a 2,5 vezes a média industrial.

Outros setores com baixas participações de salário no produto e elevadas taxas de excedente se dedicam às fabricações de televisores e rádios, escovas e contatos de carvão para aparelhos eletro-magnéticos, pilhas e baterias secas. Esses setores, de grande tamanho característico e elevada produtividade do trabalho, tem salários inferiores à média do ramo. Do ponto de vista do emprego, esse segundo grupo é mais importante que o primeiro, pois participa com 24,3% do emprego do ramo, enquanto o outro representa apenas 2%.

Os demais setores de "Material Elétrico e de Comunicações", dedicados à produção de equipamentos e aparelhos elétricos, peças e acessórios de equipamentos elétricos e reparações de equipamentos e aparelhos elétricos, têm elevadas participações de salário no produto (*) em bora os de maiores produtividades tenham simultaneamente altas taxas de excedente por pessoa ocupada. Entre eles os mais importantes do ponto de vista do emprego se dedicam às fabricações de equipamentos e aparelhos de telefonia e radio-telefonia, aparelhos e utensílios para a indústria e o comércio, peças e acessórios para equipamentos, aparelhos e utensílios elétricos diversos, aparelhos elétricos de me dida e de controle, material elétrico para veículos, repre sentando 44,7% do emprego do ramo.

Concluindo: a dispersão setorial de salários é menor que a de produtividades, o que beneficia os setores de grande tamanho característico de processos contínuos de produção. A desproporção de salários e produtivi dades nesses setores é acentuada pela amplitude da categoria do mercado de trabalho deste ramo, que provoca uma relativa uniformização de salários numa situação de profunda heterogeneidade das condições de produção.

(*) - Esses setores tem alta intensidade de uso de mão-de-obra qualificada.

II - 3 - 3 - O Sub-grupo de "Química"

Este ramo se caracteriza pelo elevado poder de mercado das grandes empresas públicas e estrangeiras. Seus salários e produtividade média do trabalho são dos maiores da indústria de transformação e tem elevada intensidade de capital e acentuado grau de qualificação da força de trabalho. Há, entretanto, uma grande desproporção entre salário e produtividade que se reflete na baixa participação dos salários no produto e alta taxa de excedente por pessoa ocupada. Há evidências de correlação entre tamanho, produtividade e salário assim como grande dispersão intersetorial de salários e produtividade.

Ramo de grande tamanho característico, tem salário médio superior em 76,7% à média industrial e sua produtividade do trabalho é mais de 2,5 vezes a produtividade média da indústria de transformação. Em consequência, a participação da massa de salários no produto do ramo é de 16,2% e sua taxa de excedente por pessoa ocupada é de mais de 2,7 vezes a respectiva média industrial.

De acordo com os indicadores de tamanho, salário e produtividade do trabalho, se identificam vários tipos de indústrias químicas.

Em primeiro lugar ressalta a grande indústria química, formada pelas fabricações de combustível e lubrificantes, produtos petroquímicos, derivados de carvão de pedra, gás de nafta e de hulha, resinas, fios e fibras artificiais e sintéticas.

QUADRO 40

NOME DO RAMO	TAMANHO CARACTERÍSTICO E PRODUTIVIDADE		TAMANHO CARACTERÍSTICO E SALÁRIO		PRODUTIVIDADE E SALÁRIO	
	COEFICIENTE DE CORRELAÇÃO	NÍVEL DE SIGNIF.	COEFICIENTE DE CORRELAÇÃO	NÍVEL DE SIGNIF.	COEFICIENTE DE CORRELAÇÃO	NÍVEL DE SIGNIF.
QUÍMICA	0,5988	0,1	0,5563	0,3	0,6393	0,1

QUADRO 41
QUÍMICA

NOME DO SETOR	Tamanho Característico do Setor (1.000 cruz.)	Salário do Setor em Relação ao da Indústria de Transformação	Salário do Setor em Relação ao do Ramo	Produtividade do Setor em Relação a da Indústria de Transformação	Produtividade do Setor em Relação a do Ramo	Participação do Setor no Salário do Produto	Participação do Setor no Emprego do Ramo	Excedente por p. ocupado no Setor em Relação a Indústria de Transformação
Fabr. de Combustíveis e Lubrificantes	278.132	390,77	221,21	603,98	239,21	14,94	12,71	667,99
Fabr. de Materiais Petroquímicos Básicos e Prod. Primários e Inter.	54.269	266,59	150,91	368,65	145,95	16,70	2,60	399,29
Fabr. de Produtos Derivados da Destilação do Carvão de Pedra	117.759	250,61	141,87	247,41	97,95	23,39	0,97	246,45
Fabr. de Concentrados Aromáticos Naturais Artificiais e Sintéticos	17.583	233,45	126,49	373,41	147,83	13,82	1,36	418,42
Fabr. de Resinas, Fibras e Fios Artificiais e Sintéticos	67.488	222,38	114,57	211,97	83,92	22,04	15,11	274,93
Fabr. de Produtos Químicos não Especificados	7.419	180,02	101,91	120,69	47,78	31,84	0,43	102,87
Fabr. de Tintas, Hamaíes, Lacos e Vernizes	25.795	175,52	99,36	203,98	80,76	19,87	8,82	212,52
Fabr. de Gas de Hulha e Hulha	69.335	175,03	99,08	168,20	65,59	24,93	2,23	165,15
Fabr. de Asfalto	7.581	161,94	91,67	186,16	73,70	20,08	1,44	193,44
Fabr. de Produtos Químicos Diversos	5.064	160,46	90,83	202,90	80,33	18,46	1,96	215,64
Produção de Elementos Químicos e Produtos Químicos Orgânicos e Inorgânicos	18.548	156,44	88,56	236,83	93,76	15,25	9,18	260,96
Fabr. de Impermeabilizantes, Solventes e Secantes	23.366	143,52	81,25	336,67	133,29	9,84	0,75	394,65
Fabr. de Pigmentos, Corantes, Substâncias Tanantes e Mordentes	36.091	142,66	80,76	255,39	101,11	12,90	3,29	289,22
Fabr. de Adibos Fertilizantes e Correlativos do Solo	23.951	132,32	74,91	235,94	93,41	12,95	7,39	267,04
Fabr. de Adibos, Dextrinas, Adesivos, Colas e Substâncias Afins	5.100	124,87	70,69	153,63	60,82	18,77	2,19	162,26
Fabr. de Inseticidas, Fungicidas e Fumigicidas	17.060	107,58	60,90	326,78	129,37	7,60	2,39	392,58
Produção de Óleos, Gorduras e Formicidas	9.574	102,72	58,15	141,49	56,02	16,76	1,00	153,13
Excl.: Lanolins	15.005	98,39	55,53	166,41	65,88	13,61	1,63	186,92
Fabr. de Preparados para Limpeza e Polimento	6.711	89,01	50,39	125,51	49,69	16,37	1,47	136,47
Fabr. de Polímeros Explosivos e Detonantes	15.726	86,46	48,94	81,25	32,21	24,54	10,24	79,81
Produção de Óleos Vegetais em Bruto	20.199	83,06	47,02	186,89	73,39	10,26	10,92	216,05
Produção de Ceras Vegetais	5.745	53,95	30,54	79,39	31,39	15,71	0,52	65,90
Produção de Óleos Essenciais Vegetais	12.481	53,91	30,52	83,69	33,05	14,91	1,23	92,37
TOTAL RAMO	60.721	176,65	100,00	252,59	100,00	16,15	100,00	275,39

Com 33,8% do emprego do ramo, estas indústrias se caracterizam por altos salários e produtividade do trabalho. Combustíveis e lubrificantes e resinas, fios e fibras artificiais e sintéticas são os setores mais importantes. O primeiro, dominado por empresa pública, tem salário médio quase quatro vezes o da indústria de transformação. Apesar disso, a participação de salário no produto deste setor é de apenas 14,9% e sua taxa de excedente por pessoa ocupada é de 6,6 vezes a respectiva média industrial. Na fabricação de resinas, o salário é de 2

vezes o da indústria de transformação e a participação de salário no produto, de 22%. Entretanto, a taxa de excedente é 2,1 vezes maior que a média industrial.

Outro grupo de indústrias químicas de elevados salários e produtividades do trabalho é constituído pelas produções de concentrados aromáticos, tintas, elementos químicos, impermeabilizantes, adubos, inseticidas e pigmentos.

Com 33,2% do emprego do ramo, estas indústrias têm tamanhos característicos inferiores aos do primeiro grupo. Adubos, tintas, elementos químicos, são os setores mais importantes. As participações de salário no produto são baixas e suas taxas de excedente são elevadas.

Um terceiro grupo de indústrias químicas é formado pelas produções de preparados para limpeza, desinfetantes, óleos de origem animal e óleos vegetais em bruto. Seus salários giram em torno da média industrial e suas produtividades são relativamente mais elevadas.

Com 17,4% do emprego do ramo, estes setores têm tamanho característico bem menor que o dos outros dois grupos de indústrias químicas. A fabricação de óleos vegetais em bruto é o setor mais importante. Seu salário médio equivale a apenas 83,1% do salário médio da indústria de transformação. A participação da massa de salários no produto do setor é de 10,3% e a taxa de excedente é mais do dobro da respectiva média industrial.

Finalmente, as fabricações de pólvoras, ceras vegetais e óleos essenciais são as únicas indústrias químicas de baixa produtividade do trabalho. Com 12% do emprego do ramo, pagam baixos salários e suas taxas de excedente por pessoa ocupada são menores que a média industrial. A fabricação de pólvoras é o setor mais importante. A participação de salário no produto é de 24,5%, apesar de seu salário médio equivaler a apenas 86,5% do salário médio da indústria de transformação.

Em resumo, na "Química", apesar da organização do mercado de trabalho não considerar todas as particularidades das distintas indústrias, a heterogeneidade estrutural do ramo se impõe, pois a dispersão setorial de salários, embora menor que a de produtividades, é muito elevada e não se observa participações de salário no produto que sejam sistematicamente menores nos setores de maiores produtividades do trabalho.

A debilidade do trabalho frente ao capital é geral, mesmo nas indústrias de maiores salários deste ramo. Neste sentido, destacam-se os altos salários que as empresas públicas e estrangeiras pagam na grande indústria química, o que não impede as baixas participações de salários no produto e as altas taxas de excedente.

II.3.4 - O subgrupo de "Fumo" e "Perfumaria, Sabões e Velas" e Produtos Farmacêuticos.

Os elevados tamanhos característicos desses ramos refletem o predomínio de grandes estabelecimentos industriais pertencentes a empresas internacionais, cujo elevado poder de mercado permite os maiores mark-ups sobre custos primários de toda a indústria de transformação.

As altas produtividades do trabalho são reflexos dos preços dos produtos, em alguns casos bens de luxo, mais do que da intensidade de capital ou complexidade tecnológica dos processos de fabricação. Os salários superam a média industrial, mas há uma grande desproporcionalidade entre salário e produtividade do trabalho.

II.3.4.1 - Perfumaria, Sabões e Velas

O salário médio deste ramo é superior em 12,8% à média industrial enquanto sua produtividade do trabalho é mais do dobro da produtividade média da indústria de transformação. Em consequência a participação da massa de salários no produto do ramo é de 12,3% e sua taxa de excedente por pessoa ocupada é quase 2,5 vezes a respectiva média industrial.

DIÁRIO
 PERMANENTE, SÁBADO E FÉRIAS

NOTA DO SETOR	Taxação Entertainment (1999 Creche)	Salário de Salor de Salor em de Transferência	Salário de Salor em Relação de de	Produção de Salor em Relação de Transferência	Produção de Salor em Relação de de	Participação de Salor em de Salor	Participação de Salor em de Salor	Salário de Salor de Salor em de	Salário de Salor de Salor em de
Fábrica Produtora de Surturaria	50.857	132.75	112.22	55.87	132.90	13.20	13.20	13.20	13.20
Fábrica Surturaria e Relações para Uso In comercial:	8.130	122.34	108.40	122.34	108.40	12.20	12.20	12.20	12.20
Fábrica Surturaria	1.456	120.82	107.21	120.91	107.81	12.20	12.20	12.20	12.20
Fábrica Surturaria e Desperantes de uso Quada-	38.188	86.78	70.56	107.37	86.77	12.20	12.20	12.20	12.20
1120	5.401	75.80	59.21	75.80	59.21	12.20	12.20	12.20	12.20
Saldo de Salor									
TOTAL PERM	41.573	112.77	100.25	222.22	222.22				222.22

Há três tipos de indústrias neste ramo. Em primeiro lugar, as fabricações de produtos de perfumaria e de sabões e detergentes de uso doméstico. Com 89,7% do emprego do ramo, são os únicos setores de grande tamanho característico. Suas altas produtividades do trabalho refletem o poder de mercado de grandes empresas internacionais que dominam a produção. Os salários são proporcionalmente menores que as produtividades e, inclusive na fabricação de sabões e detergentes de uso doméstico, se situam abaixo da média industrial. A participação de salários no produto e as taxas de excedente são semelhantes às do conjunto do ramo.

Um segundo tipo de indústria é a fabricação de sabões e detergentes de uso industrial. Com apenas 4,7% do emprego, tem pequeno tamanho característico, mas seus salários e produtividade do trabalho são relativamente elevados. A participação da massa de salários no produto é de apenas 16,5% e sua taxa de excedente supera em 85,9% a média industrial, refletindo a débil posição dos trabalhadores frente ao capital. Entretanto, nessa indústria, ela não resulta do poder de mercado das grandes empresas. Em primeiro lugar, a importância dessas empresas em termos de produção não é elevada, como indica o seu pequeno tamanho característico; por outro lado, as margens de propaganda e de gastos de vendas são bem menores que nos outros dois setores mencionados.

Finalmente, a fabricação de velas, com 5,1% do emprego do ramo é uma indústria cuja produção está muito dispersa em pequenos estabelecimentos industriais, que tem salários e produtividades inferiores às respectivas médias industriais. A participação da massa de salários no produto do setor é de 21,6% e sua taxa de excedente por pessoa ocupada é menor que a média industrial.

Concluindo, "Perfumaria, Sabões e Velas" é um ramo onde é generalizada a debilidade do trabalho frente ao capital, especialmente nas indústrias onde a produção é muito concentrada nos grandes estabelecimentos pertencentes a empresas internacionais que dispõem de elevado poder de mercado para fixar mark-up sobre os custos primários e onde são importantes os gastos de propaganda e de vendas.

II.3.4.2 - Fumo

O salário médio do ramo é superior em 27,7% à média industrial, enquanto sua produtividade do trabalho é mais do dobro da média da indústria de transformação. Em consequência, a taxa de excedente por pessoa ocupada é 2,7 vezes a média industrial e a participação da massa de salários no produto do ramo é de 12,4%.

Esses resultados refletem a situação da produção de cigarros e fumos desfiados, que está integrada à preparação do fumo. Esses dois setores representam 87% do emprego do ramo e 98,9% de seu valor de transformação industrial.

QUADRO 43
F.U.M.O

NOME DO SETOR	Tamanho Caract. Xistico (1.000 cruzeta- ros)	Salário do Setor em Relat- ção ao da Indus- tria de Transfer- ença.	Salário do Setor em Relat- ção ao do Ramo	Produção vidante em Relat- ção ao da Indus- tria de Transfer- ença.	Produção do Setor em Relat- ção ao do Ramo	Participa- ção do Salário no produto do Setor	Participa- ção do Emprego do Ramo	Exceden- te por- centual no Setor em Relat- ção ao da Indus- tria de Transfer- ença.
Preparação do Fumo	16.724	149,56	117,13	67,86	28,45	50,83	21,19	43,34
Fabricação de Cigarros e Fumos Destilados	80.259	136,64	108,58	336,52	141,09	9,91	65,83	395,51
Fabricação de Charutos e Cigarilhas	1.110	36,45	28,55	20,20	8,47	41,67	12,98	19,32
TOTAL DO RAMO	61.876	127,69	100,00	236,52	100,00	12,36	100,00	211,79

Essa indústria, onde predominam grandes estabelecimentos industriais pertencentes a empresas estrangeiras com grande poder de mercado, tem altos salários e produtividade do trabalho.

A outra indústria deste ramo se dedica à produção de charutos e cigarrilhas. Com 13% do emprego do ramo, tem produção dispersa em pequenos estabelecimentos industriais e baixos salários e produtividades do trabalho. A participação de salário no produto é de 41,7% e a taxa de excedente por pessoa ocupada é de apenas 15,3% do valor da respectiva média industrial.

Em resumo, "Fumo" tem situação semelhante à de "Perfumaria, Sabões e Velas". Predominam indústrias de produção altamente concentrada em grandes estabelecimentos pertencentes a empresas internacionais com elevado poder de mercado para fixar mark-up sobre custos primários e importantes gastos de propaganda e de vendas; e é débil a posição relativa dos trabalhadores, apesar dos seus salários relativamente elevados no contexto da indústria de transformação.

II.3.4.3 - Produtos Farmacêuticos

O salário médio deste ramo é superior em 66,8% à média industrial, enquanto a produtividade do trabalho é quase o triplo da média da indústria de transformação. Em consequência, a participação da massa de salários no produto do ramo é de 13,3% e sua taxa de excedente por pessoa ocupada é de mais de 3 vezes a respectiva média industrial.

A desagregação setorial deste ramo é insuficiente para uma análise mais detalhada. Os resultados refletem as condições da fabricação de produtos farmacêuticos dos quais representa 95,3% do emprego do ramo e 98,1% de seu valor de transformação industrial. Neste setor, predomina a concorrência monopolista. Não há integração da indústria com a produção das matérias primas básicas, que são em grande parte importadas. Por este motivo, são mais importantes as operações propriamente de laboratórios do que as operações industriais.

Dominam a produção do setor, empresas internacionais com elevado poder de mercado para fixar mark-up sobre seus custos primários. Esta a razão da baixa participação de salário no produto do setor e da alta taxa de excedente, apesar dos altos salários prevalecentes.

QUADRO 4
 PRODUTOS FARMACÊUTICOS

NOME DO SECTOR	Tamanho Característico (1000 Cruzados)	Salário do Sector em Relação ao da Indústria de Transformação	Salário do Sector em Relação ao do Ramo	Produtividade do Sector em Relação a da Indústria de Transformação	Produtividade do Sector em Relação ao do Ramo	Participação do Salário do Produto do Sector	Participação do Sector no Emprego do Ramo	Excedente por Pessoa Ocupada no Sector em Relação a Indústria de Transformação
Fábr. de Prod. Farmacêuticos e Veterinários não Químicos	6895	167,74	100,55	117,48	35,44	32,97	4,72	102,39
Fábr. de Produtos Farmacêuticos e Veterinários Químicos	30267	168,78	99,99	257,84	102,92	12,92	81,28	137,32
TOTAL RAMO	30262	168,82	100,00	258,42	100,00	13,31	100,00	328,72

II.3.5 - O subgrupo de "Editorial e Gráfica"

O salário médio do ramo é superior em 39,4% à média industrial, enquanto a produtividade do trabalho é equivalente à média da indústria de transformação. Em consequência, a participação da massa de salários no produto do ramo é de 32,3% e a taxa de excedente por pessoa ocupada equivale a 87,8% da média industrial.

Existem 12 setores neste ramo para os quais há evidências de correlação entre tamanho e produtividade e entre produtividade e salário, não havendo indícios de correlação entre tamanho e salário.

Por outro lado, há uma grande dispersão setorial de produtividades, que corresponde a uma elevada dispersão setorial de salários, que, por sua vez, se vincula estreitamente à forma em que se organiza o mercado de trabalho, cujas categorias consideram as particularidades das distintas indústrias do ramo.

Este é o ramo onde é mais forte a posição relativa dos trabalhadores frente ao capital. Isto se manifesta não apenas nos indicadores médios de participação de salário no produto e de taxa de excedente por pessoa ocupada no conjunto do ramo, como também no valor desses indicadores para cada uma de suas indústrias.

Todos os setores têm participação de salário no produto relativamente elevada, inclusive a edição de periódicos (exclusive jornais) que é um setor de elevada con-

QUADRO 45

NOME DO RAMO	TAMANHO CARACTERÍSTICO E PRODUTIVIDADE		TAMANHO CARACTERÍSTICO E SALÁRIO		PRODUTIVIDADE E SALÁRIO	
	COEFICIENTE DE CORRELAÇÃO	NÍVEL DE SIGNIF.	COEFICIENTE DE CORRELAÇÃO	NÍVEL DE SIGNIF.	COEFICIENTE DE CORRELAÇÃO	NÍVEL DE SIGNIF.
EDITORIAL E GRÁFICA	0,5245	4,0	0,4695	5,3	0,7762	0,1

CONTAS DE PASSIVO
CATEGORIA 1 - PASSIVO

NOME DO GRUPO	Descrição	1998		1999		2000		2001		TOTAL
		Saldo em Realizado								
Edição e Impressão de Periódicos e Livros	Impostos	20.158	228.227	210.215	222.227	222.227	222.227	222.227	222.227	222.227
	Produção de Matrizes para Impressão	2.858	170.118	227.118	227.118	227.118	227.118	227.118	227.118	227.118
	Edição e Impressão de Periódicos	24.173	107.225	110.225	110.225	110.225	110.225	110.225	110.225	110.225
	Compra de Impressão de Livros	10.412	151.104	108.110	108.110	108.110	108.110	108.110	108.110	108.110
	Impressão de Periódicos e Livros em Formato Eletrônico e Outros Periódicos	5.221	244.110	108.110	114.110	114.110	114.110	114.110	114.110	114.110
	Impressão de Periódicos para outros fins	4.258	241.221	101.221	101.221	101.221	101.221	101.221	101.221	101.221
	Impressão de Periódicos	3.405	120.110	101.221	101.221	101.221	101.221	101.221	101.221	101.221
	Impressão de Periódicos para outros fins	4.078	109.110	72.225	67.225	67.225	67.225	67.225	67.225	67.225
	Impressão de Periódicos para outros fins	6.457	94.221	68.221	58.221	58.221	58.221	58.221	58.221	58.221
	Impressão de Periódicos para outros fins	337	85.221	62.221	57.221	57.221	57.221	57.221	57.221	57.221
Edição e Impressão de Periódicos e Livros	Impressão de Periódicos e Livros	5.078	64.225	60.225	63.221	63.221	63.221	63.221	63.221	63.221
	Edição e Impressão de Periódicos e Livros	1.026	24.221	58.221	58.221	58.221	58.221	58.221	58.221	58.221
TOTAL GRUPO		21.130	239.225	100.225	100.225	100.225	100.225	100.225	100.225	100.225

centração da produção em grandes estabelecimentos industriais e de alta produtividade do trabalho.

Por outro lado, os únicos setores com salários inferiores à média industrial dedicam-se à impressão de material escolar e a diversos tipos de serviços gráficos. De pequeno tamanho característico e baixa produtividade do trabalho, representam em conjunto apenas 5,2% do emprego do ramo.

Os setores mais importantes do ponto de vista do emprego são a impressão de material para uso industrial, comercial e de propaganda e a edição e impressão de jornais. Representam, em conjunto, 70,7% do emprego do ramo, suas produtividades não são muito elevadas e os seus salários são proporcionalmente mais altos. A participação de salário no produto supera 30% e a taxa de excedente é inferior à respectiva média industrial.

Concluindo, destaca-se a posição relativa dos assalariados no mercado de trabalho das indústrias de "Editorial e Gráfica". Este resultado está vinculado à forma de organização do mercado de trabalho deste ramo onde se identificam categorias que correspondem às suas distintas indústrias (gráficos, edições de livros, periódicos e jornais). Esta forma de organização do mercado de trabalho contribui para acentuar a dispersão setorial de salários, mas é responsável, também, pelos relativamente bons resultados obtidos pelos assalariados das indústrias de maior produtividade do trabalho, que se refletem nas elevadas participações de salário no produto, compatíveis com altas taxas de excedente por pessoa ocupada, devido à alta produtividade do trabalho.

III - Tamanho, Salário e Produtividade do Trabalho dos Setores com os Maiores Salários da Indústria de Transformação

Pretendemos aqui demonstrar que as diferenças entre as categorias do mercado de trabalho se sobrepõe a outros aspectos da estrutura industrial, tais como o tamanho dos estabelecimentos industriais e a produtividade do trabalho, na explicação das remunerações dos trabalhadores.

Foi visto no ítem anterior que os ramos de baixos salários tinham um número relativamente elevado de setores com baixos salários médios e eles representavam em conjunto uma elevada proporção do emprego dos seus respectivos ramos. Agora, esta não é a única razão dos baixos salários daqueles ramos, porque também os seus setores mais modernos, aqueles de maiores tamanho característico, salário e produtividade do trabalho, têm salários inferiores aos dos setores de altos salários dos ramos de elevados salários médios, independentemente do tamanho característico desses setores e dos seus níveis de produtividades do trabalho.

Para tanto, consideramos neste ítem, apenas os setores com salários médios maiores que o salário médio da indústria de transformação. O quadro que segue mostra as distribuições do número de setores a quatro dígitos entre

NÚMERO DE SETORES A 4 DÍGITOS NO INTERIOR DOS RAMOS INDUSTRIAIS

RAMOS INDUSTRIAIS	NÚMEROS DE SETORES A 4 DÍGITOS	NÚMEROS DE SETORES A 4 DÍGITOS COM SALÁRIOS ACIMA DA MÉDIA INDUSTRIAL
Minerais não Metálicos	28	10
Metalúrgica	35	25
Mecânica	23	22
Material Elétrico e de Comunicação	23	21
Material de Transporte	17	14
Madeira	21	3
Mobiliário	11	2
Papel e Papelão	16	7
Borracha	13	6
Couros e Peles	8	0
Química	23	17
Produtos Farmacêuticos	2	2
Perfumaria, Sabões e Velas	5	3
Produtos de Materiais Plásticos	12	5
Textil	28	8
Vestuário e Calçado	17	1
Produtos Alimentares	39	6
Bebidas	12	3
Fumo	3	2
Editorial e Gráfica	12	8
Diversos	27	10
Total Indústria de Transformação	375	175
	100,00	100,0

os ramos industriais a dois dígitos, quando considerados todos os setores da indústria de transformação e quando considerados apenas os setores com salários maiores que o salário médio da indústria de transformação.

Tomando como ramos de altos salários, representantes das categorias do mercado de trabalho melhor remuneradas, aqueles com salários médios expressivamente maiores que o salário médio da indústria de transformação, tenho que eles são os ramos "Metalúrgica", "Mecânica", "Material Elétrico e de Comunicações", "Material de Transporte", "Papel e Papelão", "Borracha", "Química", "Produtos Farmacêuticos", "Perfumaria, Sabões e Velas", "Fumo", e "Editorial e Gráfica". Os demais ramos são de baixos salários e representam as categorias do mercado de trabalho pior remuneradas.

As distribuições mencionadas indicam que todos os ramos de baixos salários passam a ter menores frequências relativas quando são considerados apenas os setores com salários maiores que a média industrial. Por outro lado, entre os ramos de altos salários apenas em "Papel e Papelão" e em "Borracha" isto ocorre, e assim mesmo a diminuição verificada na frequência relativa é de magnitude desprezível. Esta alteração na distribuição do número de setores entre os ramos industriais, refletem a menor proporção de setores de baixos salários nos ramos com salários médios expressivamente acima do salário médio da indústria de transformação.

Em nossa análise foi considerado setor de grande tamanho característico aquele cujo tamanho caracterís

tico é maior que o do conjunto da indústria de transformação. Os demais setores foram considerados de tamanho característico pequeno. Se obteve que dos 175 setores com salários maiores que a média industrial, 46 deles têm grande tamanho característico e 129 têm tamanho característico pequeno, ou seja, 73,7% dos setores com altos salários têm tamanho característico pequeno.

Aplicado o teste da mediana, para comparar os salários e produtividades de setores de grande tamanho característico, obtive que a mediana das produtividades dos 175 setores considerados é de aproximadamente 25,5 mil cruzeiros anuais por pessoa ocupada, ou seja, 26,3% superior à produtividade média da indústria de transformação.

O quadro que segue mostra que entre os setores de grande tamanho característico, são mais frequentes os setores com salários superiores à mediana, ocorrendo o contrário entre os setores de pequeno tamanho característico. Ao nível de significância de 5%, as proporções observadas são significativamente distintas das que seriam esperadas caso não houvessem diferenças entre os dois tipos de setores definidos pelos seus tamanhos característicos, quanto às suas produtividades do trabalho.

Assim sendo, posso afirmar que, em geral, os setores de grande tamanho característico têm produtividades maiores que os dos setores de pequeno tamanho característico.

Apliquei teste análogo para verificar se os setores de grande tamanho característico têm salários maiores

QUADRO 48
 Tamanho Característico e Produtividade dos Setores com
 Salários Superiores à Média Industrial

	Setores com Produti- vidade não superiores à mediana	Setores com Produti- vidade superiores à mediana	TOTAL
Setores com tamanho característico supe- rior ao do conjunto da indústria de transformação	08	38	46
Setores com tamanho característico supe- rior ao do conjunto da indústria de transformação	80	49	129
	88	87	175

$\chi^2 = 25,25$ $P(\chi^2(1) > 3,84) = 0,05$

que os de pequeno tamanho característico. A mediana dos salários dos 175 setores é de 6 mil cruzeiros anuais por pessoa ocupada, ou seja, ligeiramente mais que 2,5 salários mínimos da Guanabara (de 1970) ou seja, cerca de 28% acima da média industrial.

O quadro seguinte mostra que entre os setores de grande tamanho característico são mais frequentes aqueles que têm salários maiores que a mediana, enquanto entre os setores de tamanho característico pequeno são mais frequentes aqueles com salários inferiores à mediana. Entretanto, as proporções observadas não são significativamente distintas das que seriam esperadas caso não houvessem diferenças entre os dois grupos de setores definidos de acordo aos seus tamanhos característicos.

Logo, não posso afirmar que os setores de grande tamanho característico têm salários maiores que os dos setores de tamanho característico pequeno.

Tenho então que o tamanho dos estabelecimentos industriais tem uma influência significativa sobre as produtividades do trabalho dos setores considerados, independentemente do ramo onde eles se encontrem localizados. Quanto aos seus salários, a influência do tamanho já não é significativa.

Uma hipótese explicativa do resultado anterior afirma que são os distintos ramos a que pertencem os setores, o fator perturbador da influência do tamanho sobre os salários dos setores.

Para verificar essa hipótese, estratifiquei os 175 setores segundo pertençam a ramos de altos ou baixos salários, anteriormente definidos. Em seguida, verifiquei separadamente para os dois grupos de setores, de acordo a seus tamanhos característicos, as proporções de setores com salários acima ou abaixo da mediana entre setores pertencende

QUADRO 49

Tamanho característico e salário dos setores com salários superiores à média industrial

	Sectores com salários não superiores a mediana	Sectores com salários superiores a mediana	TOTAL
Sectores com tamanho característico superior ao do conjunto da industria de trans- formação	18	26	46
Sectores com tamanho característico não superior ao do conjunto da industria de trans- formação	70	59	129
TOTAL	88	87	175

$\chi^2 = 2,53$

$P(\chi^2 (1) > 3,84) = 0,05$

tes a ramos de altos e de baixos salários.

O quadro 50 mostra que 60,9% dos setores de grande tamanho característico têm salários superiores à mediana. Aplicando o teste binomial com 5% de nível de significância, verifica-se que aquela proporção não é significativamente maior que 50%. Assim sendo não posso afirmar que para o conjunto dos setores de grande tamanho característico, sejam mais frequentes os setores com salários relativamente elevados..

Considerando separadamente os setores de grande tamanho característico de acordo ao tipo de ramo a que eles pertencem, verifica-se que se ele pertence a um ramo de alto salário é mais provável que ele tenha salário médio relativamente elevado, enquanto se ele pertence a um ramo de baixo salário é mais provável que ele tenha salário médio relativamente baixo.

Efetivamente, dos 34 setores de grande tamanho característico pertencentes a ramos de altos salários, 76,5% deles tem salário maior que a mediana. Por outro lado, dos 12 setores de grande tamanho característico pertencentes a ramos de baixos salários, 83,3% deles tem salário inferior à mediana.

Assim, a maior parte dos setores de grande tamanho característico pertencentes a ramos de altos salários pagam salários relativamente elevados. Entretanto, a

QUADRO 5.1
 Tamanho característico e salário dos setores
 com salários superiores à média industrial

	Setores com salários não superiores a mediana	Setores com salários su- periores a mediana	TOTAL
Setores de grande tamanho característico pertencentes a ramos com salários supe- riores a média industrial	8	26	34
Setores de grande tamanho característico pertencentes a ramos com salários não supe- riores a média industrial	10	2	12
TOTAL	18	28	46

existência de setores de grande tamanho característico que pertencem a ramos de baixos salários, que em sua maioria pagam salários relativamente baixos, fazem com que, ao se considerar todos os setores de grande tamanho característico, independentemente do tipo de ramo a que eles pertencem, não sejam mais frequentes, de modo significativo, aqueles que pagam salários relativamente altos.

Por outro lado, o quadro seguinte mostra que dos 129 setores de tamanho característico pequeno, 54,3% deles pagam salários relativamente baixos. Esta percentagem não é significativamente maior que 50%, de modo que não há evidências para afirmar que entre os setores de tamanho característico pequeno sejam mais frequentes aqueles que pagam salários relativamente baixos, do que aqueles que pagam salários relativamente altos.

Verificando separadamente a situação dos setores de pequeno tamanho característico conforme o tipo de ramo a que pertençam, nota-se que somente para os setores de pequeno tamanho característico pertencente a ramo de baixo salário são mais frequentes, de modo significativo, aqueles que pagam salários relativamente baixos.

Efetivamente, dos 36 setores de pequeno tamanho característico e de ramo de baixo salário, 66,7% deles pagam salários menores que a mediana e esta percentagem é significativamente superior a 50%. No caso dos 93 setores restantes, de pequeno tamanho característico e de ramo de alto salário, 47 deles têm salário acima da mediana e os ou

TAMANHO CARACTERÍSTICO E SALÁRIO DOS SETORES COM SALÁRIOS SUPERIORES
À MÉDIA INDUSTRIAL

	Setores com salários não superiores à mediana	Setores com salários superiores à mediana	TOTAL
Setores de pequeno tamanho característico pertencentes a ramos com salários superiores à média industrial	46	47	93
Setores de pequeno tamanho característico pertencentes a ramos com salários não superiores à média industrial	24	12	36
TOTAL	70	59	129

tros 46 tem salários não superiores à mediana.

As diferenças entre os tipos de ramos perturbam a influência do tamanho sobre o salário. Os setores de pequeno tamanho característico não tendem a apresentar salário baixo se ele pertence a ramo de alto salário, enquanto os setores de grande tamanho característico só tendem a apresentar salários altos se ele pertence a ramo de alto salário, pois se ele pertence a ramo de salário baixo então ele provavelmente terá salário baixo, mesmo tendo grande tamanho característico.

A importância da diferença entre os tipos de ramos identificados na determinação dos salários dos setores industriais, pode ser confirmada no quadro que se segue onde são mostradas as proporções de setores com salários superiores e inferiores à mediana, nos dois tipos de ramos identificados.

Se observa que entre os setores localizados em ramos de altos salários são mais frequentes aqueles que têm salários superiores à mediana, enquanto nos setores de ramos de baixos salários são mais frequentes aqueles com salários inferiores à mediana. As proporções observadas são significativamente distintas das esperadas caso não houvessem diferenças entre os tipos de ramos no referente aos salários de seus setores. De modo que, setores de ramos de altos salários têm salários maiores que os de ramos de baixos salários, quando considerados apenas os setores de maiores salários dos dois tipos de ramos.

QUADRO 52
 Categoria Trabalhista e Salário

	Setores com Salários não Superiores à Mediana	Setores com Salários Superiores à Mediana	TOTAL
Setores Pertencentes a Ramos com Salários Superiores a Média Industrial	54	73	127
Setores Pertencentes a Ramos com Salários Superiores a Média Industrial	34	14	48
TOTAL	88	87	175

$$X^2 = 10,07$$

$$P (X^2 (1) > 3,84) = 0,05$$

Resta-nos verificar se o resultado obtido é apenas um reflexo das maiores produtividades do trabalho dos setores de ramos altos salários frente as dos setores de ramos de baixos salários. Neste sentido o quadro a seguir mostra as proporções de setores com produtividades maiores e menores que a mediana nos dois tipos de ramos definidos anteriormente.

Se observa que nos setores de ramos de altos salários são mais frequentes aqueles que tem produtividades inferiores à mediana, enquanto nos setores de ramos de baixos salários são mais frequentes aqueles com salários superiores à mediana. Entretanto, as proporções observadas não são significativamente distintas das que seriam esperadas caso não houvessem diferenças de produtividades entre os setores dos dois tipos de ramos.

De modo que as diferenças de ramo, consideradas uma aproximação às categorias do mercado de trabalho, são importantes para explicar as diferenças setoriais de salários, pois os setores de ramos de altos salários têm maiores salários que aqueles de ramos de baixos salários, mesmo não sendo maiores suas produtividades do trabalho.

Mesmo considerando somente os setores de maiores salários da indústria de transformação, o tamanho dos estabelecimentos industriais é relevante para explicar as produtividades setoriais, porém não influi expressivamente na determinação dos salários daqueles setores. E as diferenças entre as categorias do mercado de trabalho são relevan-

QUADRO 53
 Categoria Trabalhista e Produtividade

	Setores com Produtividades não superiores à mediana	Setores com Produtividades superiores à mediana	TOTAL
Setores Pertencentes a Ramos com Salários superiores a Média Industrial	65	62	127
Setores Pertencentes a Ramos com Salários não Superiores a Média Industrial	23	25	48
TOTAL	88	87	175

$$X^2 = 0,05$$

$$P (X^2(1) > 3,84) = 0,05$$

tes para explicar os salários dos setores, mesmo que não tenham o mesmo significado para explicar suas produtividades do trabalho. Em outras palavras, as características institucionais do mercado de trabalho (expressas através da estratificação por ramos), se sobrepõe na determinação do salário, às características técnicas e econômicas das distintas indústrias (expressas através dos indicadores de tamanho e produtividade).

CONCLUSÃO

A estrutura industrial brasileira é muito heterogênea do ponto de vista técnico-econômico. Foi meu objetivo, levando em consideração tal heterogeneidade, analisar a estrutura salarial no interior da indústria de transformação, buscando compreendê-la na sua singularidade.

Numa primeira aproximação, vimos, no capítulo primeiro, a predominância das baixas remunerações em toda a indústria de transformação, predominância essa, ademais, relativamente independente da distinção entre salários e ordenados.

Já a este nível de aproximação, manifesta-se o efeito da amplitude das categorias trabalhistas sobre a distribuição de salários. Vimos, entretanto, que, no interior das distintas categorias, a dispersão de ordenados é maior que a de salários, enquanto que as diferenças de salários entre as categorias são maiores que as de ordenados, o que indica a maior importância para salários que para ordenados, da existência de categorias amplas.

A configuração das categorias do mercado de trabalho - e é fundamental enfatizá-lo - produz efeitos particulares sobre a diferenciação de salários já implícita numa estrutura industrial, como a brasileira, onde prevalecem formas de organização oligopólica as mais diversas. Em geral, posso afirmar, como os dados do capítulo segundo nos permitem, que a amplitude das categorias tende a acentuar a

desproporção entre salários e produtividade típica de estruturas oligopólicas.

A dispersão de salários na estrutura industrial é menor que a dispersão de produtividades e este facto reflete o poder do capital sobre o trabalho, que é diferenciado no interior da estrutura produtiva. No entanto, a importância da forma de organização do mercado de trabalho, em grande medida um facto institucional, se manifesta na desproporção em que diferem aquelas dispersões no interior das categorias trabalhistas e entre estas mesmas categorias. A dispersão de salários médios entre as distintas categorias trabalhistas está mais próxima da dispersão de suas produtividades médias do que estão as dispersões de salários e de produtividades no interior das categorias, entre as indústrias que elas abarcam.

Conclui-se que, em presença de correlação entre salário e produtividade do trabalho, a vigência de amplas categorias do mercado de trabalho uniformiza os salários das indústrias que elas abarcam, acentuando a desproporção entre salário e produtividade nas indústrias de níveis mais elevados de produtividade do trabalho.

Esta situação é particularmente manifesta nos ramos metal-mecânicos e na textil, onde, como consequência da uniformização de salários, resultante da grande amplitude da categoria trabalhista, a posição relativa dos trabalhadores das indústrias de níveis mais elevados de produtividade do trabalho, se vê mais débil que a dos

trabalhadores das indústrias de menores níveis de produtividade.

Em menor medida a relativa uniformização de salários derivada da organização institucional do mercado de trabalho, também contribui para acentuar a desproporção entre salários e produtividades das indústrias dos ramos "Minerais não Metálicos", "Borracha", "Química", "Produtos Farmacêuticos", "Perfumaria, Sabões e Velas", "Produtos Alimentares", "Bebidas", "Fumo" e Diversos". Nesses ramos, porém, são mais evidentes outros fatores estruturais que incidem sobre aquela desproporção, quais sejam, o poder de mercado das grandes empresas, a elevada intensificação do capital, a grande heterogeneidade dos tamanhos dos estabelecimentos industriais, a diferenciação rural/urbana da localização do estabelecimento e o caráter de luxo de sua produção.

Nos ramos "Papel e Papelão" e "Editorial e Gráfica" a posição relativa dos trabalhadores não se vê expressivamente prejudicada pela forma de organização do mercado de trabalho. No primeiro caso a unidade de categoria do mercado de trabalho está conforme a relativa homogeneidade das indústrias do ramo. Em "Editorial e Gráfica", além de existirem várias categorias trabalhistas que refletem a heterogeneidade das indústrias do ramo, a organização sindical do ramo tem favorecido em termos relativos as distintas categorias. Nos dois casos os trabalhadores de todas as indústrias de cada ramo logram participações de salário no produto que para nossa indústria de transformação são relativamente elevadas.

Nos ramos "Madeira", "Mobiliário", "Couro e Peles" e "Vestuário e Calçado", o tipo de produção rudimentar que prevalece nas suas indústrias impede uma maior diferenciação de salários, mesmo quando haja certa correspondência entre as categorias do mercado de trabalho e da organização estrutural do ramo, como parece suceder em "Couro e Peles" e "Vestuário e Calçado".

Finalmente, a inadequação da organização institucional do mercado de trabalho se manifesta ao estudar-se a relação entre salário e produtividade do trabalho nos setores que pagam os maiores salários da indústria de transformação, quando esta aparece mediada pelo tamanho dos estabelecimentos, que expressa o poder da massa de capital em cada setor.

O tamanho dos estabelecimentos industriais é fundamental para explicar as diferenças de produtividade, pois manifestam o distinto poder de mercado e/ou a distinta intensidade de capital de setores de diferentes tamanhos característicos. Não tem igual significado, no entanto, para explicar as diferenças inter-setoriais de salários, pois para isto é necessário considerar o tipo de categoria trabalhista a que pertencem os trabalhadores dos distintos setores. O fato dos trabalhadores de um setor caracterizado pela predominância de estabelecimentos de grande porte (e que por este motivo tem alta produtividade média) pertencerem a uma categoria trabalhista de baixo salário médio, significa uma forte pressão a rebaixar salários potencial-

mente mais altos, daqueles segmentos da indústria melhor colocados. Daí que podemos afirmar que quanto maior a base salarial da categoria trabalhista, maior a pressão para deprimir os salários dos setores que têm maior tamanho característico e maior produtividade do trabalho.

Deste modo as diferenças de salário médio das categorias trabalhistas refletem não apenas a predominância de emprego em setores de baixa produtividade e salário, mas também o fato de que os setores de maior produtividade das categorias pior remuneradas têm salários inferiores aos de setores de produtividade equivalente das categorias melhor remuneradas.

Em resumo, a segmentação do mercado de trabalho em categorias amplas numa estrutura industrial heterogênea acentua a desproporção entre salário e produtividade dos setores mais progressistas de cada categoria e esta desproporção tende a ser tanto maior quanto menor seja o salário médio da categoria. Resulta pois, que esta forma de organização do mercado de trabalho não evita a diferenciação de salário na estrutura industrial mas faz com que a dispersão setorial de salários no interior de cada categoria trabalhista seja menor que a de produtividades. Deste modo não só saem prejudicados os trabalhadores das indústrias de maior produtividade no interior de cada categoria, como há uma tendência implícita à baixa participação dos salários no produto industrial.

Nas condições da organização industrial brasileira, a assimetria marcante entre a estruturação do mercado e a das empresas e setores industriais, facilita, particularmente, numa situação política desfavorável aos assalariados, que se tome como pretexto, a situação das empresas e dos ramos de indústrias mais débeis para rebaixar o salário médio da categoria em geral, ou se tome como ameaça sindical, as reivindicações salariais dos estamentos mais qualificados e/ou empregados nas empresas e setores de alta produtividade. Esta situação estrutural e a falta de liberdade política dos sindicatos para modificar tanto a sua forma de organização, como as condições de negociação salarial, dá lugar a não poucos equívocos e mistificações ideológicas. Entre estes, conta-se a "racionalização oficial" de uma rígida política de "arrocho" salarial, como sendo a mais adequada às "condições vigentes" na indústria brasileira.

A situação de assimetria, em seu duplo aspecto econômico e político, é, pois, o núcleo central da manutenção das "condições vigentes" na indústria. Essa situação permite, entre outras coisas, a existência de uma renda diferencial de tipo monopólico em favor de uma série de empresas cujo poder efetivo de mercado está longe de ser monopólico. Permite, também, a sobrevivência de um conjunto de pequenas empresas e de setores marginais no mercado, com taxas de rentabilidade ao nível da esfera produtiva que as colocam como empresas "eficientes" (tal como mostra o trabalho já citado de Carlos Eduardo do Nascimento Gonçalves).

Atribuimos, portanto, à forma de organização do mercado de trabalho a perda do seu poder real de negociação, um lugar importante na explicação da baixa participação da massa de salários no produto industrial e sua evolução desfavorável aos assalariados, particularmente no período recente.

A nossa tese esteve basicamente centrada no confronto entre ^{as} categorias em que estão estruturados o mercado de trabalho e a indústria. Entretanto, não deixamos de ter em mente que a inexistência de uma ampla e forte organização dos trabalhadores de âmbito nacional agrava substancialmente a tendência geral à baixa participação da massa de salários no produto industrial. Nosso ponto de vista é que com ela haveria a possibilidade dos trabalhadores compensarem, pelo menos em parte, através de um maior poder político, a perda de poder econômico implícita no crescimento e diversificação monopólicos do capital industrial.

Uma organização da classe trabalhadora, mais forte e mais ampla que se sobrepusesse a uma outra que acompanhasse mais de perto a evolução da estrutura industrial, se bem não poderia evitar totalmente a tendência do afastamento entre produtividade e salário, poderia subir a base salarial da negociação da indústria em seu conjunto. Permitiria além disso, que as diferenças salariais dos distintos segmentos da classe trabalhadora tivessem efetivamente como referência as diferenças inter-setoriais de produtividade e não como verificamos no transcurso da dissertação,

fossem apenas correlacionadas com aquelas numa estreita margem de dispersão de salários e num amplo espectro de produtividade.

NOTAS

- (1) A fonte de informações das distribuições de salários dos gêneros industriais que utilizo, é o Inquérito da Produção Industrial de 1970, Anuário Estatístico de 1972, IBGE.
- (2) "Estudos Sócio-Econômicos: Dez anos de política salarial", DIEESE, agosto, 1975.
- (3) Entendemos por indústria, um conjunto de estabelecimentos que utilizam processos tecnológicos análogos e fabricam produtos semelhantes. O estabelecimento industrial é a unidade econômica básica das estatísticas industriais do IBGE. Refletindo apenas a unidade de produção, restringe a consideração da estrutura industrial ao seu aspecto eminentemente produtivo, pois um apreciável número de empresas, entendidas como unidade de capital, principalmente no caso das maiores, possuem mais de um estabelecimento industrial. Desta forma, as outras dimensões típicas da empresa capitalista, tais como a financeira, a comercial e a propriamente empresarial, não podem ser abordadas diretamente através dos dados censitários.
- (4) A definição de operário utilizada pelo IBGE inclui não apenas os operários propriamente ditos, mas também os mestres e contramestres.
- (5) Como é usual, foi adotado para todos os testes de hipótese a serem realizados nesta pesquisa, o nível de significância de 5%. Daqui em diante, sempre que afirmos a significância do valor de uma estatística utilizada em algum teste de hipótese, se sobreentenderá que trata-se do nível de significância de 5%.

- (6) A título de curiosidade, destacamos algumas discordâncias nas colocações dos gêneros, de acordo com as duas fontes de informações utilizadas, vale dizer, o Censo Industrial e o Inquérito da Produção Industrial.

As principais diferenças nas colocações dos gêneros nas ordenações, segundo o salário dos operários, de acordo com as duas fontes de informações, verificam-se em "Metalúrgica" e "Mobiliário", que nesse aspecto tem melhor situação no Inquérito que no Censo.

No que se refere aos ordenados, as principais diferenças entre as classificações se dão com os gêneros "Mobiliário", "Couro e Peles", "Papel e Papelão" e "Textil". Os dois primeiros têm melhor colocação no Inquérito e os outros dois têm melhor situação no Censo.

Finalmente, quanto às remunerações do conjunto de operários e administrativos, as principais diferenças verificam-se com "Mobiliário", "Bebidas" e "Fumo", sendo que os dois primeiros têm melhor colocação no Inquérito e o último tem melhor situação no Censo.

- (7) Para facilitar a apresentação das distribuições acumuladas de salários e de ordenados, admitimos que o menor salário era de 131,25 cruzeiros de 1970, ou seja, 0,7 do maior salário mínimo vigente no país. Além disso, consideramos que este menor salário era o mesmo para todos os gêneros industriais e igual também ao menor ordenado. Este valor imputado arbitrariamente

ao menor salário e ordenado não inside em nenhum momento na análise e visa apenas facilitar a construção das tabelas.

- (8) Os casos em que esta concentração é menor são em "Fumo", "Madeira" e "Material de Transporte". Em "Madeira" cerca de 68,5% dos operários estão nesta faixa salarial, enquanto que em "Material de Transporte" e em "Fumo" ela contém respectivamente 68,3% e 63,2% dos seus operários. Portanto, à exceção de "Fumo", não menos de 2/3 dos operários estão na faixa salarial de 0,8 a 3,6 salários mínimos, qualquer que seja o gênero industrial considerado.
- (9) Os casos onde se dão as menores frequências nesta faixa salarial são "Material de Transporte" e "Produtos Farmacêuticos" e ela é aproximadamente 58% em cada um desses casos.
- (10) Para identificar o valor mediano no interior do intervalo de classe que o contém, adotamos a hipótese de que os salários se distribuem de modo uniforme no interior daquela classe.
- (11) Neste ítem se considera o pessoal ocupado como a soma de operários e administrativos, definidos no Inquérito da Produção Industrial.
- (12) "Material de Transporte" e "Fumo" têm as menores frequências de salários naquela faixa e mesmo nesses casos, pouco menos de 2/3 do pessoal ocupado recebem salários de 0,8 a 3,6 salários mínimos.
- (13) Emprego, aqui, a expressão "faixa salarial" no sentido que lhe é atribuído pelos manuais de administração de salários: a diferença entre o terceiro e o primeiro quartil.

(14) Considera-se neste ítem os salários médios do pessoal ocupado, definidos pelos Censos Industriais de 1960 e de 1970.

(15) O gênero "Fumo" é de altos salários apenas em 1970, enquanto "Produtos de Matérias Plásticas" era um gênero de altos salários em 1959, deixando de sê-lo em 1970 e "Bebidas" e "Diversos" pagam salários próximos da média industrial nos dois anos considerados.

(16) A fórmula em que se expressa o índice de Niehans é a seguinte:

$$I.N. = \frac{\sum_i VPi}{\sum_i NEi} \frac{VPi}{VP}$$

Onde:

VPi - Valor de produção da classe de tamanho i

VP - Valor de produção do gênero industrial

NEi - Número de estabelecimentos industriais na classe de tamanho i.

(17) O Censo de 1970 não permite a diferenciação entre operários e pessoal administrativo. Assim, nossa análise se restringirá ao conjunto do pessoal ocupado, o que, naturalmente, diminui seu rigor. Porém, como vimos anteriormente, os resultados ainda assim são significativos.

(18) Trabalhou-se com 375 gêneros industriais a quatro dígitos distribuídos entre os 21 gêneros a dois dígitos.

(19) Fanzylber, F.- Sistema Industrial e Exportações de Manufaturados, IPEA/INPES, Relatório de Pesquisa nº 7.

(20) A fórmula em que se expressa a discrepância setorial de produtividades é a seguinte:

$$R = \sum_j \sum_i \frac{VTI_{ij}}{VTI} \ln \frac{\frac{VTI_{ij}}{VTI}}{\frac{PO_{ij}}{PO}} = \sum_j \sum_i \frac{VTI_{ij}}{VTI} \ln \frac{\frac{VTI_{ij}}{PO_{ij}}}{\frac{VTI}{PO}}$$

Onde:

VTI - valor da transformação industrial

PO - Pessoal ocupado

j - Gênero a dois dígitos

i - Gênero a quatro dígitos

(21) As fórmulas dos dois indicadores em que é decomposto o indicador da discrepância setorial de produtividades são os seguintes:

$$R = R_1 + R_2$$

$$R_1 = \sum_j \frac{VTI_j}{VTI} \ln \frac{\frac{VTI_j}{VTI}}{\frac{PO_j}{PO}} = \sum_j \frac{VTI_j}{VTI} \ln \frac{\frac{VTI_j}{PO_j}}{\frac{VTI}{PO}}$$

$$R_2 = \sum_j \frac{VTI_j}{VTI} \sum_i \frac{VTI_{ij}}{VTI_j} \ln \frac{\frac{VTI_{ij}}{PO_{ij}}}{\frac{VTI_j}{PO_j}} = \sum_j \frac{VTI_j}{VTI} \sum_i \frac{VTI_{ij}}{VTI_j} \ln \frac{\frac{VTI_{ij}}{PO_{ij}}}{\frac{VTI_j}{PO_j}}$$

(22) Boissier, S., Smolka M. e Barros, A.- Desenvolvimento Regional e Urbano: diferenciais de produtividade e salários industriais. IPEA/INPES, Relatório de Atividades, nº 15.

(23) As fórmulas em que se expressam os indicadores de discrepância setorial de salários são as seguintes:

$$R = \sum_j \sum_i \frac{SPO_{ij}}{SPO} \ln \frac{\frac{SPO_{ij}}{SPO}}{\frac{PO_{ij}}{PO}} = \sum_j \sum_i \frac{SPO_{ij}}{SPO} \ln \frac{\frac{SPO_{ij}}{PO_{ij}}}{\frac{SPO}{PO}}$$

$$R_1 = \sum_j \frac{SPO_j}{SPO} \ln \frac{\frac{SPO_j}{SPO}}{\frac{PO_j}{PO}} = \sum_j \frac{SPO_j}{SPO} \ln \frac{\frac{SPO_j}{PO_j}}{\frac{SPO}{PO}}$$

$$R_2 = \sum_j \frac{SPO_j}{SPO} \sum_i \frac{SPO_{ij}}{SPO} \ln \frac{\frac{SPO_{ij}}{SPO_j}}{\frac{PO_{ij}}{PO_j}} = \sum_i \frac{SPO_j}{SPO} \sum_j \frac{SPO_{ij}}{SPO_j} \ln \frac{\frac{SPO_{ij}}{PO_{ij}}}{\frac{SPO_j}{PO_j}}$$

Onde:

SPO - Salário total do pessoal ocupado

PO - Pessoal ocupado

j - Gênero industrial a dois dígitos

i - Gênero industrial a quatro dígitos

(24) Para facilitar a exposição, de aqui em diante, chamaremos de ramo, o gênero industrial a dois dígitos e nos reservamos a palavra setor para o gênero industrial a quatro dígitos.

(25) A fórmula corrigida da estatística χ^2 (correção de Yates) é a seguinte:

$$\chi^2 = \frac{N \left(\frac{AD-BC}{N} - \frac{1}{2} \right)^2}{(A+B) (C+D) (A+C) (B+D)}$$

onde:

N - número total de setores considerados

A - número de setores de alto salário e baixa participação de salário no produto

B - número de setores de alto salário e alta participação de salário no produto

C - número de setores de baixo salário e baixa participação de salário no produto

D - número de setores de baixo salário e alta participação de salário no produto.

(26) O Censo Industrial de 1970 inclui no conceito de pessoal ligado à produção, não apenas os operários, mestres e contramestres, mas também o pessoal técnico.

BIBLIOGRAFIA

- BACHA, E. e MATTA, M.- Emprego e salários na indústria de transformação, 1949/1969. Pesquisa e Planejamento Econômico, vol.3, junho/73,nº 2, IPEA.
- BAER, W.- A industrialização e o desenvolvimento econômico do Brasil, Rio de Janeiro, FGV, 1966.
- BOISIER, S ; SMOLKA, M. e BARROS, A.- Desenvolvimento Regional e urbano: diferenças de produtividade e salários industriais. Coleção Relatórios de Pesquisas, IPEA/INPES, nº 15.
- BONELLI, R. et all, Crescimento industrial no Brasil: incentivos e desempenho recente. Rio de Janeiro, IPEA/INPES, 1974 (Coleção Relatórios de Pesquisa, nº 26).
- BRAVERMAN, H.- Trabalho e capital monopolista - a degradação do trabalho no século XX. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
- CANDAL, A.- A industrialização brasileira: diagnóstico e perspectiva. Brasília, Ministério do Planejamento e Coordenação Geral, 1969.
- CANO, W.- Raízes da concentração industrial em São Paulo, S.Paulo, DIFEL, 1977.
- CANO, W.- "Industrialização e absorção de mão-de-obra no Brasil", in Indústria e Produtividade, nº 1, Rio de Janeiro, 1968.
- DOBB, M.- Salários, México, Fondo de Cultura Económica, 1965.
- EMMANUEL, A.- L'Echange inegal. Paris, François Maspero,1972.
- FISHLOW, A.- Origens e consequências da substituição de importações no Brasil. São Paulo, Estudos Econômicos IPE-USP, 1972.

FURTADO, C.- Formação Econômica do Brasil, São Paulo, Ed. Nacional, 1967.

KALECKI, M.- Teoría de la dinámica económica. México, Fondo de Cultura, 1956.

LABINI, S.- Oligopolio y Progreso Técnico. Barcelona, OIKOS-Tau, 1966.

MARX, K.- O Capital. Livro I, vol.2, cap.XXIII. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2a. ed., 1971.

MELLO, J.M.C.- O capitalismo tardio. Campinas, 1975 - tese de doutoramento.

MERHAV, M.- Dependência tecnológica, monopólio y crecimiento. Buenos Aires, Periferia, 1972.

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO E COORDENADORIA GERAL, A industrialização brasileira: diagnóstico e perspectivas, Rio de Janeiro, 1969.

OLIVEIRA, F.- "Crítica à razão dualista", in Estudos CEBRAP, nº 2, São Paulo, 1973.

PINTO, A.- Concentración del progreso técnico y de sus frutos en desarrollo latinoamericano. México, Trimestre Económico, 1965.

RANGEL, I.- A inflação brasileira. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1963.

SERRA, J.- "A reconcentração de renda: justificações, explicações, dúvidas. In A controvérsia sobre distribuição de renda e desenvolvimento. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1975.

SILVA, S.S.- Le café et l'industrie au Bresil, Paris, 1973
(mimeo).

STEINDL, J.- Maturity and stagnation in American Capitalism.
Oxford, Basil Blackwell, 1952.

SUZIGAN, W.; BONELLI, R. et all - Crescimento industrial no
Brasil: incentivos e desempenho recente. Relatório nº 26
IPEA/INPES, Coleção Relatórios de Pesquisa.

TAVARES, M.C.- Acumulação de capital e industrialização no
Brasil. Rio de Janeiro, FEA-UFRJ, 1975 (tese de livre-
docência).

TAVARES, M.C.- Da substituição de importações ao capitalis-
mo financeiro. Rio de Janeiro, Zahar, 1972.

ÍNDICE

<u>INTRODUÇÃO</u>	i
1. Desenvolvimento capitalista e diferenciação salarial na estrutura industrial - considerações gerais	iii
2. Diferenciação salarial na industrialização brasileira	xvi
<u>CAPÍTULO I - DISTRIBUIÇÃO DE SALÁRIOS NOS GÊNEROS DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO</u>	1
I - Salários de operários e de pessoal administrativo ...	12
II - Salários do conjunto do pessoal ocupado	22
III - Salário do pessoal ocupado na década de 1960	28
<u>CAPÍTULO II - SALÁRIO E PRODUTIVIDADE NA ESTRUTURA INDUSTRIAL</u>	36
I - Comparação das dispersões de salário e de produtividade do trabalho	40
II - Diferenciação de salário e produtividade do trabalho no interior dos ramos industriais	49
II.1 - <u>Ramos industriais com salários menores que o salário médio da indústria de transformação</u>	50
II.1.1 - O subgrupo de "Madeira", "Mobiliário", "Couros e Peles" e "Vestuário e Calçado"	50
II.1.1.1 - Madeira	54
II.1.1.2 - Mobiliário	56
II.1.1.3 - Couros e Peles	59
II.1.1.4 - Vestuário e Calçado	61
II.1.2 - O subgrupo de "Minerais não Metálicos", "Produtos Alimentares" e "Textil"	63
II.1.2.1 - Minerais não Metálicos	65
II.1.2.2 - Produtos Alimentares	69
II.1.2.3 - Textil	78
II.2 - <u>Ramos com salários próximos da média industrial</u> ...	82
II.2.1 - Bebidas	84
II.2.2 - Produtos de Matérias Plásticas	87

II.2.3 - Diversos	91
II.3 - <u>Ramos com salários superiores à média da indústria de transformação</u>	94
II.3.1 - O subgrupo de "Borracha", "Metalúrgica" e "Papel e Papelão"	94
II.3.1.1 - Borracha	96
II.3.1.2 - Metalúrgica	99
II.3.1.3 - Papel e Papelão.....	103
II.3.2 - O subgrupo de "Mecânica", "Material Elétrico e de Comunicações" e "Material de Transporte"	105
II.3.2.1 - Mecânica	108
II.3.2.2 - Material de Transporte	111
II.3.2.3 - Material Elétrico e de Comunicações	114
II.3.3 - O subgrupo de "Química"	118
II.3.4 - O subgrupo de "Fumo", "Perfumaria, Sabões e Velas" e "Produtos Farmacêuticos"	124
II.3.4.1 - Perfumaria, Sabões e Velas	124
II.3.4.2 - Fumo	127
II.3.4.3 - Produtos Farmacêuticos	130
II.3.5 - O subgrupo de "Editorial e Gráfica"	132
III - Tamanho, salário e produtividade do trabalho dos setores com os maiores salários da indústria de transformação	136
CONCLUSÃO	152
NOTAS	160
BIBLIOGRAFIA	166